

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

DOUGLAS FERREIRA SOARES

**“PRONUNCIAR” O MUNDO:
DIÁLOGOS ENTRE A TEORIA
FREIREANA E A PRÁXIS EDUCATIVA
EM UMA INSTITUIÇÃO POPULAR, O
“CURSINHO” PRÉ-UNIVERSITÁRIO
EMANCIPA, DE PORTO ALEGRE, RS**

**Bagé
2022**

DOUGLAS FERREIRA SOARES

**“PRONUNCIAR” O MUNDO:
DIÁLOGOS ENTRE A TEORIA
FREIREANA E A PRÁXIS EDUCATIVA
EM UMA INSTITUIÇÃO POPULAR, O
“CURSINHO” PRÉ-UNIVERSITÁRIO
EMANCIPA, DE PORTO ALEGRE, RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Mirela Ribeiro Meira

**Bagé
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S676" Soares, Douglas Ferreira

"PRONUNCIAR" O MUNDO: DIÁLOGOS ENTRE A TEORIA FREIREANA E A PRÁXIS EDUCATIVA EM UMA INSTITUIÇÃO POPULAR, O "CURSINHO" PRÉ-UNIVERSITÁRIO EMANCIPA, DE PORTO ALEGRE, RS / Douglas Ferreira Soares.

95 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2022.

"Orientação: Mirela Ribeiro Meira".

1. Educação Popular. 2. Paulo Freire. 3. Pré-universitários. 4. Rede Emancipa. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

DOUGLAS FERREIRA SOARES

***“PRONUNCIAR” O MUNDO: DIÁLOGOS ENTRE A TEORIA FREIREANA E A PRÁXIS EDUCATIVA NUMA
INSTITUIÇÃO
POPULAR, O “CURSINHO” PRÉ-UNIVERSITÁRIO EMANCIPA DE PORTO ALEGRE, RS***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 25 de março de 2022.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Mirela Ribeiro Meira
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Denise Marcos Bussoletti
(UFPel)

Profa. Dra. Helenara Plaszewski

(UFPel)



Assinado eletronicamente por **MIRELA RIBEIRO MEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/03/2022, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **HELENARA PLASZEWSKI, PESSOAL VOLUNTÁRIO**, em 25/03/2022, às 16:03, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Denise M Bussoletti, Usuário Externo**, em 25/03/2022, às 17:21, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0765725** e o código CRC **252D2D58**.

Referência: Processo nº 23100.005311/2022-56 SEI nº 0765725

Perdi meu texto no meio do clichê

Do pré-pronto

Porque tudo já veio pré-pronto

Comida, arroz, feijão

Barba, cabelo, prisão

Amor duradouro, ilusão

Não tenho autonomia pra criar nada

Liberdade, consumismo, comunismo

Acordar, dormir, abismo

Chorar, viver, morrer

Dormir, sorrir, comer

Atear fogo, no escrever

Douglas

RESUMO

As indagações desse trabalho referem-se a uma das instituições de Educação Popular da Rede Emancipa, o Cursinho Pré-Universitário Emancipa, localizado em Porto Alegre, RS. Perpassa os dilemas que se interpõem quando se indaga a coerência entre sua práxis, sua natureza e sua função, dialogando com as conexões inquietantes que habitam essa experiência de Educação Popular. Pergunta-se sobre as (im) possibilidades de se harmonizar sua práxis, supostamente dialógica e sua função, hipoteticamente excludente, ao preparar para a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), trabalhando assim sob uma lógica mercantil. Ao selecionar as melhores notas para adentrar as universidades públicas, outros Pré-Vestibulares- não instituições de Educação Popular- reforçam esse modelo. Essa constatação demandou investigar, junto às vozes de participantes do Cursinho Emancipa, um dilema que se interpõe: de um lado, as ações dialógicas baseadas no educador Paulo Freire, que paradoxalmente o orientam; de outro, se trabalhava na lógica da competição. Assim, diálogos foram entretecidos, no vivido e no contado, narrando o cotidiano e a práxis desta instituição Popular, a partir das vozes de um coordenador, um aluno e dois ex-alunos. A pesquisa, qualitativa, utilizou-se do Método Etnográfico e de seus instrumentos; observação, diário de campo e entrevistas semiestruturadas, gravadas através de plataformas digitais. Os testemunhos dos participantes do Cursinho visibilizaram uma orientação dialógica, descartando a orientação dominante nos Pré-Vestibulares comuns, tanto em sua práxis como em seus conteúdos, metodologias, formação cultural e acolhimento. As vozes dos envolvidos “pronunciaram” mundos plenos de sentidos de dignificação da vida para além da sala de aula, transparecendo o impacto desse tipo de experiência em termos afetivos, vinculares, existenciais e emancipatórios e o quanto essa orientação específica transformou as vidas dos testemunhantes.

Palavras-chave: Educação popular. Cursinho pré-universitário popular. Rede Emancipa. Paulo Freire.

ABSTRACT

The questions of this work refer to one of the institutions of Popular Education of the Rede Emancipa, the Pre-University Course Emancipa, located in Porto Alegre, RS. It permeates the dilemmas that arise when the coherence between its praxis, its nature and its function is questioned, dialoguing with the disturbing connections that inhabit this experience of Popular Education. It asks about the (im)possibilities of harmonizing its supposedly dialogical praxis and its hypothetically excluding function when preparing for the Exame Nacional do Ensino Médio (National High School Exam - ENEM) test, thus working under a mercantile logic. By selecting the best grades to enter public universities, other pre-universities - not institutions of Popular Education - reinforce this model. This finding demanded to investigate, together with the voices of participants of the Course Emancipa, a dilemma that arises: on the one hand, the dialogic actions based on the educator Paulo Freire, which paradoxically guide him; on the other hand, it worked on the logic of competition. Thus, dialogues were interwoven, in the lived and in the told, narrating the daily life and the praxis of this Popular institution, from the voices of a coordinator, a student and two former students. The qualitative research used the Ethnographic Method and its instruments; observation, field diary and semi-structured interviews, recorded through digital platforms. The testimonies of the course participants showed a dialogical orientation, discarding the dominant orientation in the common Pre Entrance Exam, both in its praxis and in its contents, methodologies, cultural formation and reception. The voices of those involved “pronounced” worlds full of meanings of dignifying life beyond the classroom, showing the impact of this type of experience in affective, bonding, existential and emancipatory terms and how much this specific orientation transformed the lives of the witnesses.

Keywords: Popular education, popular course pre-university, Rede emancipa, Paulo Freire.

LISTA DE FIGURAS

1	Caderno Amarelo.....	21
2	Diário anotante das entrevistas realizadas	21
3	Aula no Emancipa Porto Alegre, RS	31
4	Entrada prédio Emancipa Porto Alegre, RS	31
5	<i>Website</i> : página do Facebook da Rede em Porto Alegre	32

SUMÁRIO

1 SER ASSOMBRADO POR DEMÔNIOS É PROBLEMÁTICO, MAS NÃO INEXORÁVEL	9
2 MOVIMENTOS METODOLÓGICOS	16
3 APROXIMAÇÕES COM A TEORIA POPULAR: O EMANCIPA	24
3.1 PAULO FREIRE: DIALOGICIDADE, EMANCIPAÇÃO E MUDANÇA....	24
3.2 EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS SOCIAIS	25
3.3 A LUTA PELA AMPLIAÇÃO DOS DIREITOS SOCIAIS: OS PRÉ-UNIVERSITÁRIOS POPULARES E OS PRÉ-VESTIBULARES.....	27
3.4 A REDE EMANCIPA	29
4 O “OBJETO”: O CURSINHO EMANCIPA DE PORTO ALEGRE	31
4.1 O EMANCIPA PELOS OLHOS DE QUEM O “PRONUNCIA”	33
5 PAUSA DA CAMINHADA: O INACABADO	47
Referências	51
APÊNDICE A – Transcrição entrevista I	54
APÊNDICE B – Transcrição entrevista II	68
APÊNDICE C – Transcrição entrevista III	79
APÊNDICE D – Transcrição entrevista IV	85
ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido	91
ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido	92
ANEXO C – Termo de consentimento livre e esclarecido	93
ANEXO D – Termo de consentimento livre e esclarecido	94

1 SER ASSOMBRADO POR DEMÔNIOS É PROBLEMÁTICO, MAS NÃO INEXORÁVEL

"[...] A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar." (FREIRE, 1970, p. 77)

Como a vida, a base de toda pesquisa científica é a dúvida. Quais seriam as palavras “verdadeiras”? E as *(im) pronunciáveis*?

Esse título é uma brincadeira com o nome de um livro de um astrofísico mundialmente conhecido, Carl Sagan, “O Mundo assombrado por Demônios” e uma das frases de Paulo Freire, que professa que o futuro é *problemático*, mas não *inexorável*.

No caso de Sagan (2006), o intuito da obra é desnudar uma série de mitos presentes na sociedade, como o *método científico*; já a frase de Freire pronuncia um futuro que necessita ser *construído*, não está dado, podemos nele interferir. E é esse, justamente, o compromisso de nós, educadores.

Nessa introdução, proponho que ser assombrado por demônios é *problemático*, mas não uma condição *irreversível*; o método científico pode nos conduzir a uma *libertação de crenças pré-concebidas*.

Carl Sagan assim define a ciência e o método científico:

A Ciência prospera com seus erros, eliminando-os um a um. Conclusões falsas são tiradas todo o tempo, mas elas constituem tentativas. As hipóteses são formuladas de modo a poderem ser refutadas. Uma sequência de hipóteses alternativas é confrontada com os experimentos e a observação. A ciência tateia e cambaleia em busca de melhor compreensão (SAGAN, 2006, p. 28).

Assim, devo dizer que, apesar da *impessoalidade* requerida nas normas e textos acadêmicos, tento, nesse trabalho, trazer à luz os motivos que me fazem tomar minhas escolhas, que, certamente, não são de caráter puramente científico e impessoal. Todavia, minha escolha acadêmica também não é justificada por um caráter de maior afinidade com minha área de graduação, Letras, em detrimento de outras áreas como a das Ciências Exatas.

Minha vida escolar não foi de dificuldades com os números e facilidade com as

letras, em que pese dizer que, desde a adolescência, sempre fui leitor. Minhas maiores notas sempre foram nas Ciências Exatas; mesmo assim, essa afinidade não me conduziu a estas opções em minha cidade, porque *professor de línguas* aparentava me trazer mais satisfação, pelo papel social de ensinar a ler o mundo.

A satisfação -e não a lucratividade- foi a motivação de cursar uma licenciatura onde pudesse realizá-la, pois sou um militante da vida que procura intervir, ou como afirma Paulo Freire: “[...]reconhecer que a História é tempo de possibilidades e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável” (FREIRE, 1996, p. 19).

Na atual forma econômica em que se organiza a sociedade em que vivemos, é normal que boa parte das pessoas procurem cursos que propiciem carreiras mais lucrativas, o que não parece ser determinante para os professores¹. Todavia, apesar dos baixos salários, seu ofício vale muito, já que não é o de apenas *repassar* o que já sabe, mas o de ensinar, em última instância, a *pensar*. Por essa razão escolhi como tema desse trabalho instituições onde se educa, e conto aqui como se deu esse encontro.

Meu ponto de partida é meu encontro com a política. Hoje compreendo que o conceito “política” é a forma de organização da sociedade e há várias formas de organizá-la, várias visões, mas, em minha adolescência, nutria-me o senso comum de que a política se restringia ao institucional. A despeito de toda a propagação de um discurso antipolítica, sempre me interessei pela discussão, propostas e visões de cada um. Portanto, acompanhei debates, não só televisivos, mas em torno das discussões da política institucional - e por observar, tornou-se evidente, desde muito cedo, a diferença entre o discurso e a prática.

Meus amigos e eu discutíamos política, e lembro de, por volta de 2010, assistir a um vídeo- com narração em inglês e legenda em português-, onde alguém argumentava sobre como os programas sociais do Brasil, como o Bolsa Família, por exemplo, eram positivos. Funcionavam em duas vias, beneficiando famílias mais pobres que, podendo adquirir mais bens, faziam a economia girar, aumentando a renda dos varejistas.

Não sei se foi o argumento bem elaborado- ou a narração em inglês-, mas a sensação foi sentir-me entusiasmado em defender os programas sociais. Talvez tenha sido nesse momento que entendi como um processo de pensamento crítico me colocaria de encontro às ideias de esquerda.

¹Explico: segundo estudos da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) “[...] o salário médio dos professores no Brasil é inferior ao das 37 nações do bloco e dos três países parceiros representados no levantamento” Dunder e Garcia (2021)

Em 2011, um amigo me convidou para ir uma manifestação em Pelotas, cidade vizinha, que clamava por Democracia Real². Hoje, olhando com distanciamento, sei que esse o processo foi mundial, iniciando com os *Indignados!*³ na Espanha, e o *Ocuppy* em Wall Street onde jovens oriundos de países capitalistas “modelo” pediam mais democracia. Mas a verdade é que, naquele momento, o que me intrigava era a curiosidade, era conhecer, eu não sabia, queria saber.

Foi uma coincidência que só fui perceber alguns anos depois: que esta era também uma das primeiras manifestações em Pelotas do Coletivo *Juntos!*⁴, inaugurado no congresso da UNE daquele mesmo ano de 2011, coletivo no qual fui me organizar em 2015, mas posteriormente chego nesse (re)encontro.

2014 foi o ano que ingressei na UNIPAMPA, e o primeiro ano em que votei para presidente. O ano letivo só iniciou em maio, por conta de uma greve no ano anterior, mas, em fevereiro, um grupo de estudantes ocupou a reitoria.

Naqueles anos, os protestos eram por expansão de direitos, e não contra a retirada deles, como tem sido os que acontecem atualmente, e *havia* pautas, como abertura do Restaurante Universitário, manutenção da área externa do campus e melhor qualidade na água dos bebedouros. E foi na ocupação meu primeiro contato com a universidade, antes mesmo de ir para o *campus*; nela conheci boa parte das pessoas que estariam comigo em uma manifestação mais ao final de 2014, após as eleições, quando protestávamos contra o aumento da passagem do ônibus- que naquele ano chegaria a R\$ 2,50.

Fomos derrotados, o aumento aconteceu, mas, a partir dali, criamos um grupo pluripartidário que se chamava “Roletaço” (com o passar do tempo posso julgar como um péssimo nome). Ali havia pessoas de diversas organizações e foi então que conheci um militante do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), organizado na corrente do Movimento de Esquerda Socialista (MES), que me chamou para ir a um acampamento do coletivo *Juntos!*, que aconteceria na cidade de Viamão, RS, no início de 2015.

Aceitei o convite. Cinco pessoas, contando comigo, saíram de Bagé para em Pelotas ingressar numa Van que nos levaria ao acampamento. Em decorrência desse (re)encontro, passei a me organizar no coletivo *Juntos!*, e também a partir dessa ativi-

²Movimento de protesto contra restrições de direitos dos cidadãos impostas pela cartilha neoliberal dos organismos financeiros internacionais, iniciadas na Espanha em maio deste ano (VIÉS, 2011).

³“[...] a mobilização global 15-O (...) viu saírem às ruas los indignados [e contabilizou] mobilizações em 951 cidades e 81 países. (OLIVEIRA, 2011)

⁴“O Juntos! é um coletivo de juventude que se organiza do norte ao sul do Brasil, nas escolas, universidades, bairros, locais de trabalho e onde quer que esteja a juventude indignada que busca transformação. Nossa missão é para intervir na realidade, lutar pelas necessidades do nosso povo e construir uma sociedade radicalmente diferente. O Juntos! foi fundado em 2011(...) (JUNTOS!, 2011).

dade na juventude, passei a participar do PSOL e do MES.

É comum quando contamos nossa trajetória, afirmar que, em determinado momento, nos encontramos num devido lugar. Tenho uma visão um pouco diferente do processo. Fico feliz por ter estado nos lugares que estive e me orgulho do meu caminho. É evidente que, para chegar nesse espaço, tinha uma série de ideias pré-concebidas, mas o que é mais relevante, para mim, são as ideias que construí junto a este espaço: eu não me encontrei nesses espaços, eu me *construí* nesses espaços.

O *Juntos!* é um movimento composto por diversos jovens com caminhos desiguais, nem todos organizados num partido ou corrente partidária; a grande maioria deles são do MES e foram militantes dessa corrente. Esse é o meu espaço, o de um jovem que reside numa cidade longe dos centros urbanos e constrói aqui esse coletivo.

Nas possibilidades em que encontrei outros camaradas dessas mesmas organizações nacionalmente, percebi que muitos educadores participavam de um projeto social denominado *Emancipa*.

Era comum em Congressos dos quais participei, Brasil afora, observar pessoas vestindo uma camiseta verde, onde se lia “Emancipa”, Estas, junto às nossas cores de camisetas – amarelas- formavam o verde e amarelo da bandeira do Brasil. Creio que foi nesse ponto que vislumbrei meu "objeto" de pesquisa.

Em maio de 2019, já atravessados pelo governo atual, quando a Educação passa a sofrer com uma série de cortes, as grandes centrais de organização de classe chamam para uma manifestação nacional dos estudantes, marcada para o dia 15 deste mês, que denominou-se “O Levante dos Livros”.

O *Juntos!* levou a sério a ideia de sairmos para as ruas com alguns “livros gigantes”; em algumas capitais, imprimimos algumas capas que julgávamos parte do que defendíamos⁵. Não sei se foi nesse momento, mas prefiro contar que foi exatamente no contraste entre o livro *Pedagogia do Oprimido* e o *Emancipa* - e pensando sobre o que eu já sabia sobre Paulo Freire -que me questionei se havia como as ideias de um educador, que alfabetizava sobretudo adultos, aplicar-se à ideia de um Cursinho preparatório para o ENEM.

Nesse exato momento, tive a visão “exata” sobre o projeto, e que havia encontrado meu problema *definitivo* de pesquisa.

⁵São eles: O Estado e a Revolução, de Lênin; Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto; O Manifesto do Partido Comunista, de Karl Marx; Mulheres, Raça e Classe, de Angela Davis; Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus; UPP A Redução da Favela a Duas Letras, de Marielle Franco, e, dentre eles, *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire.

Como Freire (1996, p. 13) percebera a importância do papel do educador “[...] a certeza de que faz parte da sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”, pensar indagando, ensino e pesquisa juntos. Assim, minha pesquisa se dirige a pesquisar e ensinar, mas também para *compreender e intervir* - não só na escola, mas em outros espaços sociais, e na vida cotidiana.

Tais intervenções geram em mim inquietações discutidas no trabalho na figura da luta, da militância, da mudança, independentemente se na Educação Básica ou num Cursinho Popular. Se meu método e minha pesquisa devem cumprir o *rigor científico*, os objetivos que me instigaram a investigar o *Emancipa* foram, primeiramente, uma profunda admiração pelo trabalho nele realizado por professores voluntários, em diversas cidades do país, que tentam ultrapassar a estrutura excludente das universidades públicas.

Em segundo lugar, porque acredito em transformações sociais, como educador reconheço que o futuro, apesar de difícil, pode ser transformado, e que “[...] a História é tempo de possibilidades e não de determinismo, [e] que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável” (FREIRE, 1996, p. 19). Portanto, contribuir com essas transformações é um dos objetivos desse trabalho.

As interrogações desse trabalho que acabaram compondo minhas hipóteses de pesquisa perpassam então questões ligadas ao campo dos Movimentos Sociais, da Educação Popular e dos Cursinhos Pré-Universitários Populares. Em relação a estes últimos, detém-se nos dilemas que se interpõem quando se pergunta pela coerência entre sua concepção, seus objetivos, sua práxis, sua função social e os efeitos que reverberam nas vidas dos envolvidos. Me propus a dialogar com tais dilemas, com as conexões inquietantes que habitam essa experiência de Educação Popular em relação às concepções de Paulo Freire e o fato dela preparar para as provas do Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM⁶. O trabalho, porém, ateu-se ao Cursinho Emancipa localizado na cidade de Porto Alegre, RS, que, em função da epidemia de COVID-19, no ano de 2021 atuou de forma remota. Este pertence à Rede Emancipa⁷.

Outra hipótese que rondava minhas indagações referia-se a como o mesmo curso

⁶O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é uma política pública educacional que nasceu em 1998 como sistema avaliativo de estudantes ao término da Educação básica, através provas em 4 áreas de conhecimento, com 180 questões objetivas (...) e uma redação”, que exige um texto dissertativo-argumentativo. “Em 2009, “aperfeiçoou” [grifo meu] sua metodologia e passou a ser utilizado como mecanismo de “acesso” [idem] à Educação superior (...) [e] suas notas acedem “o Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e ao Programa Universidade para Todos (ProUni)”. Conforme: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem>

⁷A Rede Emancipa pertence ao Movimento de Educação Popular presente em sete estados da federação, segundo dados da Revista Emancipa 10 Anos. On Line. 2017, p. 16. Disponível em: https://issuu.com/redeemancipa/docs/revista_f_inalnovembroonlineAcessoem08.09.2021

podia defender como prática pedagógica "[...] a gratuidade do saber e o reconhecimento da Educação como direito"⁸ – pregar o fim do vestibular e ao mesmo tempo preparar para a concorrência? E, paradoxalmente, ao fazê-lo, defender a inclusão social, enquanto movimento de Educação Popular? Seria um tipo de medida de transição? Ou uma forma contraditória de atuar na realidade concreta?

A situação da exclusão sempre me preocupou sobremaneira. Experiências que promovem “[...] o acesso de jovens das classes trabalhadoras à universidade e lutar pelo direito ao amplo acesso à Educação superior pública”⁹ me desafiavam enquanto pesquisador a encontrar saídas. Agora, me impulsionam e atrevem a relacionar temas complexos, a buscar esse campo relativamente pouco conhecido, através do qual espero traçar perspectivas que poderão qualificar-me enquanto pessoa e docente.

Agora, esse trabalho me impulsiona e atreve a relacionar temas complexos, a buscar esse campo relativamente pouco conhecido, através do qual espero traçar perspectivas que poderão qualificar-me enquanto pessoa e docente. Desejo contribuir para esse campo teórico ainda pouco explorado, a meu ver.

Ou, quem sabe, a pesquisar para enfrentar o impasse do que é nomeado como um dilema constitutivo, que oscila entre preparar para os exames do ENEM possibilitar a *luta popular* em favor da Educação superior pública, para que esta amplie o acesso (GROPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019).

Para Rocha (2015, p. 16), o discurso do ENEM compromete-se com um ensino que “[...] prejudica demandas da diferença, tão caras à agenda democrática da política educacional”. São “[...] parte de um sistema que seleciona as maiores notas normalmente advindas de alunos com recursos o suficiente para cursos preparatórios que são pagos”, selecionando os mais ricos.

Segundo o IBGE (2019)¹⁰, apenas 17% dos adultos com mais de 25 anos possui ensino superior; o acesso continua muito restrito (32,7% dos jovens de 18- 24 anos), conforme o SIS (IBGE, 2019)¹¹. A realidade universitária demanda a construção de pontes para romper com a lógica excludente que seleciona melhores notas para ingresso, ou melhores universidades e cursos mais concorridos para aqueles com melhores notas.

Hoje, os mesmos governos que ampliaram as vagas, num um momento de crise

⁸Revista Emancipa, 2017, p.30, idem ibidem.

⁹Segundo Groppo, Oliveira e Oliveira (2019), autores dessa citação, são relativamente recentes, datam dos anos noventa.

¹⁰Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 20.09.2021.

¹¹Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-11/acesso-nivel-superior-no-brasil-e-muito-abaxio-dos-padroes-internacionais>. Acesso em 21.08.2021.

econômica efetuaram vários cortes na Educação, no ano de 2015¹².

O vínculo indissolúvel entre Educação e Política me instiga ainda mais investigar instituições que podem ser formas de ultrapassar a estrutura excludente da universidade pública:

[...] Como processo de conhecimento, formação política, manifestação ética, procura da boniteza, capacitação científica e técnica, a Educação é prática indispensável aos seres humanos e deles específica na História como movimento, como luta Freire (2001, p. 10).

Por fim, aproximando o ofício de militante que escolhi das concepções que permeiam este trabalho- e dos testemunhos que ainda não sabia que o confirmariam, cito um trecho de Pedagogia da Autonomia, de Freire (1996, p. 28), sobre a prática educativo-política na construção do pensamento: “[...] não tenho por que me omitir, por que ocultar minha opção política assumindo uma neutralidade que não existe”.

¹²Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-11/acesso-nivel-superior-no-brasil-e-muito-abaixo-dos-padres-internacionais>. Acesso em 21.08.2021.

2 MOVIMENTOS METODOLÓGICOS

Entendendo o movimento metodológico como caminho, procurei sintetizar minhas interrogações em uma questão de pesquisa que direcionasse o trabalho.

Optei então por investigar, junto às vozes de participantes do Cursinho Pré-Vestibular Popular Emancipa de Porto Alegre, como se tecem, no vivido e no contado, as ideias de Paulo Freire e a práxis dessa instituição, para, a partir daí, dialogar com dilemas que se interpõem: de um lado, as ações dialógicas baseadas no educador Paulo Freire, que paradoxalmente a orientam; de outro, a lógica da competição e da exclusão que cerca instituições similares; de outro, como seus participantes as sentem e “pronunciam”.

A pronúncia do mundo, para Paulo Freire é um ato de liberdade da opressão, é diálogo, a palavra para ele é ação e reflexão, é práxis, não é algo oco, portanto, transformação social, porque “[...] Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo “pronunciar.” (FREIRE, 1970, p. 77).

Debrucei-me então nas próximas escolhas que marcariam o caminho da pesquisa, pensada como qualitativa, participante, de abordagem Etnográfica, onde Etnografar seria [...] observar, ordenar, classificar, descrever, mas é também intuir para explicar. A descrição etnográfica é como que a ‘agulha’ que vai ‘remendando’ a vida observada na imensa ‘coxa de retalhos’ que é o social e, ao ‘costurar’, vai tentando encontrar os sentidos em uma narrativa vivida, no ‘colorido’ da existência. Por isso mesmo, ela sabe que não dá para ‘capturar’ tudo, todos os pontos da teia relacional de uma comunidade de uma única ‘peitada’. Ela vai exigir tempo do pesquisador no campo, num indo e vindo quase infinito (SILVA, 2018, p. 199).

Se entendermos a participação como aquela que quer, “[...] além de ouvir, também sentir”, e ainda “[...] entrar em movimento humano e, a partir dele captar os sentidos e direções desse mesmo movimento humano” (SILVA, 2018, p. 199), em meu caso, pela restrição na participação, em função da Pandemia, a captação foi feita pela mediação do computador e seu som metálico.

Para Guerra (2014, p. 12), “[...] o estudo da experiência humana deve ser feito entendendo que as pessoas interagem, interpretam e constroem sentidos”, ou seja, compreendem. Para Minayo (2012, p. 57) liga-se “[...] às representações e crenças, (...) produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam”. Portanto, “o verbo

principal da análise qualitativa é “[...] exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro [e] (...) exercitar esse entendimento” (MINAYO, 2012, p. 623).

Já para Mattos (2001), “[...] Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo”. Seu objeto é “[...] esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, fatos, ações e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categoria cultural”, continua o mesmo autor (MATTOS, 2001, p. 54).

Schnekenberg, Oliveira e Junior (2021, p. 28) aportam a “[...] sensibilidade cultural como necessária às análises, já que ela, parte do olhar próprio da Antropologia, é apropriada para compreender culturas”. Daí a necessidade também de uma escuta sensível, de ser capaz relativizar, colocar-se dentro da pesquisa.

Fui buscar em (BARBIER, 2002)¹, que já nos anos 1990 trazia essa ideia, de um “[...]um escutar-ver (...) [que] se apoia na empatia, procurando compreender o sentido existente em uma prática ou situação (...)empresta um significado”. Considera o corpo, tanto de pesquisador quanto dos participantes da pesquisa: “[...] alguém só é pessoa através da existência de um corpo, de uma imaginação, de uma razão e de uma afetividade, todos em interação permanente”. Negando-se a fixar papéis ou lugares, permite “[...]uma abertura a outros modos de existência além daqueles impostos pelos papéis e pelo status” (BARBIER, 2002).

Silva (2018) lembra que “[...] não só o bônus, mas também o ônus, ambos acabam recaindo sobre os ‘ombros’ do pesquisador e redator do texto final. Por isso, a descrição etnográfica feita pelo pesquisador é “[...] concomitantemente tradução e reflexão sobre o visto e acerca do vivido” .

Em relação ao método etnográfico, Silva (2018, p. 199-200) o entende como “[...] caminho, percurso intelectual e acadêmico, utilizado para a consecução de um objetivo em ciência”. Referindo-se à Etnografia, referenda que esta “[...] tem suas técnicas, ou suas ferramentas de colecionar informes”. Indica que ela pode até mesmo ser o próprio método: “[...] muitos podem utilizar a observação participante, que em meu entendimento é uma técnica entre muitas outras, no lugar da própria etnografia, que meu compreender indica-a como sendo o método (SANTANA; LEMOS, 2018, p. 195).

Quanto aos métodos e procedimentos, iniciei compreendendo o campo e o método da Etnografia, aquele que para (MATTOS, 2001, p. 49) implica em “[...] 1) preocupar-se

¹BARBIER, René. L'écoute sensible dans la formation des professionnels de la santé. Conférence à l'Ecole Supérieure de Sciences de la Santé - <http://www.saude.df.gov.br> Brasília, juillet 2002 10 bar

com uma análise holística ou dialética da cultura; 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais”, presente muito intensamente no trabalho. “[...] 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado”, que também é significativo nesse trabalho.

Portanto, esse método era o que precisava utilizar como método, o método etnográfico, pois nele está “[...] a vivencialidade capturada por técnicas tais como diário de campo, observação participante, fotografias, filmagens, entrevistas que são as técnicas mais conhecidas do fazer etnográfico” (SILVA, 2018, p. 205).

Das técnicas de captura de elementos pelo Método Etnográfico, foram escolhidos os abaixo. Junto, já vou descrevendo algumas ações de pesquisa que fui realizando.

- a) Pesquisa bibliográfica e documental. Realização inicial de um levantamento de dados, (descritos nas entrevistas) documentos, imagens, publicações etc. do Cursinho. E pesquisa exploratória, um levantamento bibliográfico, aproximando dissertações, teses, artigos etc. da obra de Paulo Freire, especificamente das concepções de Educação Libertária, Dialogicidade, Conscientização, Autonomia, Emancipação a Rede e os Cursinhos Emancipa e outros necessários à pesquisa.
- b) Observação participante de aulas do Cursinho como acontecimento, uma ou duas, para poder ver de fato a prática educativa, o que não pode ser concretizado, em função da Pandemia. Há consideráveis diferenças se formos analisar uma aula à distância em comparação com uma aula presencial. Assisti a uma aula pela ferramenta digital Google Meet, mas não foi a mesma coisa, não senti interação. Desconsiderei essa etapa.
- c) Entrevistas individuais e coletivas gravadas via Plataforma digital Google Meet, com uma hora de duração para as individuais e 30 min. para as coletivas, com uma aluna, duas ex-alunas e um Coordenador/ Professor do Emancipa.

As entrevistas foram semi-estruturadas, com perguntas fechadas e abertas a respeito de práticas pedagógicas, organização e funcionamento, professores, mantenedores etc., e foram tratadas em capítulo separado. Os instrumentos encontram-se nos anexos. O objetivo foi deflagrar um diálogo problematizador a partir de questões trazidas pelo pesquisador e outras surgidas no grupo, algumas conhecidas previamente, outras não. As questões giraram em torno dos impactos do curso na vida, se conseguiram adentrar as estreitas portas das universidades e para além, o que o curso propiciou de caráter político, social e pedagógico.

Foram realizadas 4 sessões de entrevistas gravadas.

1. Uma entrevista aconteceu dia 10/02/2022 tendo a duração de 1 hora e 53s com a participação do Coordenador/Professor denominado “M.”.
2. A segunda entrevista deu-se dia 15/02/2022, tendo a duração de 36m e 40s com a participação da aluna denominada “A.” e duas ex-alunas denominadas “F.” e “T.”.
3. A terceira entrevista realizou-se dia 25/02/2022 tendo a duração de 28m e 28s com a participação do Coordenador/Professor denominado “M” mais uma vez.
4. A quarta entrevista realizou-se dia 25/02/2022 tendo a duração de 26m e 48s com a participação novamente da ex-aluna denominada “T.”.

As entrevistas foram organizadas colocando em blocos menores de conteúdo os “descritores”, numerados em ordem crescente e de acordo com a pessoa que estava a fornecer entrevista ou descrevendo aspectos mais pormenorizados das entrevistas. Optei por coloca-los assim para conferir contraste e maior visibilidade às falas.

Os participantes foram selecionados primeiramente por possuir vínculo direto com o curso, convidados diretamente por mim, um Coordenador e uma ex-aluna aos quais já conhecia. O outro critério foi aleatório, procurei um grupo de Whatsapp onde participam professores, coordenadores, alunos e ex-alunos da Rede Emancipa e fiz um convite à participação do TCC, ao que responderam duas alunas, que foram selecionadas.

Para as entrevistas, foram elaborados questionários com perguntas abertas e fechadas, diferentes para Coordenador, Aluno (a) e Ex- Aluno (a) e Grupo.

Os instrumentos endereçado aos alunos indagaram sobre Infra-estrutura material e Pessoas, Organização e Práxis Pedagógica, Função/Práxis Social, Pedagógica e Política da Instituição, Professores, Processos teórico-metodológicos e avaliativos, Conteúdos, Formação, Cidadania, se conheciam as ideias de Paulo Freire de Educação Libertária, Conscientização, Autonomia, e Emancipação, se há uma preocupação ético estética, cultural, sobre formação política e ainda que outras atividades são promovidas além das aulas, entre outros que poderiam surgir no decorrer da entrevista.

Os instrumentos dirigidos ao Grupo se referiram a como funcionam na Instituição: ideias Paulo Freire, Práticas Pedagógicas do Emancipa, competição entre sujeitos,

impacto causados/ sofridos no espaço e outros, depoimentos sobre experiências pessoais.

O instrumento endereçado ao Coordenador/professor versaram sobre Formação e experiências acadêmica, de militante e com Educação, Dados gerais e Pedagógicos sobre o Emancipa, Professores, Alunos, Processos teórico-metodológicos e avaliativos, Conteúdos, Infraestrutura, Paulo Freire e a instituição, ENEM, presença e como são feitas formações humana e cidadã, ético estética, cultural e política, afetos, vínculos e outros.

As categorias com as quais trabalhei foram emancipação, educação libertária, conscientização e autonomia, e as teorias da Ação Dialógica: colaboração, união, organização e síntese cultural. As entrevistas foram gravadas e a partir delas realizada uma reflexão.

- d) Diário Anotante:** O Diário de Campo um “[...]caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as coisas que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades” (MINAYO, 2012, p. 71), uma reproposição do Diário de Campo, se assim posso dizer, desdobrado em dois: 1) O Aplicativo Whatsapp, com oito meses de troca de mensagens comigo mesmo e minha orientadora 2(a) e 2(b), Exerceram uma influência reflexiva inegável, compartilhando problemas, reflexões, construções, imagens, citações, dilemas, inquietações, elocubrações. A qualquer hora do dia ou da noite, textos, áudios, fotos, imagens em geral, Memes, artigos, informações de toda ordem... 2) O Caderno Amarelo: onde anoto diversos, linearmente, por tópicos, mostrado na figura 1.

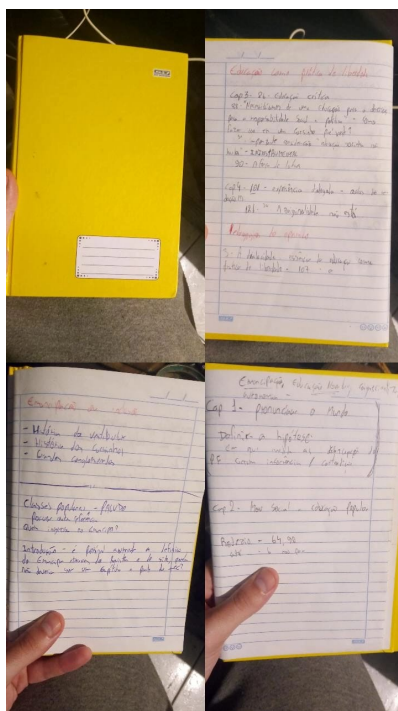
Primeiramente, iniciei a pesquisa bibliográfica, colhendo material sobre o Emancipa, partindo para os contatos com alunos, orientadores e professores do Emancipa de Porto Alegre – RS.

Conforme fui ampliando a pesquisa bibliográfica, percebi que havia uma série de trabalhos com temas muito próximos ao que desejava fazer, que contemplavam em parte minha discussão. Concomitantemente, fazia a leitura das obras de Freire.

Quanto mais adentrava a obra de Paulo Freire, mais fascinado ficava por suas concepções, e muitas outras indagações de pesquisa foram aparecendo, levantando outras indagações que necessitariam de esclarecimentos..

Senti necessidade de, em primeiro lugar realizar a distinção, que imaginei não estar muito clara para os leitores, do que era um “Pré-Vestibular” e o que viria a ser um “Pré-Universitário”, e ainda, no que este se distinguiria de um Cursinho “Pré-

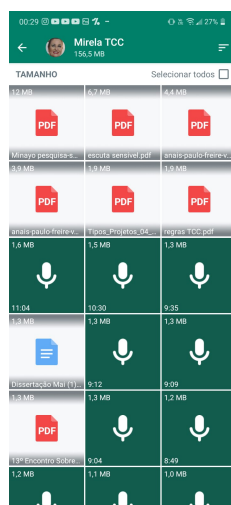
Figura 1 – Caderno Amarelo



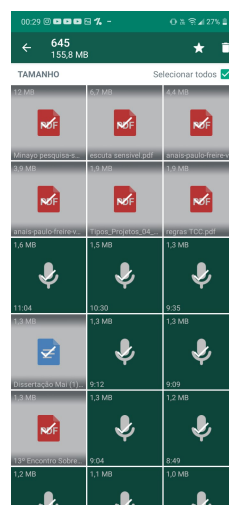
Fonte: Autor (2022)

Figura 2 – Diário anotante das entrevistas realizadas

(a) Diário anotante:
printscreens tela
celular



(b) Diário anotante:
printscreens tela
celular



Fonte: Autor (2022)

Universitário Popular. Isso faria toda a diferença, pois o que colocaria o Emancipa em sua posição diferenciada seria justamente o fato de estar no campo da Educação Popular e dos Movimentos Sociais. Só que, no momento, não sabia ainda disso.

Fui descobrindo, analisando documentos e lendo dissertações sobre o assunto, que o Emancipa operava sob as ideias de Paulo Freire. Queria então saber quais em especial, e escolhi trabalhar com a ideia de Dialogicidade, de Paulo Freire, e as concepções de Educação Libertária, Conscientização, Autonomia e Emancipação, relacionadas mais fortemente, a meu ver, com a práxis da ação dialógica, assim como a Colaboração, a União, a Organização e a Síntese cultural, espécie de “sub-categorias”, como Freire as denominou. Essas ideias estão em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1970).

Foi lendo o aporte de Minayo (2012), abaixo, que surgiu a ideia profícua de investigar e apresentar os dados. As entrevistas, antes “fonte de dados”, passam a ser objetivos centrais do trabalho. A ideia agora era, investigar, junto às vozes de participantes do Emancipa, como se tecem, no vivido e no contado as ideias de Paulo Freire com a práxis dessa instituição Popular, e como tudo isso se relaciona com o ENEM.

Minayo (2012, p. 623) anota que, se o trabalho de campo é profícua, o pesquisador “[...] vai construindo um relato composto por depoimentos pessoais e visões subjetivas dos interlocutores, em que as falas de uns se acrescentam às dos outros e se compõem ou se contrapõem às observações”. É gratificante quando se tece uma narrativa coletiva da qual saltam experiências, riquezas, contradições etc.

Às leituras, então, somam-se as vozes dos participantes: cada citação, ideia ou parágrafo lido em Freire parecia encaixar perfeitamente no que os entrevistados diziam, pareciam ser o exercício puro do que o autor preconizava, pelo menos em relação ao que buscava. Assim, cresceram em importância, ganharam vida própria, fizeram coro: o homem não constrói o mundo sem o diálogo, sem a palavra, ele o “pronuncia”.

A partir dessa afirmação, preocupei-me em “[...] obter uma descrição densa, a mais completa possível, sobre o que um grupo particular de pessoas faz e o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que eles fazem” (MATTOS, 2001, p. 54). Dediquei-lhes um olhar mais atento, mas fui ceifado pelo tempo. Era hora de finalizar e entregar o trabalho.

Procurei, durante o trabalho de gravar as entrevistas, ser aquele ouvinte-sensível que “[...] compreende as opiniões, procura não julgar, medir ou comparar, mas sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para poder compreender de dentro suas atitudes”, formas de agir, “[...] sistema de ideias, crenças, valores, símbolos, e, acima de

tudo, aceitar o outro antes em seu “ser” do que em seu “seu lugar”, “dentro da qualidade de pessoa complexa dotada de uma liberdade e de uma imaginação criadora” (BARBIER, 2002).

3 APROXIMAÇÕES COM A TEORIA POPULAR: O EMANCIPA

3.1 PAULO FREIRE: DIALOGICIDADE, EMANCIPAÇÃO E MUDANÇA

Escolhi das concepções de Paulo Freire as que julguei fertilizadoras: emancipação, educação libertária, conscientização e autonomia, e as teorias da ação dialógica e suas categorias: colaboração, união, organização e síntese cultural.

A emancipação está referida mais especificamente à Rede Emancipa, contemplada em capítulo próprio. Sobre a autonomia, Freire (1996, p. 41), afirma que ela é “[...] processo, é vir a ser (...) [baseada] em experiências respeitadas da liberdade”.

Na união, “[...] a liderança se obriga ao esforço incansável da união dos oprimidos entre si, e deles com ela, para a libertação (FREIRE, 1970, p. 234). E a ação dialógica da união existe “(...) na razão de sua comunhão com elas (as massas), que por isto mesmo, têm de estar unidas e não divididas.” (FREIRE, 1970, p. 235). Na ação dialógica, Freire aponta alguns caminhos para buscar a unidade e a organização das massas populares,

[...] o que implica no testemunho que deve dar a elas de que o esforço de libertação é uma tarefa comum a, ambas. Este testemunho constante, humilde e corajoso do exercício de uma tarefa comum – a da libertação dos homens – evita o risco dos dirigismos antidialógicos. O que pode variar, em função das condições históricas de uma dada sociedade, é o modo como testemunhar. O testemunho em si, porém, é um constituinte da ação revolucionária (FREIRE, 1970, p. 240).

Na síntese cultural, e em toda a ação dialógica “[...] o que caracteriza essencialmente a ação cultural dialógica como um todo também, é a superação de qualquer aspecto induzido” (FREIRE, 1970, p. 246). É construída portanto no diálogo com os educandos, como nas palavras geradoras, retiradas de entrevistas prévias e presentes na prática pedagógica do método de alfabetização Paulo Freire evidenciada livro Educação Como Prática de Liberdade. Em Pedagogia do Oprimido, o autor afirma que

A investigação dos temas geradores ou da temática significativa do povo, tendo como objetivo fundamental a captação dos seus temas básicos, só a partir de cujo conhecimento é possível a organização do conteúdo programático para qualquer ação com ele, se instaura como ponto de partida do processo da ação, como síntese cultural (FREIRE, 1970, p. 248).

O conceito de educação libertária está presente na sociedade há muito tempo dis-

cutida por autores como Roussel e Proudhon de onde Paulo Freire extrai o seu conceito. Essa pedagogia valoriza a promoção da autonomia do sujeito e sua potência ética e crítica (SANTANA, 2018).

Já o conceito de conscientização foi extraído do livro *Alfabetização e Conscientização* de Paulo Freire sob qual o autor afirma não o ter criado. Acredita-se geralmente que sou autor deste estranho vocábulo “conscientização” por ser este o conceito central de minhas ideias sobre a educação. Na realidade, foi criado por uma equipe de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros por volta de 1964. Pode-se citar entre eles o filósofo Álvaro Pinto e o professor Guerreiro. Sobre qual Freire define como: “A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens” (FREIRE, 1979, p. 15).

3.2 EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS SOCIAIS

Quando ouço o termo *Educação Popular*, penso em pessoas lutando, seja por terra, liberdade, melhores condições de trabalho, salários, mais escolas, em suma, vislumbro movimento, luta.

Para Machado (2020, p. 63), a Educação Popular se apresenta como um processo alternativo à Educação formal, e “[...] importante ferramenta de participação social (...) o ato de educar se constitui em um processo dinâmico que entra em contato não só com os estudantes, mas com suas vivências”.

A tradição educativa na América Latina é fundamentada “[...] na integralidade dos seres humanos que pensa a Educação como fonte da transformação social” (PALUDO, 2015, p. 225). Seres humanos inseridos “[...] num mundo que os transforma, mas que eles, também, estão engajados a transformar a partir de uma relação dialética” (PALUDO, 2015, p. 225). “[...] a Educação, dado o papel que desempenha na sociedade, em uma perspectiva efetivamente emancipatória, só pode ser resistência[...]

(PALUDO, 2015, p. 220).

No contexto sócio-histórico-cultural latinoamericano da segunda metade do sé-

culo XX, nas décadas de 1950 e 1960, produziram-se inúmeras experiências de Educação Popular que possibilitaram com que esta emergisse ligada às lutas de libertação dos povos latinos como um novo paradigma, permitindo “[...]avanços significativos de conquistas sociais e políticas pelos setores marginalizados da população” (PAULO; ZITKOSKI, 2016, p. 51).

Vasconcelos e Oliveira (2021), em diálogo com Brandão, que participou dessas lutas por dentro da universidade, muitas delas ao lado de Freire, lembram que a Educação Popular se define “[...] pelas lutas para superar as mais diversas formas de injustiça, fortalecendo a criticidade de homens e mulheres que tomam a realidade opressora como substrato para sua insurgência” (VASCONCELOS; OLIVEIRA, 2021, p. 21).

A Educação Popular contraria “[...] a lógica neoliberal pelo caráter de esperança que carrega em sua ideologia, pelos educadores populares que acreditam na possibilidade de uma nova sociedade” (MACHADO, 2020, p. 65). E trabalham para construí-la de forma conjunta, adquirindo uma consciência política de transformação social advinda do conhecimento. Que tem que *construir*, fundindo “[...] informações dispersas sobre o funcionamento da sociedade, fazendo com que os indivíduos se apropriem dessas informações e formulem um conhecimento sobre as engrenagens, sobretudo, identificando os interesses envolvidos (PORCIUNCULA, 2019, p. 46).

Entretanto, esse saber não é de qualquer ordem, mas oriundo, segundo o próprio Freire (2001, p. 47), “[...] do desvelamento da realidade”, inseparável do “[...] ensino dos conteúdos”, porque “[...] a Educação popular “[...] em termos amplos, profundos e radicais, numa sociedade de classe, se constitui como um nadar contra a correnteza”, embora sempre “democrática (...) estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças sociais”¹.

Paulo Freire viveu e defendeu práticas educativas compromissadas com a organização e conscientização do povo, e não considera suficiente mudar apenas as relações entre educador-educando, mas, realizar-se como prática política. A sociedade se vê refletida nas escolas, com suas mazelas e contradições, porque elas não poderiam estar *imunes* “[...] ao que se passa nas ruas do mundo” (FREIRE, 2001, p. 47). E serão tanto democráticas e progressistas quanto possibilitarem o necessário aprendizado das práticas democráticas, acolhendo e *reconhecendo* a presença das classes populares como um *sine qua non* para tal (FREIRE, 2001).

¹O grifo é do autor.

3.3 A LUTA PELA AMPLIAÇÃO DOS DIREITOS SOCIAIS: OS PRÉ-UNIVERSITÁRIOS POPULARES E OS PRÉ-VESTIBULARES

Os Cursinhos Pré-Universitários Populares e os Pré-Vestibulares são definidos como organizações de Educação que oferecem cursos preparatórios para vestibulares e/ou ENEM. Todavia, eles não são sinônimos, pelo contrário, guardam uma diferença estrutural e perversa.

Os Pré-Universitários Populares não estão voltados ao lucro, mas à “[...] democratização do saber. Nos Cursinhos Pré-Vestibulares, o saber é mercadoria que se vende para obter lucro -de inspiração capitalista”, puro comércio de “[...] conhecimento para pessoas que podem pagar por ele” (MACHADO, 2020, p. 70).

Já os Pré-Vestibulares se caracterizam como empresas comerciais, ao contrário dos populares, movimentos sociais que subsidiam a estudantes em situação de fragilidade econômica o preparo para os processos de seleção que permitam aceder ao Ensino Superior (MACHADO, 2020, p. 70).

“O ensino nos Cursinhos Pré-Vestibulares costuma se caracterizar pela memorização de fórmulas por “macetes” ou paródias das mais esdrúxulas”, assinalam Mendes e Rufato (2015, p. 02). Portanto, assemelham-se “[...] ao que Paulo Freire denominou como Educação bancária: aquela em que são “depositadas” informações nas cabeças dos educandos, “recipientes” a serem preenchidos”.

Os Cursinhos Pré-Universitários, por sua vez, seriam aqueles

“[...] Organizados por movimentos ou entidades sociais de cunho não oficial, os seus objetivos não estão concentrados apenas na preparação técnica para a participação de processos seletivos de ingresso à universidade, mas, também, em uma postura de engajamento na construção da cidadania e na valorização da identidade social e étnica. Assim, constituem-se como um espaço de socialização política dos estudantes” (PORCIUNCULA, 2019, p. 55).

Machado (2020, p. 71) aponta outra divergência crucial entre os dois Cursinhos, qual seja na relação entre docentes e alunos: “[...] Enquanto no primeiro a relação é pautada na transmissão de informações, o segundo defende uma relação dialógica”. Além disso, “[...] nos Cursinhos populares existe a preocupação eminente de uma formação para além do exame vestibular em si, uma formação que contemple a vida universitária e cidadã”. Assim, esses podem ser espaços “[...] de construção de consciência de classe. Partem dos ensinamentos freirianos que procuram construir uma relação horizontal e de

trocas de conhecimentos” Machado (2020, p. 71).

Essa relação, por ser horizontal, permite aos professores, que são voluntários e possuem

[...]interesses e histórias distintas, uma verdadeira diversidade de pessoas e pensamentos, a busca por justiça social e a luta contra as desigualdades impostas pela face neoliberal do capitalismo [que] constituem, nos Cursinhos populares, um ponto de encontro e partida (MACHADO, 2020, p. 71).

Muitas experiências constituíram-se nos anos de 1970 e de 1980, no entanto, é na década de 1990 que o trabalho de preparação para o vestibular, numa perspectiva crítica, transformadora e preocupada com a emancipação humana, ganhou força, se popularizou. (CARVALHO, 2006). Repercutindo, com maior ingresso, nas universidades, de estudantes de origem popular, fato que sinaliza uma revolução silenciosa composta por transformações culturais e educacionais (SILVA, 2003).

Os Pré-Vestibulares populares² trabalham na perspectiva da Educação Popular, mesmo que, muitas vezes, com concepções distintas, o objetivo principal é fomentar a democratização do ensino superior. Silva (2015) assinala que,

ao longo de sua história, os cursos Pré-Vestibulares Populares (PVPs) assumiram compromissos que vão para além do segmento em que se inserem. Após firmarem-se como alternativa aos cursos privados, principalmente em relação aos custos para os estudantes, os PVPs se viram envolvidos em pautas que não se restringem à preparação para o vestibular Silva (2015, p. 15).

Essas entidades, em suas distintas formas organizativas e de conexões que se orientam para tentar democratizar a Educação Superior, oferecem um posicionamento ativo, através de aulas “[...] que vão além dos conteúdos das provas, logo, aulas que são realizadas para e com as classes populares” (PORCIUNCULA, 2019, p. 56).

[...] voltado para estudantes que não podem pagar por um Cursinho comercial. Como essa percepção pressupõe a naturalização da existência dos Cursinhos, propomos uma reflexão mais ampla. O popular precisa estar presente também nas escolhas pedagógicas (logo políticas) acerca do currículo praticado nos Cursinhos, em especial quanto à organização do tempo (MENDES; RUFATO, 2015).

Os Cursinhos pré-universitários populares são, portanto, movimentos sociais nas-

²Esse autor utiliza essa denominação em especial

cidos no coletivo, “[...] em resposta a uma pergunta: por que esses estudantes não passam nos exames de seleção para ingresso nas universidades públicas?” (MENDES; RUFATO, 2015, p. 01).

3.4 A REDE EMANCIPA

A Rede Emancipa Movimento Social de Cursinhos Populares iniciou suas atividades em 2008, na Grande São Paulo (...) [para] promover o acesso de jovens das classes trabalhadoras à universidade e lutar pelo direito ao amplo acesso à Educação superior pública” (GROPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 03).

Mais do que um Cursinho Pré-Universitário popular, é um movimento social como descrito no nome, mas também na prática.

O campo dos “Cursinhos populares”, denominação utilizada por Groppo, Oliveira e Oliveira (2019, p. 03-04), nasce, segundo os autores, de um lado “[...] de modo análogo ao campo dos Cursinhos comerciais, ou seja, como resposta, em um diferente momento histórico, à demanda de certos grupos sociais pela Educação superior, após terem conseguido acessar o ensino médio”; de outro,

[...] propõem outras práticas pedagógicas, adequadas a seus discentes, vindas/vindos das classes populares e das etnias marginalizadas, e buscam acoplar o pedagógico ao político, tanto pela formação da consciência crítica da juventude popular e negra quanto pelo fomento de lutas sociais (GROPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 03-04).

Na Emancipa (2017, p. 12), há uma comparação entre a luta para adentrar aos muros da universidade e as lutas do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra) e MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-teto).

A luta contra os muros das universidades que impedem milhões de estudantes de ter acesso ao conhecimento é a mesma dos sem-terra contra as cercas dos latifúndios, dos sem-teto por moradia digna e dos trabalhadores em geral por justiça e dignidade (EMANCIPA, 2017, p. 12).

É para as frações de jovens e adultos, oriundos da escola pública, que o *Emancipa* oferta práticas pedagógicas emancipatórias que lhe permitem, muito mais do que acessar uma instituição federal de ensino, emancipar-se, segundo a Revista Emancipa, a revista

da rede³.

A *novidade* da Rede Emancipa, para Groppo, Oliveira e Oliveira (2019, p. 10), “[...] parece ser a proximidade de grande parte de suas coordenações com um partido político de esquerda, o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)”, ou melhor, “[...] do Movimento Esquerda Socialista (MES), em especial via o coletivo juvenil Juntos!” (CASTRO, 2011 *apud* GROPPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 10). O fato destes compartilharem “[...] seu acúmulo de saberes e práticas político-pedagógicas com movimentos sociais e sindicatos têm sido importantes fontes de recursos organizacionais, ideológicos e políticos à Rede (BONALDI, 2015 *apud* GROPPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 10)

Segundo a Emancipa (2017, p. 30) um dos princípios que fundamental a prática pedagógica do curso é "(...) um desses princípios que fundamenta nossa prática é a gratuidade do saber e o reconhecimento da Educação como direito." E por isso, defende o fim do vestibular, portanto o curso prepara para a concorrência, mas estruturalmente defende o fim dessa concorrência.

Entre os propósitos da Rede, estão [...] lutas sociais pelos direitos à Educação”, pela democratização do ensino superior, e fomentar

[...] Cursinhos populares em que se busca combinar o desejo individual do acesso à universidade com projetos coletivos de transformação social, além de promover a formação de docentes para os Cursinhos que mantêm vivas as práticas pedagógicas alternativas que marcam a Rede (círculos, tempo livre, aulas públicas, formação política e mobilização para lutas sociais (GROPPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 20)

³Disponível em: Revista 10 anos Rede Emancipa.2017. On Line. Disponível em: https://issuu.com/redeemancipa/docs/revista_final_novembro_online.Acessoem08.09.2021

4 O “OBJETO”: O CURSINHO EMANCIPA DE PORTO ALEGRE

Figura 3 – Aula no Emancipa Porto Alegre, RS



Fonte: Acervo coordenação (2015)

Figura 4 – Entrada prédio Emancipa Porto Alegre, RS



Fonte: Emancipa (10 jan. 2022)

No Rio Grande do Sul, o movimento Rede Emancipa – Movimento de Educação Popular, funciona na localidade exibida nas figuras 3 e 4, configura-se de forma distinta, sendo também uma Organização Não Governamental (ONG), fundada em 2011 pela deputada estadual Luciana Genro e outros educadores. No site da deputada, há uma aba chamada “Emancipa”, onde é possível obter alguns dados da ONG, segundo o site¹

Em 7 anos de funcionamento, o Cursinho de Porto Alegre já ajudou mais de 500 estudantes a ingressarem na universidade. Todas as atividades do Emancipa são gratuitas. Em 2018, o Emancipa conquistou sua sede, com sala de aula para 45 alunos e uma biblioteca com cerca de 2.000 livros.

¹Em: GENRO, Luciana, 2021. <https://lucianagenro.com.br/emancipa/>

Em 2017 foi fundado, também por Luciana Genro, o Emancipa Mulher, que, segundo o mesmo site é

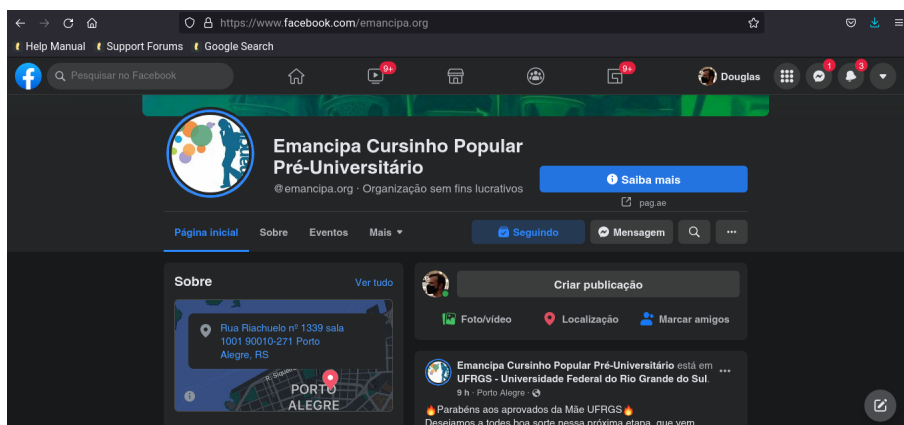
(...) uma escola de formação feminista e antirracista idealizada por Luciana, que conta com a coordenação pedagógica de Joanna Burigo, mestre em Gênero pela London School of Economics, e com a coordenação executiva de Carla Zanella, cientista social e militante do Juntos Negras e Negros.

Ao invés de “apresentar” dados sobre o Cursinho, optei por fazê-lo em sua maioria a partir dos olhos dos entrevistados. Assim, o leitor vai compreendendo, adquirindo, talvez, não só informações “administrativas” e “pedagógicas”, dados “materiais, mas também os sensíveis, as percepções, as entrelinhas, o que não diz, talvez. Balbinotti (2019, p.17) anota a missão do EMANCIPA de Porto Alegre:

Promoção da Educação gratuita, de atividades culturais, instrutivas de formação e promoção de valores e do conhecimento científico. Buscar a universalização do acesso de jovens e adultos ao ensino superior e ao mercado de trabalho. Promover os valores da associação na construção permanente da emancipação e autonomia de sujeitos críticos e agentes ativos da sociedade. (EMANCIPA CURSINHO POPULAR PRÉ-UNIVERSITÁRIO, 2010, online)

Assim se enuncia, em seu *website*, exibido na figura 5

Figura 5 – *Website*: página do Facebook da Rede em Porto Alegre



Fonte: (FACEBOOK, 2022)

Associação da sociedade civil sem fins lucrativos, a Emancipa promove a Educação gratuita, com objetivo de inserir setores vulneráveis no ensino superior. Somos uma rede de Cursinhos populares espalhado por todas as regiões do Brasil. Voltamos com nossas atividades presenciais e com um desafio: encantar os jovens a lutar e conquistar seu direito de estudar. Nós acreditamos

que o lugar de estudante de escola pública é seguir na universidade pública ao completar o ensino médio.(...) O Emancipa muda vidas!

O restante dos dados sobre o Cursinho serão fornecidos pelos participantes entrevistados, entremeados com os aspectos teóricos de Paulo Freire que foram aparecendo em suas falas. Podemos ter um retrato administrativo, pedagógico e sensível, poderíamos dizer da instituição. Os entrevistados ajudaram a compor o mosaico de informações, nas ações de levantar, corroborar, corrigir, acrescentar etc. dados acerca da Fundação Emancipa e das concepções que orientam o Cursinho. Rede Emancipa

4.1 O EMANCIPA PELOS OLHOS DE QUEM O “PRONUNCIA”

DESCRITIVO 1²“M”: Organizei minha primeira entrevista, de uma hora de duração, com o coordenador, professor e membro fundador da Rede Emancipa em Porto Alegre. Entabulamos um breve diálogo antes da gravação, onde expliquei os objetivos daquela entrevista e alguns questionamentos sobre os quais discutiríamos. As perguntas já haviam sido enviadas com antecedência. Encontrei-o muito solícito e disposto a compartilhar experiências e inquietações sobre sua prática docente e de coordenação do curso ao longo dos anos em que lá atua. Iniciamos a gravação com sua trajetória e tempo como educador popular, e há quanto tempo o projeto existia. Respondeu: São Paulo, 2007; Porto Alegre, 2011. A manutenção provém de uma Deputada Estadual do PSOL/RS e outras entidades como escritórios de advocacia trabalhistas.

O Coordenador e professor do Emancipa “M” está lá há mais de dez anos e faz questão de “estar” professor, para contribuir em proporcionar atividades de Educação para um público que não o acessaria de outra maneira.

A primeira constatação, de que o Emancipa não realiza um ensino excludente o conecta com os estados dialógicos. Apesar de ser associado à exclusão, ao preparar para o ENEM, por se localizar no campo da Educação Popular, salienta M., o afigura como um *conjunto de pressupostos*, ou seja, possui um fim *político*, uma base de conteúdo que busca a libertação, a leitura de mundo. Opera na lógica Freiriana de educar *através do trabalho*, e ao fazê-lo, transforma o mundo através dele, “diz” o mundo. A Educação, “[...] qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos“, de “pronunciá-

²As entrevistas foram organizadas colocando em blocos menores de conteúdo os ‘descritores, em número crescente e de acordo com a pessoa que estavam a fornecer entrevista. Contêm os aspectos mais pormenorizados das entrevistas. Os nomes foram abreviados, assim como as referências às entrevistas, anotadas apenas como: E1, sujeito que forneceu a entrevista, data. Exemplo: ENTREVISTA 1, “M”. 22.02.2022. M é Coordenador/Professor; T é ex-aluna, assim como F e A é aluna.

lo” (FREIRE, 1982, p. 20).

O Emancipa foi concebido dentro das ideias pedagógicas de Paulo Freire, mas além da referência a ele e à Educação popular, se destacam “[...] práticas político-pedagógicas próprias, principalmente o “círculo” ou “círculo do Emancipa” — uma espécie de assembleia e/ou roda ampliada de conversa em que são debatidos temas de caráter político progressista” (GROPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 13).

M., que convive com dinâmicas como as descritas acima, é contrário aos vestibulares e quaisquer métodos de seleção, o ENEM como *antessala* da universidade, é convicto que todos possam matricular-se livremente nos cursos, desistir, procurar outro etc.

As afirmações abaixo respondem muitas das indagações pendentes. Em relação aos conteúdos, ao contrário dos Pré-Vestibulares, no Emancipa não é preciso “vencer conteúdo”³. Busca-se uma forma *humanizadora* de expor aos alunos determinados conteúdos *de acordo com o indivíduo e com a turma*. “[...] Trabalhamos com conhecimentos, se precisarmos ficar um ano inteiro trabalhando com matemática básica, ficamos o ano inteiro ali” (M, Entrevista I. fev. 2022.). A orientação é de que, “quando *não vamos vencer conteúdo*, se escolha o que é mais básico na visão de cada área, o que é a chave dos problemas de *compreensão* em cada uma.” (M, Entrevista I. fev. 2022.).

Sobre a metodologia, o Emancipa diferencia-se porque há um esforço de conectar os assuntos a atualidade, facilitando a compreensão com exemplos cotidianos, diz T., ex-aluna, o que era “muito incrível, havia uma compreensão total de modo que ela conseguia reproduzir exatamente o que tinha aprendido para sua mãe quando chegava em casa” (A.; F.; T., Entrevista II. fev. 2022.). E para a vida, afirma que só é uma educadora social por conta da formação que teve no emancipa.

Outra constatação interessante é em relação aos docentes do Emancipa, em sua maioria voluntários. M. defende a necessidade de remuneração, pois é um trabalho como qualquer outro, não devem trabalhar só por *amor*. Provoco, afirmando que *amor* é importante, mas sozinho “não paga as contas”, conforme o ditado popular.

Volto a insistir no amor, todavia, e anoro aqui a terceira ideia que trago da dialogicidade: “[...] não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (FREIRE, 1970).

Alguns autores compartilham dessa visão, como Silva (2015) e Porciuncula (2019,

³Os conteúdos são escolhidos por uma coordenação pedagógica, “que organiza as reuniões e assiste as aulas, e uns assistem às aulas dos outros”.

p. 56), que acrescenta: “[...] não são apenas responsáveis [os voluntários] pelas aulas, muitas vezes, são eles que mantêm a organização e a estrutura dos Pré Universitários Populares”.

Há o reconhecimento da necessidade de profissionalizar as atividades criando vínculos permanentes, defendendo uma *Educação ética*, um compromisso militante, a responsabilidade para com os processos do curso. Os depoimentos denotaram que no Emancipa existe a práxis de uma *Educação libertária*, fundada no amor enquanto prática pedagógica. Trabalhar “[...] mas no sentido de reconhecer o outro, dialogar com o outro, escutar o outro, porque o Eu se forma em função do Tu na ação dialógica de colaboração” (M, Entrevista I. fev. 2022.). Assim que a doação ao outro não é só de *tempo*, mas do compromisso de “[...] repartir um mundo, me disponho a *pronunciar* o mundo com o outro, a acreditar que posso transformá-lo e convido esse outro a fazê-lo comigo, através do conhecimento” (M, Entrevista I. fev. 2022.).

M. afirma que se discute com os educadores é diferente, pois dialoga-se questões como mecanismos de transformação social, prática crítica para a construção de outro tipo de sociedade, mas a partir da “[...] busca do diálogo, ouvir e conhecer os estudantes, construir a ideia da participação” (M, Entrevista III. fev. 2022.) diz. Tipicamente Freireano

[o diálogo] Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 1967, p. 107-108).

F. corrobora as afirmações acima ao apontar que no cursinho os professores não se restringiam a aplicar o conteúdo, mas preparavam para universidade e para a vida, com um acolhimento muito forte, a construção enquanto ser humano e ser político que se entende e se localiza no mundo, não ligado necessariamente a um partido. Até então, F. não questionava nenhum problema social até participar das aulas, portanto “[...] abriu a cabeça para um leque de coisas” (A.; F.; T., Entrevista II. fev. 2022.).

Esse “novo” professor, capaz de proporcionar experiências como a de emancipar um aluno, empenhado talvez em “parir” esse homem que professa Freire, que discorre mais sobre o ofício do educador:

[...] Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de

sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer “bancária” ou de pregar no deserto (FREIRE, 1970, p. 50).

Esse excerto da entrevista aproximasse do que entendo de síntese cultural.

Um dos pontos que poderiam afastar o cursinho das ações dialógicas é que, segundo M., as ações afirmativas não bastaram para que alunos advindos de uma situação de maior vulnerabilidade social e econômica adentrassem na universidade. Trava-se ainda uma batalha diária contra esses impeditivos, aumentando a adesão sobretudo de jovens mulheres negras. Nossa formação social e econômica está fundamentada em um racismo estrutural, discorre o coordenador. Contribuindo para transformar isso, o Emancipa promove formações antirracistas e feministas através do Emancipa Mulher, atividades veiculadas ao EJA⁴, ENCCEJA⁵ e Aulas públicas, além de atividades informais, como conversas em círculos, que buscam criar empatia, buscar o sorriso, a descontração. “Ambientes assim são mais propensos à busca do conhecimento”, diz M.

Isso também acontece em outros organismos da Rede Emancipa, onde durante as conversas no círculo “[...] diversos núcleos costumam chamar militantes desses movimentos para dialogar com as/os estudantes’ assuntos de pautas diversas, que vão desde a “[...]democratização da Educação superior (...) a pautas dos movimentos negro, das mulheres, LGTB, sindical etc.”, informam (GROPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 13).

“Ambientes assim [como os citados acima] são mais propensos à busca do conhecimento”, diz M (M, Entrevista I. fev. 2022.).

Percebo novamente a presença de Freire aí, e inquiri se os afetos e vínculos são uma preocupação e como estes são tratados. M. objeta que “a criação de vínculo, da amizade, do afeto, tem tudo a ver. Se não for algo que for prazeroso, o aluno não vai continuar ali”: na universidade, tu continua ali porque precisa obter o diploma, tu quer vencer uma matéria, mesmo que ela não te dê prazer”, manifesta. “Um cursinho como a gente faz, se o estudante perceber que aquilo não tem sentido pra ele, ele vai embora”:

Já teve casos, uma vez uma pessoa ficou 2 horas em uma atividade nossa e aí ela nem nos deu chance, falou que não estava entendendo nada e não iria voltar. A gente pensa que não conseguiu, mas ela também não nos deu tempo. Era

⁴EJA é a sigla de Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade de ensino destinada ao público que não completou, abandonou ou não teve acesso à educação formal na idade apropriada. A EJA é popularmente conhecida como supletivo.

⁵O Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos

uma mulher, policial militar, fazia 8 anos que não entrava em uma aula, aí em 2h entre o início da aula e o intervalo, ela disse que não entendeu nada e que não fazia sentido pra ela era pra ela e foi embora. Aí a eficácia, a eficiência, sei lá, essas palavras do momento (M, Entrevista I. fev. 2022.)

M. entende o valor e a qualidade dos afetos e do quanto isso era caro a Freire. “A gente sempre diz que tem que ser um lugar agradável, tem que ter espaço pro diálogo, pro afeto, pra amizade” (M, Entrevista I. fev. 2022.). Entende que há que haver a criação de situações e espaços, como “[...] intervalo, recreio, algo que elas possam conversar entre elas” (M, Entrevista I. fev. 2022.).

Essa importância da cooperação reforçada por Mendes e Rufato (2015, p. 06)

É frequente, por exemplo, que na prática realizada em boa parte dos cursinhos comerciais, valorize-se a limitação do convívio social em nome do estudo individual, que seja lugar-comum tratar os colegas com a desconfiança típica dos adversários ao invés de trabalhar a cooperação, que a circulação de estereótipos sobre determinados grupos raciais (como os negros ou os orientais) seja valorizada ao invés de condenada. Reforçando nosso questionamento: é desejável tomar por qualidade de Educação métodos que têm por base a competição entre estudantes e o reforço de preconceitos e discriminações?

DESCRITIVO Minha terceira conversa foi novamente com o coordenador M. Iniciei explicando que nesse encontro minha ideia era discutir duas perguntas e que era interessante o fato de que ele podia abordar as respostas em duas perspectivas, enquanto professor e enquanto coordenador, sendo a primeira pergunta de que maneira as teorias da ação dialógica do Paulo Freire e as categorias da colaboração, união, organização e síntese cultural se aplicam no Emancipa.

Essa função de Coordenador, no processo, é fundamental. Freire (1967, p. 114) já alertara para “[...] a grande dificuldade que se nos põe e que exige um alto senso de responsabilidade está na preparação dos quadros de coordenadores”. A dificuldade, diz ele, não reside “[...] no aprendizado puramente técnico de seu procedimento [mas] (...) na criação mesma de uma nova atitude — e ao mesmo tempo tão velha — a do diálogo”.

Esse diálogo a que ele se refere é a relação dialógica, que M. proclama como “[...] a de um Eu que se forma em função do Tu” (M, Entrevista III. fev. 2022.), e que sobretudo não *coisifica* o educando, e que essa prática se constitui em um Nós, um *coletivo*. Em Porto Alegre, no final do ano, sempre aparecem aquelas lembranças das turmas, nas redes sociais como o Facebook, e como noção de *família*, intitulado-se “família emancipa”.

O coordenador destaca que o aluno é muitas vezes crítico, eles permanecem, em

torno de dois anos, conseguem criticar essa “instituição família”, mas percebem nela o que ele chama de “talvez o ponto positivo da família” que é o acolhimento, um espaço de participação e um espaço onde ele pode ser ele.

Aqui surgem vigorosas as categorias da ação dialógica de Paulo Freire, como a *colaboração* e a *síntese cultural*. Fazer parte de um *coletivo*, de um outro tipo de proposta mais transformadora, política etc., ainda que senso comum, clichê, são parte do vivido, e sendo assim, não nos cabe brigar, mas (re)construir essas percepções.

O Emancipa propicia essa construção dialógica, pois há uma estrutura que o ampara e dá suporte nesse aspecto; um professor que se identifica com as concepções do Emancipa geralmente tem dificuldade em outros espaços, como o próprio M., afirma, a ordem estabelecida, o desconhecimento dos alunos do que é público dificulta o processo dialógico.

Exponho a importância do ambiente na Educação, o quanto é difícil a tarefa de educar em locais que se parecem com presídios, acenando a Foucault⁶. Não é *impossível*, mas mais demorado, pela dificuldade de se inserir em outra proposta com determinadas *regras e imposições* que segundo ele fazem parte de alguns projetos. Numa sala de aula somos submetidos a uma lógica que *dilui a liberdade individual em detrimento do coletivo*. Na escola pública, e mais ainda na privada, uma série de regras e imposições, muitas vezes vão ao encontro “da manutenção da ordem social, institucional, burguesa ou qualquer outro nome que possamos dar”, são um “[...] antidiálogo, entranhado em nossa formação histórico-cultural (FREIRE, 1967, p. 07-08).

Já o Emancipa, de acordo com os depoimentos trabalha a ideia de organização, de participação, promove o coletivo através de discussões acerca do entendimento sobre determinadas questões, o motivo de determinadas organizações, através de uma explanação lógica do porquê atuamos dessa maneira. Isso proporciona *liberdade* de concordar ou discordar, mas sobretudo há um encadeamento *prático* e não *utópico*, mas possui um fim libertador, a pessoa está ali, conectada por livre vontade a essa práxis.

Aqui fica evidenciada a importância da prática da liberdade, que leva à autonomia, que aparece de forma clara nessa manifestação de A. aluna “[...] uma experiência incrível que proporcionou uma preparação para a vida, além do aporte de conteúdo”

[...] toda vez que se suprime a liberdade, fica ele [o homem] um ser meramente ajustado ou acomodado. E é por isso que, minimizado e cerceado, acomodado

⁶Michel Foucault (1926 - 1984), filósofo francês, publicou em 1975 o livro *Vigiar e Punir*, onde discorre acerca das relações de poder e da vigilância e punição em contextos sociais como a prisão, os manicômios e as escolas.

a ajustamentos que lhe sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora. (FREIRE, 1970, p. 42).

DESCRITIVO 3: Encerro a primeira entrevista com M. agradecendo veementemente pela dedicação do tempo dele, mais ainda por ter aberto as portas do Emancipa para mim, falo que esse ponto demonstra o quanto é democrático a instituição e o seu ensino e que conversar com um camarada é além de tudo prazeroso.

DESCRITIVO 4: A segunda entrevista foi realizada com uma aluna e duas ex-alunas do Emancipa, e, como na primeira entrevista com M., antes do início da gravação, enquanto as entrevistadas iam chegando, apresentei-me, e conversamos um pouco acerca dos objetivos da pesquisa, como se daria a gravação da entrevista, as perguntas, alguns dados de identificação, onde estavam atualmente, se na universidade ou não, quanto tempo no Emancipa, formações acadêmicas e/ou militantes, experiências com Educação. “A”. participa do Emancipa desde 2021, atualmente trabalhando, sem frequentar nenhum Curso Superior. Já realizou três cursos, sendo dois de Administração, um deles em nível Técnico e outro curso de Técnico em Vendas. Como foram em instituições distintas, recebeu uma diferenciação bem ampla de processos teórico-metodológicos. “F”. testemunhou ter sido estudante do Emancipa do ano de 2017 até metade de 2018, quando ingressou no curso de Direito na UFRGS, encerrando ali sua participação Sua experiência inclui ainda a participação o trabalho como educadora social no período de um ano, com crianças e adolescentes no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo⁷, organizado no coletivo Juntos!⁸, no momento da entrevista, assumia como suplente a vaga de um vereador em licença, na cidade de Porto Alegre. “T”. inicia sua explanação dizendo que ficou no Emancipa de 2015 até o final de 2017 Esteve no cursinho de 2016 até 2017, ingressando no ano seguinte no Serviço Social, na UFRGS.

T. ex-aluna de clara que foi a partir de sua construção no Emancipa que conseguiu atuar como educadora social em sua comunidade, no Campo da Tuca⁹, de 2018 a 2020. Aqui, desponta de forma bem clara uma das categorias da *ação dialógica* que é a *organização*, segundo Freire (1970, p. 240), não conectada de forma direta à sua *unidade*, mas um *desdobramento natural* desta unidade das massas populares. Desta forma, ao buscá-la, “[...] a liderança já busca, igualmente a organização das massas populares, o

⁷Trabalho desenvolvido em uma associação de moradores de um bairro de Porto alegre para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e econômica.

⁸O Juntos! é um coletivo de juventude que se organiza do norte ao sul do Brasil, nas escolas, universidades, bairros, locais de trabalho e onde quer que esteja a juventude indignada que busca transformação. Nossa missão é para intervir na realidade, lutar pelas necessidades do nosso povo e construir uma sociedade radicalmente diferente. O Juntos! foi fundado em 2011(...).(JUNTOS! Quem Somos. Disponível em: <https://juntos.org.br/quem-somos>. Acesso em 01.03.2022

⁹Bairro não oficial de Porto-alegre localizado no bairro Partenon

que implica o testemunho que deve dar a elas de que o esforço de libertação é uma tarefa comum a ambas” (FREIRE, 1970, p. 240).

Interpelo A. aluna, acerca das dissemelhanças que vivenciou entre o Ensino Fundamental que cursou e a experiência do Emancipa, dado que estudou em duas escolas públicas: a do Ensino Fundamental, classificou como mais *privatista*, sem possibilidade de autonomia; a outra, no Ensino Médio, Técnico, na cidade de Guaíba, RS, estavam presentes dinâmicas de criação de laços, interações mais democráticas e mais livres. E também, segundo ela, preparava para vida porque trabalhava muito a questão social e econômica, similar ao Emancipa, que aborda projetos sociais e questões econômicas. A respeito do comprometimento do cursinho com os alunos, com seus alunos, cita o exemplo do suporte financeiro fornecido a quem não tinha condições de pagar a prova do ENEM. Salienta que esse suporte, todavia, não se restringia às aulas, mas constituía-se num apoio constante.

F. ex-aluna também narra suas experiências com a Ensino Fundamental, lembrando de professores de lá que também eram do Emancipa, alegando que as aulas de um e de outro eram muito discordantes, atribuindo ao fato de que talvez na primeira, as aulas fossem mais “regradas”. Porque

[...] essa questão de formar pra vida, falar como é a universidade não só na forma da matéria. A escola, eu estudei em uma época precarizada em que o Sartori era governador e era muito difícil. Eu me formei em fevereiro, no meio das férias, foi portanto um ensino muito precarizado, com falta de professores (A.; F.; T., Entrevista II. fev. 2022.)

Talvez esse regramento seja percebido como opressão e seja sentido no espaço, simbólico ou não, de luta, do engajamento ou não, na percepção de que há opressores-oprimidos e que é preciso a superação de sua situação concreta de opressão. Uma Pedagogia do Oprimido, “[...] forjada com ele [o oprimido] e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade”; é necessária para que “[...] faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos”, e cujo resultado implicará em um “[...] engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará” (FREIRE, 1970, p. 17).

Nessa Pedagogia do Oprimido, *humanista e libertadora*, os oprimidos, na práxis, ao irem desvelando o mundo da opressão, se comprometem e transformam a realidade. A Pedagogia, assim, deixa de ser do oprimido e passa a ser “[...] dos homens em processo de permanente libertação” (FREIRE, 1970, p. 23)

Freire (1970) concebe como um dos instrumentos desse mundo opressor, que pode

ser comparado de forma grosseira à Ensino Fundamental mencionada por F., uma Educadora «bancária», e realiza sua crítica, problematizando-a enquanto libertadora, possibilitadora de uma relação da qual nasce um homem “novo”.

T., esclarece que cursou o Ensino Fundamental em escola pública, que o ensino era precarizado, o professor se restringia a passar o conteúdo, era passar na prova e ponto. Seu encontro com o Emancipa deu-se quando finalizava o ensino técnico, no estágio. No início, parecia Ensino Médio, mas logo houve um *encantamento*, percebeu que havia lá muito mais do que a preparação para o ENEM.

Explana que lá conseguiu constituir-se enquanto pessoa. Antes, não detinha o olhar *político, crítico e humanizador* sobre questões de raça, de gênero, “esse *entendimento* do mundo, sobre quem ela era, o que queria ser e o que queria construir em prol da sociedade”, da sua comunidade, e mais, “quem ela era para esses espaços”. Tem bem claro para si que só conseguiu ter esse olhar mais crítico a partir da experiência no Emancipa.

Posso inferir, a partir desse depoimento, que aqui identifica-se um processo de Educação libertadora, que é “[...] igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também”, revela Freire, “[...] que proporcione uma *tomada de consciência* dos indivíduos em torno dos mesmos”. “[...] O que se pretende investigar, realmente, não são os homens, como se fossem peças anatômicas”, continua, “[...] mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo” (FREIRE, 1970, p. 49-50).

Quanto ao currículo, T. lembra de algumas discussões marcantes como o a questão do Feminismo, acerca dos concursos de Miss, modelo de beleza etc., quando estendeu o debate à oficina que realizou em sua comunidade, no “Novembro Negro, chamada de “Beleza Negra”, com o diferencial que todas as participantes ganharam faixas de “mais bela negra”.

Na única entrevista¹⁰ que realizei em grupo, participaram três pessoas, uma aluna e duas ex-alunas do Emancipa. Houve apenas um destaque para a menção a uma prática pedagógica que incluía a *repetição* como método. A. anunciou que nas aulas do Cursinho o debate era muito estimulado, fazendo com que se apropriassem melhor do assunto para argumentar, e que, portanto, havia mais aprendizado.

Paulo Freire combateu incansavelmente esse modelo de aprendizagem por repetição. Inúmeras vezes reiterou que aprender implica “[...] não uma memorização visual e

¹⁰Data: 15/02/2022. Endereço: <https://meet.google.com/yuv-wxrf-vhs>

mecânica de sentenças, de palavras, de sílabas, desgarradas de um universo existencial - coisas mortas ou semimortas -mas numa atitude de criação e recriação”. E talvez mais do que isso, a apropriação à que A. se refere aproxima-se das ideias de Freire de “[...] auto-formação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto” (FREIRE, 1967, p. 110). Novamente identifico a proximidade com meu estudo na ideia de transformar o mundo a partir de sua pronúncia.

As discussões com intervenções/atravessamentos de uma fala em outra, portanto, foram, do meu ponto de vista, um ponto positivo das entrevistas em grupo, ao passo que as realizadas individualmente proporcionam outros pontos positivos, que julgo, a partir das minhas impressões, como sendo mais “intimistas”. Nas entrevistas individuais que uma das alunos se emocionou ao narrar sua trajetória e houve um diálogo maior. Com isso, gerou um maior *comprometimento* do participante, que entende que as perguntas são direcionadas a ele enquanto sujeito – e não, coletivo. Creio que uma entrevista individual faz com que o participante se sinta mais à vontade, e, por isso, uma das participantes se emocionou em certo ponto de seu depoimento.

DESCRITIVO 5: O terceiro encontro foi desdobrado em dois, portanto, as perguntas são as mesmas. Ideava um encontro com todos os participantes da pesquisa, entendendo que iria propiciar algumas discussões sobre o tema, porém os meus compromissos e dos demais, impediram um encontro virtual de todos. Nesse encontro T. estava em um outro ângulo, onde pude ver sua estante, de onde me chamou a atenção um livro com a capa do disco Sobrevivendo no Inferno do Racionais Mc’s e o livro Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus. Iniciei a gravação explicitando ser o segundo e último encontro em que debateríamos o Emancipa, além das experiências que se somam as análises e expus a pergunta que já foi mencionada anteriormente, sendo de que forma as ações dialógicas e as categorias escolhidas nesse trabalho, são encontradas na práxis do Emancipa.

T. exemplifica algumas ações de sua caminhada lembrando o quanto o Emancipa a transformou e possibilitou com que estendesse as experiências adquiridas para sua comunidade, o que entendi como a categoria organização da ação dialógica. T. lembrou de um acontecimento muito duro também, de quando saiu do pré-universitário e adentrou na universidade.. Continua dizendo que durante esses dois anos conseguiu aprender e ter uma dimensão diferente de uma outra proposta de Educação que ela não havia visto nem no Ensino Fundamental e nem no Ensino Médio o que tornava muito inovador pra ela.

Parece meio clichê dizer isso, mas a gente se sentia como protagonista da nossa vida e se sentia alguém ali. Como se a gente passasse a ser a partir dali, porque antes a gente não era visto, nós, enquanto grupo, enquanto educandos,

cursistas, não tínhamos a dimensão de que podia levantar a mão e perguntar. Tipo, a gente pode perguntar, a gente pode questionar [afirma]. Porque a vida toda fomos impedidos de falar, de questionar, portanto de saber. Ali parece que se abriu uma porta e a gente conseguiu ter mais dimensão sobre o que a gente era e que aquele espaço também era nosso, que éramos pertencente como um todo (T, Entrevista IV. fev. 2022.).

T. afirma que os dois anos no cursinho foram muito bons, e em 2018 finalmente conseguiu uma vaga no ensino superior. Era a tão idealizada vaga, e diferente da que vivia no Emancipa: “[...] eu fiquei totalmente perdida, pensando, agora eu tô na federal, mas e agora? Era totalmente diferente, a questão da acolhida, o sentimento de *pertencimento* ali já não existia mais” (T, Entrevista IV. fev. 2022.).

Em 2018 ela e cerca de mais 100 estudantes foram indeferidos por falta de documentação que ela alegou não estarem faltando. Esse processo é chamado de “matrículas precárias”, o próprio nome já “mostra que aquele lugar não era pra gente”. Foi um outro choque, além do acolhimento. Os advogados do Emancipa entraram com dois processos, e enquanto isso, acabou voltando pras aulas do pré-universitário. Caso os processos não fossem favoráveis, ela perderia a matrícula. Confessa que nesse momento não queria permanecer lá. Quando mencionou esse processo¹¹, T. se emocionou e continuou

Eu não queria tá ali. Vou até me emocionar. Eu não queria tá ali [na universidade] porque eu queria voltar [pro Emancipa]. Porque naquele momento ‘foda-se’ federal, ‘foda-se’ qualquer outra coisa, porque eu queria voltar, me sentir pertencente de novo. E eu sabia que no Emancipa eu ia encontrar aquilo que não tinha na federal. Era diferente, cada um por si, uma lógica competitiva que eu penei pra entender com as coisas aconteciam e até hoje eu fico perplexa com as coisas que acontecem porque é uma lógica totalmente diferente do que eu havia aprendido na minha comunidade e no Emancipa. E eu não queria tá ali naquele espaço, sem certeza se a vaga viria, sem nenhum tipo de acolhimento (T, Entrevista IV. fev. 2022.).

A narradora continua dizendo

Voltei pro Emancipa que me deu um grande conforto porque eu sabia que tinha pra onde voltar. Então assim, ‘foda-se’ federal naquele momento porque eu queria voltar pro Emancipa. E claro que há essa questão que é o emancipa, portanto precisamos nos emancipar e eu não podia estar todos os anos ali, tinha que voltar pra universidade e encarar aquilo, mas naquele momento de incerteza e vulnerabilidade eu não queria estar na universidade, queria estar no Emancipa que era um mundo à parte em comparação com a universidade, com coletividade, senso de pertencimento que fazia valer. Parecia que a gente

¹¹Em 2018 T. e cerca de mais 100 estudantes foram indeferidos por falta de documentação que ela alegou não estarem faltando. Esse processo é chamado de “matrículas precárias. Os advogados do Emancipa entraram com dois processos que, caso não fossem favoráveis, perderia a matrícula. Nota do autor

saía do Emancipa e era jogado aos leões na universidade (T, Entrevista IV. fev. 2022.).

Foi encorajada a voltar ao Serviço Social, mas só em 2019 retornou com uma matrícula provisória, deferida em fevereiro de 2021, mas nesse momento tranquilizada.

Esse testemunho levanta um ponto muito caro pra mim, o acolhimento e o afeto, que Paulo Freire(1970) menciona em relação ao amor , não trata-se de um amor piegas, mas o amor no sentido de reconhecer o outro enquanto sujeito e que portanto dialogar. Não no sentido de despejar um conteúdo que vai ser engolido sem mastigar.

Agradeço por ter compartilhado o relato comigo, que julgo muito relevante. Conto que faço parte de um partido político que é próximo de pessoas que trabalham no emancipa, apesar de eu me organizar em outras áreas como o movimento estudantil, mas sempre escutei relatos sobre o projeto e sentia muita vontade de participar, Apesar de estar em uma cidade marginalizada, na fronteira com o Uruguai e “longe demais das capitais”, me dispus a conhecer pela ótica deles, e o projeto só aumentava a vontade de participar, passar por aquelas experiências relatadas.

Apresento aqui o segundo questionamento da entrevista que é, como já dito, enunciar aquela famosa frase do Paulo Freire, onde afirma que “quem educa ensina ao educar; quem aprende, ensina ao aprender” e pergunto, o que ela entende que ensinou, enquanto aluna do emancipa, durante o momento que participou.

T. discorre que na sala de aula ela não conseguia enxergar isso, mas que em 2018 recebeu o convite de atuar como Educadora Social em sua comunidade, e naquele momento perguntava-se exatamente o que era atuar como tal.

Na comunidade, trabalhava na política de assistência, tudo muito precário, mas podia ver a prática de muitas mulheres negras que desempenhavam a função de educadoras sociais. Mães da comunidade a transformaram através de uma lógica que ela julga freireana, percebeu que era sob essa lógica que trabalharia com as crianças, já que aprendeu no Emancipa

[...] todos podem ser um educador social, desde a tia do lanche, todo mundo tem o ‘dom’ de ensinar e de aprender e que tudo aquilo que eles falavam no emancipa, nessa lógica freiriana, eu consegui aprender com os educandos, como educadora social, porque ali eu consegui ver exatamente as coisas acontecendo e aquilo me deu um pouco de medo, mas foi transformador, ver as coisas tomando forma. Porque antes eu conseguia enxergar isso em mim, me enxergar transformada, mas aí transformar o ambiente onde eu tô, não no sentido de ir lá e ser a heroína salvadora, não era nada disso, mas assim, eles me transformaram ali (T, Entrevista IV. fev. 2022.).

Percebemos que aqui emerge um outro elemento, a mobilização advinda da educação de classe, e pressupõe participação, comprometimento, formação crítica, politizadora e conscientizadora no processo de construção de um novo mundo (PAULO; ZITKOSKI, 2016, p. 52).

A ligação dos Cursinhos com os Movimentos Sociais ocorre em espaços de liberdade, “[...] fora dos círculos institucionais”, não se restringe “[...] ao aprendizado de conteúdos transmitidos por meio de procedimentos pedagógicos, não podemos preterir a dimensão política”. Esta passa pela aquisição progressiva de uma consciência adquirida “[...] a partir do conhecimento sobre quais são seus direitos e deveres na sociedade” (PORCIUNCULA, 2019, p. 46).

Sua presença porém, se de um lado conforta, por outro anuncia um incômodo, o da constatação de que há

[...] uma parcela de estudantes – em geral jovens de periferia e/ou de grupos raciais negros e indígenas – que não ingressa nas universidades públicas. Após a crise dos excedentes, isso passou a se expressar na proporção considerável dessas e desses estudantes não obterem a “nota de corte” (nota mínima para ser classificado) nos cursos de suas escolhas. Mais recentemente, vemos isso se expressar também na recusa de muitas e muitos estudantes em sequer se inscreverem para os processos seletivos de universidades públicas, direcionando seus esforços para o setor privado, em que concorrem a bolsas e/ou a financiamentos estudantis (crédito educativo).

Hoje, não atua como educadora social, mas esse saber da Educação popular vai estar sempre com ela, como futura assistente social.

Dialogamos sobre o quanto são necessários esses processos de acolhimento em outras instituições e que precisamos refundar, reformular a lógica da Educação, argumento que inclusive uma assistência jurídica. Abro o espaço pra uma consideração final, onde a T. diz ter gostado muito de ter participado, que ficou muito feliz de ter compartilhado sobre esses processos porque “[...] é bom ir mapeando esses processos, porque acaba fazendo todo o sentido quando retomamos todos os passos que demos até chegar aqui” (T, Entrevista IV. fev. 2022.).

No contexto da Rede, emancipação está relacionada ao ingresso na *universidade*, mas no caso de T., funcionou às avessas, porque a emancipação não se faz sem amor, sem a força e afeto dos inúmeros excluídos das universidades nossas de cada dia.

No contexto da Rede, no contexto da Rede, emancipação está relacionada não só ao ingresso na universidade, e no caso de T., funcionou às avessas, porque a emancipação

não se faz sem amor, sem a força e afeto dos inúmeros excluídos das universidades nossas de cada dia.

Finalizo esse relato com suas palavras, quando menciona levar para a vida o que aprendeu no Emancipa, que os alunos do projeto social deixaram nela. Em meu caso, os participantes das entrevistas desvelaram o sentido do nome do Cursinho, *um processo de emancipação* que surge de uma organização popular na busca de alternativas de romper com toda e qualquer forma de Educação desumanizadora.

Talvez o regramento da educação tradicional seja percebido como opressão e seja sentido no espaço, simbólico ou não, de luta, do engajamento ou não, na percepção de que há opressores-oprimidos e que é preciso a superação de sua situação concreta de opressão.

A Emancipação que o Emancipa proporciona, na voz dos testemunhantes, aproxima-se da Pedagogia do Oprimido, “[...] forjada com ele [o oprimido] e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade” é necessária para que “[...] faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos”, e cujo resultado implicará em um “[...] engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará” Freire (1970, p. 17).

Nessa Pedagogia do Oprimido, *humanista e libertadora*, os oprimidos, na prática, ao irem desvelando o mundo da opressão, se comprometem e transformam a realidade. A Pedagogia, assim, deixa de ser do oprimido e passa a ser “[...] dos homens em processo de permanente libertação” Freire (1970, p. 23). Essas ideias perpassaram a orientação do Emancipa em seus aspectos teóricos, metodológicos, humanos, culturais, formativos, na voz de seus depoentes.

Freire (1970) concebe como um dos instrumentos do mundo opressor um tipo de Educação que pode ser comparado de forma grosseira ao ensino praticado nos Cursinhos Pré-Vestibulares comuns, no sentido inverso ao praticado no Emancipa, segundo depoimentos, possibilitadora de uma relação da qual nasce um homem novo.

5 PAUSA DA CAMINHADA: O INACABADO

O primeiro ponto sobre o qual desejo discorrer nessas considerações finais dirige-se ao fato de que minha pesquisa foi parcialmente prejudicada pela pandemia de Covid-19. Meu intuito inicial era realizar uma pesquisa de campo que me permitisse observar presencialmente as aulas da Rede Emancipa que, infelizmente, operou no formato de aulas online, no ano de 2021.

As interrogações basilares debatidas nesse trabalho abordaram o Cursinho Pré-Universitário Emancipa de Porto Alegre-RS e os dilemas que cercam a pergunta pela coerência entre sua práxis e sua função. Me propus a dialogar com tais dilemas, traçando conexões inquietantes que pudessem habitar essa experiência de Educação Popular em relação às concepções de Paulo Freire.

Entre os objetivos, estava dialetizar, compreender e explicitar, através de uma pesquisa empírica, como os conceitos de Educação Libertária, Conscientização, Autonomia e Emancipação, de Paulo Freire, estariam presentes na práxis de um cursinho preparatório para o ENEM, aparentemente um território antagônico à aplicação dessas ideias.

Entretanto, ao iniciar esse processo, não tinha conhecimento de uma bibliografia bastante extensa que respondeu a muitos dos questionamentos que permeavam meu processo de pesquisa. Analisar com afincos a produção de Paulo Freire, me levou a dimensões de reflexão extremamente importantes ao que me constitui como humano, militante, professor.

A importância das vozes que “pronunciam”, ou seja, que constroem o Cursinho da Rede Emancipa o fizeram de forma tão contundente, que me levou a outros caminhos, outras hipóteses. As entrevistas produziram, para mim, relatos que, para além da riqueza de conteúdos, atenderam a meus questionamentos e desnudaram dimensões sensíveis que não pensara existirem.

Os relatos foram emocionantes, e me permitiram entender, junto à leitura da obra de Freire, em relativa profundidade algumas questões às quais me havia proposto, ligadas às teorias da ação dialógica. Foram momentos muito enriquecedores para mim como militante pela vida e pela educação, reconhecer a possibilidade de poder transformar a sociedade e a escola não somente de dentro, mas também de fora.

Pude entender que “[...] para que os professores se transformem, precisamos, antes de mais nada, entender o contexto social do ensino, e então perguntar como é que esse contexto distingue a educação libertadora dos métodos tradicionais” (SHOR; FREIRE,

1986, p. 27). E o contexto excludente, as falas demonstraram, não transforma tudo em exclusão, pelo contrário, abre espaço para, a partir dela, traçar, a cada dia, estratégias de combate às opressões, às injustiças.

Os testemunhos sugerem que a educação libertadora é praticada, tanto professores quanto alunos aprendem, são os “sujeitos cognitivos” de Freire, apesar de serem diferentes.

A *conscientização* que se dá, de modo a possibilitar com que esses alunos testemunhem os aprendizados da e para a classe da qual fazem parte, como descrito em relatos, possibilitam a ação de *unir para libertação e organização*.

Acerca das questões de pesquisa sobre haver ou não contradição no fato de um Cursinho que prepara para o ENEM, uma prova de concorrência, operar na lógica da dialógicidade requerida por Paulo Freire, as respostas apresentam diversos indícios. Foram respondida por todos, Coordenador, aluna e (ex) alunas que, se há contradição, ela é parte da vida, e graças a ela não devemos nos imobilizar quando nos deparamos frente a ela. Os diálogos ensinaram que, para superar a contradição, precisa-se encarar e refletir com os atores do Cursinho sobre a própria lógica do vestibular e do funcionamento do ENEM, os quais criticam.

Se o ENEM e os vestibulares podem ser entendidos como uma ação antidialógica, do tipo “dividir para manter a opressão”, onde se opera um sentido de competição, no Emancipa pude perceber pelos dizeres que se ultrapassa essa lógica em direção à ação dialógica na união, na qual os oprimidos se entendem enquanto classe e cooperam entre si.

Mais uma vez, devo dizer que referendo o método e a defesa de que não existam mais mecanismos de exclusão e que possamos construir espaços educacionais onde todos tenham acesso. Antes, porém, a práxis comprometida deve desvelar o mundo da opressão e transformar a realidade do homem, da escola, do social, deixando a Pedagogia, assim, do oprimido e passando a ser de todos os homens em processo de libertação permanente, como em Freire.

Como na escrita da Etnografia, engajada, implicada, tentei tornar minha escrita o mais próxima possível do espírito de militância e de luta, de doação, de disponibilidade ao outro, presente na teoria de Freire e na ação dos que passaram pelo Emancipa. Pude perceber o quanto um trabalho desses deixa marca na vida das pessoas, para sempre, sendo uma referência marcada a ferro e fogo, na dor e na alegria, a ponto de entrarem na Universidade e desejarem voltar para lá.

O Cursinho, no processo de desvelamento das situações de opressão, no diálogo, ao conduzir a processos de Educação, liberdade, consciência, ação, percepção de si, o faz de forma qualitativamente distinta da escola tradicional e de outras instituições que se veem opressoras.

Ao possibilitar com que os alunos testemunhem os aprendizados da/para a classe da qual fazem parte, como no relato de uma das ex-alunas, possibilitando a ação de unir para libertação e organização, podendo se constituir em autonomia e emancipação enquanto processo.

Posso dizer que há uma aproximação das categorias da ação dialógica no texto, ainda que, por vezes, de forma não tão explícita. Houve de fato uma opção para que o leitor fizesse as conexões.

Tentei me assumir, como na escrita da Etnografia, como um autor porta-voz. Aprendiz e porta-voz, aquele que, pelo respeito ao outro e sua prática, e por estar na vida militando, pode “pronunciar” essa voz e dizer que é possível a luta pela transformação social.

Acredito ter acalmado, em parte, minhas inquietações, a partir do momento em que vi no Cursinho possibilidades de acolhimento, de conhecimento e morada das ideias libertárias de Paulo Freire através dos testemunhos dos participantes do.

As “vozes” dos entrevistados tornaram-se “audíveis”, anunciando uma orientação dialógica, afastando-se da orientação dominante nos Pré-Vestibulares comuns, tanto em sua práxis como em seus conteúdos, metodologias, formação cultural e acolhimento.

Pude entender que “[...] para que os professores se transformem, precisamos, antes de mais nada, entender o contexto social do ensino, e então perguntar como é que esse contexto distingue a educação libertadora dos métodos tradicionais” (SHOR; FREIRE, 1986, p. 27). E o contexto excludente, as falas demonstraram, não transforma tudo em exclusão, pelo contrário, abre espaço para, a partir dela, traçar, a cada dia, estratégias de combate às opressões, às injustiças.

Os relatos foram emocionantes, e me permitiram entender, junto à leitura da obra de Freire, em relativa profundidade algumas questões às quais me havia proposto, ligadas às teorias da ação dialógica. Foram momentos muito enriquecedores para mim como militante pela vida e pela educação, reconhecer a possibilidade de poder transformar a sociedade e a escola não somente de dentro, mas também de fora.

As vozes dos testemunhos envolvidos “pronunciaram” mundos plenos de sentidos de dignificação da vida para além da sala de aula, transparecendo que o impacto desse

tipo de experiência em termos afetivos, vinculares, existenciais e emancipatórios pode transformar através da Educação.

Finalizo com uma enorme satisfação do processo que me conduziu até aqui. Esse trabalho surgiu de uma dúvida sincera sobre quais eram os mecanismos dessa instituição, que são muito importantes para minha compreensão enquanto futuro educador e enquanto o militante que sou.

REFERÊNCIAS

A., L. S.; F., R. S.; T., M. C. Entrevista II. fev. 2022. Entrevistador: Douglas Ferreira Soares. Bagé, 2022. Entrevista gravada pela plataforma Google Meet (36 min.). A entrevista na íntegra encontra-se no link: https://www.youtube.com/watch?v=INHkfkWkw_A e transcrita no Apêndice B.

BARBIER, R. L'écoute sensible dans la formation des professionnels de la santé. In: **Conférence à l'École Supérieure de Sciences de la Santé-<http://www.saude.df.gov.br> Brasília**. [S.l.: s.n.], 2002.

BONALDI, E. V. **Tentando chegar lá: as experiências sociais de jovens em um cursinho popular de São Paulo**. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, 2015.

CASTRO, C. A. **Movimento socioespacial de cursinhos alternativos e populares: a luta pelo acesso à universidade no contexto do direito à cidade**. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual de Campinas, 2011.

DUNDER, K.; GARCIA, A. **Professores brasileiros têm os piores salários da OCDE**. 2021. Disponível em: : <https://noticias.r7.com/educacao/professores-brasileiros-tem-os-piores-salarios-da-ocde-diz-estudo-16092021>. Acesso em: 08 de setembro de 2021.

EMANCIPA, R. Revista 10 anos rede emancipa. **Revista Emancipa**, 2017.

EMANCIPA, S. do. **Google Maps. Google**. 10 jan. 2022. Consultado em: <https://www.google.com.br/maps/place/R.+Riachuelo,+1339+-+Centro+Hist%C3%B3rico,+Porto+Alegre+-+RS,+90010-271/@-30.0316263,-51.2304487,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x951979058fab885f0xc31291e0df209903!8m2!3d-30.0316263!4d-51.22826>.

FACEBOOK. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/emancipa.org>. Acesso em: 08 de setembro de 2021.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. [S.l.]: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. [S.l.]: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. [S.l.]: Cortez Moraes, 1979.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. [S.l.]: Cortez, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Pedagógica**. [S.l.]: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Política e Educação**. [S.l.]: Paz e Terra, 2001.

GROPPO, L. A.; OLIVEIRA, A. R. G. d.; OLIVEIRA, F. M. d. Cursinho popular por estudantes da universidade: práticas político-pedagógicas e formação docente. **Revista Brasileira de Educação**, Scielo, v. 24, 2019.

GUERRA, E. L. d. A. Manual de pesquisa qualitativa. **Belo Horizonte: Grupo Anima Educação**, 2014.

IBGE, I. B. d. G. e. E. **Censo de 2019**. 2019. Disponível em: : <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-2019-censo4.html?#t=o-que-e>. Acesso em: 21 de agosto de 2021.

JUNTOS! **JUNTOS! Quem Somos**. 2011. Disponível em: : <https://juntos.org.br/quem-somos>. Acesso em: 01 de março de 2022.

M, V. M. V. Entrevista I. fev. 2022. Entrevistador: Douglas Ferreira Soares. Bagé, 2022. Entrevista gravada pela plataforma Google Meet (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se no link: <https://www.youtube.com/watch?v=uEgZ4i7u87w> e transcrita no Apêndice A.

M, V. M. V. Entrevista III. fev. 2022. Entrevistador: Douglas Ferreira Soares. Bagé, 2022. Entrevista gravada pela plataforma Google Meet (28 min.). A entrevista na íntegra encontra-se no link: <https://www.youtube.com/watch?v=IQHqVwvO8N0> e transcrita no Apêndice C.

MACHADO, S. **A democratização do acesso ao ensino superior no Brasil e os cursinhos populares da rede Emancipa**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual de Montes Claros. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, 2020.

MATTOS, C. L. G. de. A abordagem etnográfica na investigação científica. **Revista Espaço (INES)**, 2001.

MENDES, M. T.; RUFATO, M. A. de. Por que não passam? cursinhos populares e tempo curricular: uma problematização a partir de experiências da rede emancipa. 2015.

MINAYO, M. C. d. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Revista Ciência & saúde coletiva**, Scielol, v. 17, n. 3, p. 621–626, 2012.

OLIVEIRA, L. K. d. **15-0: uma primavera que se estendeu. Barricadas abrem Caminhos**. 2011. Disponível em: : <https://barricadasabremcaminhos.wordpress.com/2011/10/>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

PALUDO, C. Educação popular como resistência e emancipação humana. **Cadernos Cedex**, Scielo, v. 35, p. 219–238, 2015.

PAULO, F. d. S.; ZITKOSKI, J. J. A educação popular e a vocação ontológica do ser mais: um estudo da trajetória de carlos rodrigues brandão na universidade. **Ciência em Movimento**, v. 18, n. 37, p. 47–54, 2016.

PORCIUNCULA, V. **Qual olhar se lança sobre os pré-universitários populares: abordagem nos trabalhos acadêmicos dos PPG's da UFRGS entre os anos 2000-2018?** Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

ROCHA, A. A. d. Da situação-problema à teoria de resposta ao item: Reflexões sobre o enem como debate curricular. **37ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2015.

SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. [S.l.]: Editora Companhia das Letras, 2006.

SANTANA, G. X. d. Pedagogia libertária: um breve histórico dialogando teoria e prática. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 13, n. 27, p. 472–491, 2018.

SANTANA, W. P.; LEMOS, G. C. Metodologia científica: a pesquisa qualitativa nas visões de lüdke e andré. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 4, n. 12, 2018.

SCHNEKENBERG, G. F.; OLIVEIRA, G. S. de; JUNIOR, E. B. L. A prática etnográfica na pesquisa educacional: Apontamentos primordiais da relação entre educação e antropologia. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 44, 2021.

SHOR, I.; FREIRE, P. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. [S.l.]: Paz e Terra, 1986.

SILVA, A. L. d. O método etnográfico: uma reflexão a partir de catingueira. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 11, n. 2, p. 191–209, 2018.

SILVA, R. D. **Dos compromissos da geografia no pré-vestibular popular**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

T, M. C. Entrevista IV. fev. 2022. Entrevistador: Douglas Ferreira Soares. Bagé, 2022. Entrevista gravada pela plataforma Google Meet (26 min.). A entrevista na íntegra encontra-se no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Q1Pfpd7Sax4> e transcrita no Apêndice D.

VASCONCELOS, V. O. d.; OLIVEIRA, R. E. Educação popular, saberes tradicionais e debates insubmissos: Um diálogo com carlos rodrigues brandão. **Revista debates insubmissos**, 2021.

VIÉS, R. O. **Unidos pela mudança global**. 2011. Disponível em: : <https://www.revistaovies.com/2011/10/16/15-unidos-pela-mudanca-global/>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA I

MARCUS: Alô alô Meu nome é Marcus Marcus Viana eu sou educador e professor em cursinhos populares desde 2009 né no ano depois que eu me formei na licenciatura em história na UFRGS. Do ponto de vista assim de estudo acadêmico que eu fiz ao mesmo tempo ela me incentivaram muito no princípio eu fiz um curso especialização história do Brasil contemporâneo nem 2010 e depois conseguir ingressar no mestrado e terminei o mestrado em história na UFRGS em 2014. Foi interessante para a vê aí conviver com o pessoal estudando e se desafiando também naquele momento me ajudou muito a mas também para fazer a minha parte digamos o que eu deveria fazer agora tomar um processo de retomada e de de estudos assim buscando academia questão doutorado no futuro próximo e aí junto com isso a gente desenvolveu uma militância político fui até diretor da União Brasileira de Estudantes Secundaristas lá em 99 até 2001 depois participei também do diretório central de estudantes da UFRGS no centro acadêmico de história e atualmente eu sou o professor também além de ser educador, eu sou professor da rede municipal de Porto Alegre e atualmente também atuo como diretor geral da associação de trabalhadores educação do município né que há tempo para mim essa questão de distância política educação é faz parte da minha trajetória então eu nem consigo fazer essa distinção entre uma coisa e outra né de perguntar de tanto começa-se com cursinho que o processo ele também tem uma tem a sua história a gente teve o nacional até lembrei disso porque a rede emancipa começa oficialmente 2007 em São Paulo mas não existia aquela trajetória assim de já fazer um processo desde o princípio que buscasse uma nacionalização em 2009 ele montou aqui uma primeira experiência de cursinho inclusive teve a participação da Maíra minha grande amiga ela estava fazendo mestrado em Porto Alegre e a gente já fez uma primeira experiência de cursinho no bairro Santana e no bairro Vila Santa Rosa aqui na zona norte de Porto Alegre nesse primeiro daí teve 2009 2010 a gente teve essas primeiras experiências em Porto Alegre vinculada a UFRGS, continha oficialmente 11 pessoas, digamos ser um projeto que até eu tenho orgulho de ter tido o apoio um professor que foi um grande pesquisador um grande professor da universidade no setor de história da ditaduras aqui na América Latina é um grande professor que dentro do curso história do mundo uma questão da busca pedagógica também né e ele faleceu agora recentemente ele nos apoiou durante 2 anos com um projeto extensão da universidade e depois em 2011 a gente começa oficialmente com um cursinho emancipa aqui com uma também uma trajetória que é isso né que é local anda com uma cara legal também de de uma associação

não é de uma o que a gente poderia chamar de uma organização não governamental que usou recursos e tal para financeiros para ajudar na organização do curso popular que a gente vem até agora. **DOUGLAS:** Essa é uma pergunta que até inclusive eu tenho no roteiro de perguntas aqui a respeito da questão da estrutura né como é que se mantém o cursinho né da onde saem os recursos. Eu sei que professores, a boa parte é voluntário, mas eu imagino que deva ter um gasto de passagem até para os próprios alunos ,eu não sei se existe algum empenho nesse sentido e eu já vou aproveitar o gancho para fazer essa pergunta.

MARCUS: Tudo tem uma história acho que muitas vezes as pessoas têm o qualquer tipo de iniciativa de movimento social de próprias atividades educação popular que essa é uma visão exterior como usada parece que tudo se baseia em grandes declarações e tal acho que a gente precisa inclusive debater isso né que a questão da busca de recursos financeiros para apoiar as iniciativas financeiramente não é porque não é só uma questão de trabalho voluntário também a gente necessita de recursos financeiros isso não é feio é necessário, então qual é, nós construímos trajetória que a gente tem aqui em Porto Alegre que tendo 11 associações é uma entidade civil tendo também essa questão da legalidade tem CNPJ gente pode fazer a gestão desses recursos no primeiro momento ele teve já e que se mantém até hoje o apoio da Luciana Genro né, uma política, uma deputada estadual, ex-deputada federal estão com muitos canais na sociedade que a gente buscou recursos financeiros inclusive né vinculadas a sociedade do rio grande sul apoiar então a gente conseguia ao mesmo tempo ter um mínimo recurso para ter uma série de recursos para material didático e também pagar uma remuneração não de carga horária para os professores para os educadores professores né porque uma coisa é interessante né a gente hoje atualmente, a gente, no nosso trabalho é boa parte dele voluntário mas a gente não defende que necessariamente Educação Popular tem que ser feito pro trabalho vontade se a gente puder porque o trabalho docente ele é um trabalho ele é algo que existe a necessidade de profissionalização e de remuneração não é a gente não não entra nessa Na Na lógica capitalista de por uma questão de identidade política trabalho deveria todo o trabalho deveria ser remunerado inclusive o trabalho educação popular atualmente a gente tem a gente mantém a associação de manter essa essa cara legal a gente tem financiamento muito hoje em dia de de escritórios de advocacia trabalhista né que os apoios são pessoas muito coerentes com uma prática social né então defende os trabalhadores da justiça e apoia também a nossa política de pressão popular os recursos não são grandes né então tem uma sede que a gente paga aluguel a questão mantém uma biblioteca e hoje inclusive

está com boa parte do nosso trabalho devido essa questão de orçamento não é sendo voluntário né novamente a gente tem é digamos essas dificuldades próprias da realidade econômica do Brasil também nos afetaram.

DOUGLAS: Não é assim a questão assim na do do amor do amor não é acho que preciso trabalhar com amor é importante também mas não só por amor né questão financeira quer dizer é importante, assim.

MARCUS: Assim objetivamente hoje se eu não fosse professor da rede municipal eu não teria condições de tocar o trabalho de certa maneira se for analisar é um sobre trabalho porque eu passando com um salário eu me dedico também a fazer outro tipo de trabalho né mas assim não é algo que eu acho que deveria ser enxergado com maneira natural porque não é porque tem uma implicação isso que é o seguinte muitas vezes os cursinhos populares é muitas vezes enxergaram como parte da educação popular do iniciativas muitas vezes vinculadas a estudantes universitários ao pessoal estava na universidade que via isso como uma atividade extra e muitas vezes o que acontece acaba gerando o circular serviço um quase um rito de Passagem está universidade então era jovem então há vou dar aula no cursinho popular e na primeira oportunidade profissional acadêmica de que era necessário decidir permanecer no popular ou fazer essa outra atividade muitas vezes remunerada que que é o que a maioria dos colegas faziam abandonado popular então era muito vinculada uma ideia de que que você jovem que está começando por quê porque é eu acho que é é uma certa romantização do trabalho voluntário então a gente não enxerga o atividade do cursinho popular é estereotipada no jovem professor que está em formação, a gente vê isso como uma atividade com vínculos políticos sociais que devem ser permanentes assim.

DOUGLAS: Sim, é aí é bom a gente conversando já vai mandando umas perguntas aqui, eu queria te perguntar o objetivo do Emancipa acho que isso vai junto, vai ao encontro da outra questão que era a sua função social não fala sua função social.

MARCUS: é o objetivo da Emancipa é promover atividade de educação para um público que não teria acesso e junto com isso promover também o que a gente chama de reflexões, de valores, né, que são contrários à ideologia dominante ou seja, a gente apenas enuncia isso quando a educação muitas vezes no critério mais oficial faz questão de negligenciar essa verdade então a gente tem uma educação voltada basicamente para conteúdos que busquem a libertação a leitura de mundo ou seja aí é muitas vezes a gente para se implicar em falar a lógica fria né só que a gente está inserido dentro de uma de um processo né que é objetivo da sociedade que a gente no primeiro momento a promo-

via cursos preparatórios ao vestibular ao Enem ou seja, dentro de uma lógica oficial né, que muitas vezes é uma atenção entre promover práticas educativas para a Liberdade ao mesmo tempo, a educação para essas provas, mas acho que essa atenção é não esquecer que a gente tá nesse nesse terreno muitas vezes nos facilita não é uma coisa que tem a ver com a nossa história né aqui em Porto Alegre até talvez mais é que a gente foi muito impactado pela importância das ações afirmativas. Na universidade pela importância das cotas e também por perceber que apenas as cotas não ia não garante que o estudante de escola pública e sobretudo negro ou negra, não fugiu às dificuldades muito grande, portanto a história é a necessidade de continuar essa batalha assim objetiva todos os dias no cursinho então isso é algo fundamental e a gente tem orgulho não é a gente tem uma participação muito grande da comunidade negra, sobretudo de jovens mulheres negras que buscam essa formação para fazer a prova conosco então, isso também enseja uma série de discussões né sobre a nossa sociedade sobre racismo sobre feminismo sobre uma série de questões que hoje estão aí no debate político, mas são parte da trajetória da nossa da nossa formação econômico social desde que o Brasil é Brasil né.

DOUGLAS: É importante, é a uma das perguntas se existe contradição, é um pouco do que tu já comentou agora na questão de que as concepções inclusivas do Paulo Freire: educação libertária, conscientização, autonomia, é uma situação associar a uma prática de formação pro ENEM, como funciona, a concorrência para a prova é uma questão e como resolver essa essa contradição né.

MARCUS: Acho super interessante [essa questão], agora que vamos fazer um curso para formação de educadores como um critério, inclusive para participação nos projetos e uma das coisas que eu tenho é o seguinte, né a vida é dialética e ela é cheia de contradições e muitas vezes não é uma contradição que necessariamente tem que te parar, precisamos aceitar e pensar, refletir, agir em torno dessas contradições, então, por exemplo, uma das coisas que a gente tem assim como eu, uma educação que está sendo voltado com o público não dá para em uma mesma aula fazer uma atividade estudando aula para classe dominante de Porto Alegre e ou para as classes populares ou para os jovens de periferia aqui de Porto Alegre ou do do Pará tu vai sempre te adaptar esse público óbvio que os fins do que tu vai fazer são podem ser até os mesmos em qualquer lugar não esta teórico metodológico mas a adaptação vai ter que fazer uma das coisas que tenta trabalhar é primeiro primeiro momento é estudar muito e refleti muito o que significa o vestibular ou processo seletivo e nem por que existe seja não naturalizar a própria o próprio processo porque estou procurando fazer um curso preparatório na cidade

você já tem o ensino médio então isso já é uma forma de enxergar a raiz da desigualdade social a cidade no Brasil é feita e pensada para uma minoria universidade no Brasil foi pensada desde os anos 70 que a ampliação das vagas deveria ser na rede privada e muitas vezes os jovens trabalhadores deveriam estudar trabalhar de dia nada à noite isso ainda é um modelo modelo privatista da educação superior populares ainda permanece boa parte da de quem estuda universidade pública universidade no Brasil aí nas faculdades privadas são membros da classe trabalhadora por que que a universidade pública não se ampliou ou seja porque a gente em última instância a absolutamente contrário ao vestibular processo seletivo para a universidade pessoas que querem estudar universidade fazer as atividades dentro da cidade curso lá daí não conclui curso exemplo entrar no curso de matemática de uma universidade está realidade eu não conseguir matemática mas é isso eu deveria ter habilidade de entrar no curso de matemática e aí lá dentro percebeu o Marcos talvez não conseguiu ser matemática professor de matemática porque não sabe nada de matemática mas eu estaria dentro da verdade não fora trajetória no vestibular por exemplo o passar no vestibular e não passar até os anos 60 do passava nas provas que tu entrava na verdade não interessava se fossem 150 não tinha número de vagas era passar na prova e estudar depois dos 60 quando AA educação começou AO Brasil começou ser mais organizado começou a chegar em mais amplas camadas da população começou a não ter vagas e aí se criou o vestibular com a classificatório e aí você começou a criar também a ideia do Claro que eu estudar é o cara que não passa ou seja o cara que fica em 100 você tem 100 vagas o cara é tudo de bom em vigor em 110 é falhou na sua formação deve estudar mais é um perdedor ou seja é o próprio a própria igualdade social do Brasil e a dificuldades de modernizar as estruturas para para alcançar amplas camadas da população trabalhadora que geraram depois do mercado inclusive o próprio mercado dos cursinhos pré vestibulares né que é o é o é uma vez eu tive o diálogo com uma pesquisadora educação e uma pessoa de esquerda não é que a Argentina ela simplesmente não compreendia muitas vezes que a gente fazia aqui no Brasil na Argentina existe o acesso universal à educação superior a eles têm outros problemas lá, mas quem concluiu que seria o ensino médio pode entrar e se matricular no curso universitário.

DOUGLAS: Eu pensei nesta escassez né que o capitalismo opera na escassez né.

MARCUS: Mas note que nesse sentido do ensino superior aí não é o capitalismo no geral porque a gente pegar os casos assim da Argentina e do Uruguai que são informações sociais e econômicas não são tão distintas do Brasil talvez até economicamente Uruguai seja e ele possibilita mais acesso ao seu superior público gratuito do que o Brasil.

DOUGLAS: Talvez seja um dos mecanismos é mais específicos aqui né.

MARCUS: Acho que tem a ver com estrutura de classe e cada vez eu eu penso mais que a estrutura de classe no Brasil é tão restrita por causa que nossa formação social econômica isso não é nada original que eu tô falando né ela está fundamentada no Racismo Estrutural. Se o Brasil fosse todo branco as universidades talvez do Brasil fossem maiores, talvez em determinado momento as elites pensaram não vamos deixar os negros e negras estudaram então é melhor a gente criar outras artimanhas para afastar eles de possibilidade de se tornarem classe dirigente eu acho que o racismo é uma chave também porque eu tô pegando os outros dois casos a gente nos outros países os caras tem outra composição étnica são coisas pra gente pensar.

DOUGLAS: é pode ser apesar de que o Uruguai, os povos indígenas que ali habitavam eles não tem nada de branco né.

MARCUS: mas daí também, beleza, não que a gente não vai entrar nesse debate porque isso aí são de outro processo como houve no Brasil também que é o contraditório né a gente no Uruguai houve um chacina em genocídio em maior monta proporcionalmente das populações negras não é da população indígena também foram assinados e no Brasil é algo que ela permeia a formação da da nossa sociedade da luta de classes aqui inclusive em relação a questão universidade.

DOUGLAS: Acho que faz sentido está abrindo bastante eu até estou com tempo tranquilo mas a gente pode dar uma geral isto se precisar é bom é uma das perguntas que eu tinha aqui que é o que diferencia [o Emancipa] de outros cursos polares né agora a gente tá falando até sobre essa questão da pesquisa o trabalho da Maia ele fala bastante nesse sentido né do do histórico né agora até as universidades universidade né as pessoas já têm que são sentido de pagarem aquele cursinho para entrar é a primeira diferenciação eu acho que já já trouxe algumas ideias respeito do de explicitar o que é o curso vestibular evidenciar que é contra vestibular né acho que você já coloca um momento que.

MARCUS: pode acontecer particulares já falei isso em sala de aula, quando trabalhei em cursinho particular, mas uma coisa é um professor ou uma professora falar, outra coisa é a instituição sim se importar e assim inclusive, a nota em um dos detalhes que tem como é que a gente não se o título um curso pré vestibular a gente se titula um cursinho popular pré-universitário porque essa questão do pré universitário e a gente em tese a gente quer conversar e discutir informar para a universidade então a gente inclusive a desde o princípio a gente não na verdade o vestibular a gente coloca essa a questão de como a ideia do vestibular é construída para alicerçar princípios individualistas e com-

petitivos que para os estudantes de classes populares esse tipo de valor ele não ajuda ao fazer a crítica do titular ele também coloca a necessidade de construção de colaboração de processos coletivos de educativos de também uma crítica à questão do do produtivismo do conteúdo ismo ou seja uma das coisas que difere ao agente pensar por exemplo um processo individualizante e produtivista os cursos particulares vai fazer a revisão dos conteúdos do ensino médio de 3 anos em 1 ano e com aulas que são aulas muitas vezes assim vão chamar vão dar um concerto standard tu dá a mesma aula para 10 turmas para 15 turmas tu vai dar a mesma aula que vai fazer os mesmos exercícios para que no final aqui Porto Alegre é muito próximo disso para que de março a novembro outubro dezembro janeiro que tinha espada organizacionalmente fizesse um curso de revisão ou seja não importasse a turma não importa o estudante tu vai dar as mesmas aulas de março a novembro e de novembro a janeiro de fazer uma divisão e aí isso era simplesmente ver que estudante de conseguir acompanhar ou não ao processo aquele e aí no final quem acompanha beleza está ótimo quem não acompanha tu joga no indivíduo a pressão disso que ano que vem ele vai lá está de novo no cursinho para ver se se no primeiro não acompanhou no segundo ele vai acompanhar para ser um processo de repetição é uma das coisas que a gente trabalha muito é o ritmo das nossas atividades nossas aulas é vinculado a turma outra a gente faz um processo matemática básica matemática muitas vezes não venceu conteúdo de matemática base quando chega lá no final do ano deu todo conteúdo mas o problema dos alunos é o é o é o tema 30% da companhia mas você tenta no e ainda tem o tema de vazam é que existem em todos os processos de formação desse curso privado ao nosso também tem razão então a gente uma das uma das coisas que a gente combate quando estão aprendendo dialogando conversando e fazendo esse processo é uma coisa que a gente não vê esse conteúdo, eles não dá todo o conteúdo porque é impossível porque para fazer isso a gente faz é um processo que na educação popular seria completamente fora não é não é isso isso por exemplo professores é algo sensível é usado vencido pelo conteúdo não é perdendo pro conteúdo né.

DOUGLAS: Bom então é agora o partido para as perguntas dos professores assim não é que falou sobre sobre essa caracterização né os professores como os cursinhos tinham caráter pessoas que acabam de certa forma é invadido por outros motivos assim aí eu queria saber assim como é que é esse processo de captação de professores né uma mensagem que eu quero é o que eles falam a respeito das motivações assim por que eu estou vindo aqui e tal é e por último se há professores suficientes?

MARCUS: Isso também tem uma história, né tipo você tem você consegue ter

gente para dar aula, faz uma divulgação ampla de sobretudo entre os colegas entre o próprio grupo de educadores divulgar para as suas redes entre os seus colegas das suas áreas e aí a gente que a gente faz ou não a gente faz uma conversa né podemos chamar de entrevista. E uma conversa explica qual é a atividade princípio da das informações que a gente faz um ano que são reuniões né de de dos educadores educadoras que debate essas que está falando antes não é do do que que é o processo da 10 por contradição que a gente faz ali. No processo de educação do Emancipa e aí a gente vai consumir então existe momentos de maior abertura né existe momentos de maior necessidade né outro momento que a gente vai somando as pessoas na nas equipes não é uma das que a gente tem bem que a vida disso é a gente tenta manter o máximo do nosso corpo de educadores porque isso também é manter uma trajetória então tem colegas que eu conheço há 10 anos há 8 anos há 5 anos então a gente busca criar um ambiente que as pessoas permaneçam que os nossos coisa que quem quem atue é é um é um processo de de militância mesmo assim que tipo não é vir aqui um ano e sai fora não é a gente somar e tal até porque isso constrói uma solidez de debates discussões o que precisa mudar não precisa mudar e da experiência mesmo então tipo fundamental que a gente busca é que as pessoas gostem de estar de atuar nesse país permaneça conosco dar o maior tempo possível porque isso garante uma garantia é uma coisa meio básica não é a gente tem que ser algo agradável depois que a pessoa gosta ela vai ter uma conosco não é então é bem isso assim até de identidade não é identidade porque isso por exemplo a questão da identidade política e perfil pessoal em um primeiro momento assim isso é bem a história muita coisa o que que é esse processo de educação popular o que a gente busca essa questão de de do perfil político debater fazendo temas como cotas era uma coisa assim é um debate assim eu me lembro que nos primeiros anos há por que que o cursinho é favorável às cotas e por que é um problema a gente tem um professor uma professora que é contra cotas a gente não aceita inclusive um debate ser favorável às cotas é anti racista não é um não é uma discussão para a gente então se meu querido então tem outros lugares aí para te participar mas aqui tu não vai contribuir óbvio que isso é aí tem um tema né você tem mais dificuldade de conseguir educadores educadores algumas áreas áreas de exatas por exemplo a gente tem sempre mais dificuldades professor de física química matemática não é porque nas humanas é um debate como é que tá é mais fácil na linguagem também e o interrompendo aqui hoje por hoje não mas até começar as aulas teremos um movimento E a gente você pode ver quando começa a turmas em alguns lugares assim ai não tenho ligar porque não sou química vamos começar a atividade vamos começar e vamos buscar esse professor de

química de física de Geografia então porque também é isso aparece tem que ter se não disse quando as coisas que a gente está demonstrando é que é preciso colocar as ideias e não em movimentos e não em uma experiência social elas ficam dentro dessa do campo das ideias a gente precisa transformar isso em em atividade eu fiquei pensando nisso de ter sempre o mesmo professor é no sentido dialógico acima de entender os processos que é importante mesmo tentar sempre equipe é uma das que a gente busca ali ao permanecer é sempre não tem por exemplo um professor de uma área não é você buscar 2345 bom da equipe de trabalho para ver como é que distribuir trabalho entre as pessoas para sempre ter uma possibilidade de ter aulas.

DOUGLAS: É costuma por exemplo se nós tivemos na empresa professor de português não é é que vão atuar no centro é não quem fica responsável pela aula é quem vai dar sempre assim da turma sim não não não modifica o professor assim hoje deu aí semana que vem é eu não pude dar aí vai entrar outro cara lá vai dar aula.

MARCUS: Não é a regra que a gente tem o seguinte talvez é dividir algumas matérias para ficar responsável de uma pessoa só particular fazem isso a gente faz didaticamente a gente divide em 2 frentes geral história do Brasil daí tem 2 responsáveis sim mas daí se alguém que falta daí tu vai um professor vai o outro e preenche lá aula história física também boa parte das simples que português pode ter essas visões de diferentes aí de trabalho até para que todo mundo participe mas não fique uma carga horária muito pesada para o processo acontecer isso são divisões que que a gente faz que a gente tenta mostrar um compromisso que é o seguinte cara que o horário que tu pode nos ajudar semanalmente a esse puta é só isso é uma hora 2 horas por semana que pode ajudar então em 2 horas por semana nos ajudar e a gente precisa disso de ti pode fazer compromisso até o final do ano conosco posso então vamos então aqui as pessoas também porque a essa questão da responsabilidade dos educadores estarem presentes isso é chave também que os estudantes perceberem a seriedade e o compromisso que eles devem ter com o estudo e com o projeto então a gente busca mostrar isso assim que uma trouxe um compromisso a tua presença em sala de aula nas atividades é essencial para que os estudantes percebam que eles são importantes e que eles também devem dar a sua a sua parte do processo então é bem é um exercício responsabilidades e a gente tenta montar esses exercícios a cada ano então um dos compromissos a gente tenha vamos sempre terminar o ano vão sendo começou uma turma a gente vai terminar ela começou um ano um projeto a gente vai terminar nem que seja com sei lá 56 estudantes a gente vai ter lá uma equipe completa de educadores para porque é o nosso compromisso de começou a gente vai terminar certo é é parece

algo básico mas de vez você tem pessoas que te dá eu eu vou buscar outra pessoa para assumir esse esse compromisso de dar aula não é porque isso é é também uma maneira que debate que é uma atividade a gente está cada vez tentando mostrar mais que é um que é um tipo é é um movimento social é um porque essa ideia do professor voluntário dá uma ideia quando eu tiver tempo eu participo então é então o que acontece é a primeira coisa da minha rotina que eu vou deixar de lado é o cursinho não se tu tá nesse nesse tu tá com esse tipo de visão talvez talvez tem que voltar o ano que vem para nos ajudar aqui porque a gente precisa uma pessoa quinta-feira 1 hora 2 horas tu diz que tu vai nos dar durante todas as quintas-feiras a gente precisa de ti aqui então tipo é tem que ser algo efetivo não é sim e aí o que é interessante é que diferença de gente que dá 30 horas de discursos por semana com 1 hora de aula Não consegue fazer 1 hora atrás é importante não é tem gente que diz não sei o que não para mim. Eu to cada vez mais valorizando quem dedica 1 hora por semana.

DOUGLAS: Mas aí a gente vai conversando e muitas coisas são vencidas, mas eu queria saber assim, como é que funciona as escolhas de conteúdos, ou é ou então você pega aquele montante de coisas do Enem e seleciona como é que funciona esse conteúdo.

MARCUS: é mas é o seguinte tem uma coordenação pedagógica que organiza as reuniões e é um processo interessante que o seguinte é tentar como é social pois eu tenho professores que frequenta as aulas dos outros até pra gente poder vezes quando não é eu por exemplo já aprendi muito assistindo aula da turma das exatas porque são formas diferentes de existe um tipo de de atividade não é porque talvez assim é no primeiro momento sempre mais fácil você dialógico do pegada transposição popular pedagógicos numa aula de 1 ano de linguagem mas isso é possível em todas as disciplinas em formas distintas participando dessas atividades então uma das orientações que a gente tem assim que é pedagógica é uma dentro daquele pressuposto que não vamos vencer os conteúdos apressado e fazer atividades para nós mesmos é escolher o que são mais básico que seria por exemplo Na visão de cada área o que é a chave dos problemas de não compreensão de determinada determinada área por que os alunos não aprendem matemática professor por causa da normalmente a resposta é por causa da matemática básica fundamental no primeiro momento que tem a ver com a turma não quando decisão nossa tu vai matemática se esse é o problema então vamos lá todos que são de mais fácil compreensão que vai abrir outras chaves de compreensão da da disciplina à geometria do metria sei lá tô usando o da matemática que é bem sensível não é e aí o que acontece e aí a gente vai e orienta os educadores os professores professores seguinte aí tu estuda as provas do Enem

vestibulares e atenção e ver para para para colocar mais tempo mais trabalho no que no que são os conteúdos mais cobrados na prova no primeiro momento é para se preparar para a prova então ele não pode também prometer algo e não cumprir sim então é o que é o calculo mais ou menos é isso é como a gente aborda conhecimentos que são basilares básicos que muitas vezes a chave de compreensão em cada área as provas nos conteúdos De conseguir fazer depois que compreende também anda todo mundo que toda aula todo tipo de conteúdo pode ser a partir do diálogo a partir da prisão ou seja tudo pode levar AA debates interessantes para aprofundar um novo tipo de leitura de mundo na nas nas turmas né então é só que a gente tá mal bem adaptado a essa questão das provas é uma coisa é a visão teórica que eu tenho outra coisa é a experiência que a gente sofre a partir dos nossos série os nossos corpos é durante um processo como este eu acho.

DOUGLAS: Eu acho que a única coisa que eu ainda tenho pra perguntar é que outras atividades são promovidas pelo Emancipa e tem uma outra questão é importante eu particularmente tenho pensado muito que é a questão dos afetos, tem aquele livro do Safatle, como é o nome. . .

MARCUS: Eu não li, mas essa questão de vínculo, do afeto, tem tudo a ver, porque se não for agradável, sabe, em uma universidade tu tá ali porque quer o diploma, tu precisa enfrentar, mas no cursinho, uma atividade como a gente faz, se o estudante perceber que aquilo não tem sentido pra ele, ele não volta, já teve casos uma pessoa ficou 2 horas numa atividade conosco, ela disse não estou entendendo nada, não vou voltar, daí a gente pensa assim, olha a gente não conseguiu, ela também não deu tempo para ela mesma nem 2 horas assim tipo uma pessoa que era uma mulher que era policial militar fazia sei lá 8 10 anos que não entrava numa sala de aula chegou numa numa num cursinho em sei lá em 2 horas entre o início da aula intervalo decidiu que não que não fazia sentido para ela aí também aí eu nível de eficácia eficiência palavras assim do momento que é difícil mas a gente tenta mostrar o que é importante é a gente sempre tenta mostrar que tem que ser agradável tem que ter espaço para o diálogo que ter espaço para construção de acessos de amizades a gente sempre de uma coisa básica que é um intervalo intervalo que eu Recreio tem que ter algo que as pessoas possam conversar entre elas conversar com inclusive conversar com a gente assim eu eu acho que talvez alguns momentos pra mim mais significativos que eu tive assim foi conversas de de intervalo foi o processo pra gente da condenação pedagógicas quando chamar os estudantes tipo sair da aula e conversar com ele sozinha conversas entrevistas sobre o que estavam vendo ali da atividade pedir sugestões críticas e tal no nesse teste e aí desenvolver AO que a gente podia melhorar

mudar ou manter isso é tudo assim porque a atividade que estudantes não quer voltar e não voltar não está livre dele é não eu tenho é eu tenho eu tenho só na política assim desde a das concepções não fática é terrível eu tipo eu agora estou no movimento sindical também gosto mais dessa atividade não abandonou a atividade do cursinho da Emancipa exatamente porque aí a mesma esquerda ela coloca essa ideia da competição de defesa de de ideias políticas como uma questão de clivagem de convivência que é muito muito nocivo é eu acho assim tem ambientes que são agradáveis. Eu fico assim não é tem coisas que eu já não eu não me identifico e eu acho positivo não identificar por que não leva a nada a não ser muitas vezes determinadas lutas que são estéticas que não vão afetar tu ganhar uma votação ou perder não vão afetar em nada a classe.

DOUGLAS: É isso é isso é complicado isso é complicado eu percebi assim na questão da gestão de grupos assim é o quanto eu sempre fui mais duro, assim o que me atraiu digamos AA ao mais aí uma ideia mais à esquerda era mais racional, ideológico ...[interrompe]

MARCUS: talvez seja fácil para a gente eu vou me eu vou tentar me colocar numa situação cada vez eu vejo o seguinte ó que por uma pessoa branca homem e heterossexual é fácil dizer que é duro que não é afetivo porque a vida foi feita para ti, o mundo foi feito, mesmo sendo da classe trabalhadora, então cara eu vejo na política, a política também é, eu por exemplo mesmo educado e de reeducar daqui a pouco aliado do cara do dia política está ali que que é aquela polêmica o que que é aquele julgamento que teve entendeu é meio isso talvez ouvi isso politicamente tem gente que me pô tem gente que ganha muito um mantendo determinados.

DOUGLAS: É aí que está eu estava falando sobre essa questão de eu passei a perceber assim a necessidade de criar vínculo de fato das pessoas não conseguirem um grupo não, e você tomar uma cerveja né se não conversar enfim não consegue ter um coletivo.

MARCUS: Coisas assim ó cara, importância que tem por exemplo algumas atividades que fazer sábado de manhã, um café no intervalo uma impotência das pessoas alimentadas conversarem ali. Nem os fundadores da dessa dureza não eram assim . Se tem um estereótipo que não tem muito sentido.

DOUGLAS: Enfim é questão sensível se conectar com o inteligível não é que eu não gosto assim na primeira coisa que tem no processo educação é uma sensação no corpo né é uma qualquer coisa que tenha primeira ação física né quer se chega num ambiente um ambiente fechado que não sente confortável que eu não sei naquele momento é uma é

uma sensação ruim não é.

MARCUS: Isso isso é um tema por exemplo que a por exemplo aqui em Porto Alegre eu porque percebo a gente tem uma atividades que buscam ser não sei se buscam mas são informais a gente busca não mandei uma deformidade uma seriedade muitas vezes é é a gente tenta buscar algo que cria empatia vamos buscar o sorriso buscar a desconsideração isso é uma busca mesmo assim são mais são mais propensos a busca do conhecimento a criatividade do que agora vão fazer o momento solene aqui todo mundo vai ficar não tem que ter a busca do da do sensível também na busca do diálogo também não é nem criar ambientes que sejam assim não é isso é isso é um exercício mesmo.

DOUGLAS: Deixa eu finalizar aqui porque daqui a pouco a sensação que tu vai ter tendo é de fome, não é [risos]..

MARCUS: Meu compromisso agora é que eu vou sair para fazer natação.

DOUGLAS: Que legal que eu não sei nadar e adoro o mar adoro praia, mas não sei nadar não sei não é aí é tempo de aprender.

MARCUS: Pois é cara não é não sei mas eu já tentei algumas vezes assim foi bem foi bem mas com professor com tudo professor não não não sim eu também eu achava que sabia nadar eu fui fazer aula eu percebi que eu aprendi.

DOUGLAS: É legal a gente aprender coisas assim, sobre eu tentei muito até em lugares propícios praias que eram assim né aquelas com recifes de corais.

MARCUS: Mas isso não é lugar para aprender que aprender na piscina com uma professora com professor com um método com bóia é um método tem método para tudo.

DOUGLAS: Mas aí assim responder um pouco dessa última pra eu finalizar aqui, o Emancipa faz outra atividade promovida, tu falou sobre essa questão de de atividade informal e tal né que eu acho que são as atividades.

MARCUS: Se for ver assim no nosso escopo assim da Emancipa promove atividade de formação antirracista e feminista que é uma do Emancipa Mulher a gente aqui em Porto Alegre a gente tem atividades assim ó vinculadas a EJA daí é preparatório também que faz dele com os alunos a gente tem a possibilidade da certificação dos alunos as alunas fazem o ENCCEJA Exame Nacional de Certificação, a gente tem atividades realidade Brasileira fazer atividades livres para os nossos estudantes e público em geral para gente proporcionar debates um pouco mais aprofundado sobre os temas a gente já fez aulas públicas também ou seja a gente tem um digamos atividades do cursinho como como um carro chefe mas a partir daí a gente busca fazer outros tipos de atividades assim que e agora a gente tá numa fase que é tentar a gente tá a tentativa nesse post também

pandemia em algum momento vai acontecer né que é a atividade de formação continuada não é de Educação Popular que é a debater o que está debatendo aqui ver como é que tu cria custos atividades vinculadas ao que a gente faz para movimentar nós mesmos e também um público mais por que acha a gente aqui na nossa trajetória já é possível a gente tá nesse nesse nessa possibilidade de atuar em formação popular.

DOUGLAS: Bom, a gente vai se encontrar aqui outras vezes na próxima terça a princípio, é isso que eu te agradeço.

MARCUS: está consolidado é de terça isso está consolidado só eu vou. Te peço o seguinte texto curto para eu divulgar também para as pessoas saberem que é uma coisa e falar outra coisa para o pessoal chegasse a ver o que vai ser.

DOUGLAS: Até tu voltar da nataçãõ tá pronto.

MARCUS: É bem informal, dá-lhe, Douglas, tomara que tenha ajudado. Até mais.

MARCUS: Ajudou sim, muito obrigado. Até mais.

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA II

DOUGLAS: Tudo bem então, meninas, vamos para a gente não perder muito tempo né, já vamos eu vou partir assim, dividir em dois pontos a entrevista. Primeiro, dados de identificação assim lá e depois algumas questões relacionadas. Então eu queria primeiro pedir para vocês se apresentarem. Eu acho que não sei se pode ser em ordem alfabética né, talvez Angélica, Franciele, Tainara, aí eu já vou falar os dados de identificação tá? E aí se quiserem, perguntem alguma coisa. Eu queria perguntar né o nome de vocês onde estão atualmente, assim, no sentido, se estão cursando a universidade, ou trabalhando e perguntar quanto tempo permaneceu no Emancipa, quanto tempo saiu e a formação acadêmica e militante. Ah, o mais importante também as experiências com Educação, aí não sei se Angélica pode iniciar me falando essas coisas.

ANGÉLICA: Assim, eu me chamo Angélica, eu tô fazendo Emancipa desde o ano passado, atualmente eu tô só trabalhando, não estou fazendo uma faculdade, mas já fiz três cursos do Administração, sendo um Técnico e um Técnico em vendas. Foram todos em instituições diferentes, então teve uma diferença bem ampla, de forma de ensinamento e métodos.

DOUGLAS: É Fran, está com o microfone desligado. Quanto tempo está no Emancipa e a tua formação acadêmica e militante e experiências na Educação?

FRANCIELE: Tá bom, sou a Franciele Rodrigues, sou, ou fui, estudante do Emancipa no período de 2017 até metade de 2018, e aí, no meio do ano de 2018, eu passei na universidade, então de lá até aqui, agora me perdi no cálculo, eu já não estou em mais nenhuma, assim, eu acho que faz 3 anos, se eu for calcular. Assim, foi uma experiência muito incrível, né, deu um aporte de vida, assim, além da parte da universidade, além da parte de conter do conteúdo, assim, né, prepara para a vida. A minha experiência na Educação, eu não sei se é isso que é a pergunta de fato, mas é. Ah! Mas eu trabalhei enquanto Educadora Social, não sei se era isso uma das perguntas.

DOUGLAS: É pra ti falar das tuas experiências, assim né, Educação, a tua formação acadêmica e militante, tu pode escolher o que tu acha mais relevante.

FRANCIELE: Eu faço direito, daí agora na UFRGS, sou organizada, enfim, militância no coletivo Juntos!, estou vereadora aqui, né, em Porto Alegre, nesta semana, tipo, tenho um aporte dessa parte política militante é experiência. Na questão da Educação eu trabalhei como Educadora Social no período de 1 ano. Foi uma experiência muito incrível para mim trabalhar com crianças e adolescentes, né o serviço de convivência e fortaleci-

mento de vínculos, e essa foi uma das experiências que eu tive na questão da educação enquanto educadora, né. Claro que nós temos uma experiência também na universidade, eu acho enquanto alunos, e é importante essa experiência da educação, mas a enquanto profissional, enquanto educadora, foi a experiência que eu tive.

DOUGLAS: Obrigado, Fran. Tainara.

TAINARA: Então, sou Tainara Machado, sou acadêmica de Serviço Social pela UFRGS, eu fiquei no Emancipa de 2015 até o final de 2017, e a minha experiência na Educação Popular não é, eu atuei como educadora na minha comunidade que é o campo da Tuca, de 2018 até 2020, 2021, sou péssima com datas, e enfim, foi a partir da construção ali que eu tive no Emancipa que eu conseguia atuar como como Educadora Social dentro da minha comunidade, acho que é um pouco disso.

DOUGLAS: ‘tá bem, então meninas, então assim, é, a Fran, ela já até iniciou um pouco de uma das questões aqui, mas eu vou, eu vou para a primeira, né, a primeira questão que eu queria perguntar para vocês assim comparando é as aulas que vocês tiveram na Educação básica, né, não sei se vocês querem falar onde vocês estudaram, assim, não sei se talvez tem alguma diferença, não é, sim, você está na escola pública, escola privada, e aí assim, comparando, eu queria saber se vocês conseguem, é, notar, assim, qual é, qual a diferença que existe na Educação básica, né, que tiveram no Ensino Médio e a experiência de Educação Emancipa, né, que se diferenciavam a pedagogia, né, entre essas duas coisas, e aí eu acho que a gente pode começar uma rodada de novo, no mesmo no mesmo sentido, tá bom?

ANGÉLICA: Vamos lá, é, eu já estudei em duas escolas públicas e teve bastante diferença, até mesmo entre elas, uma era mais privativa, onde tu não tinha muito, vamos, não era muito livre para fazer escolhas, opinar, sobre o que acontecia, meu, se o meu Ensino Médio foi técnico, no caso, eu cursei Ensino Médio enquanto cursava administração, e já foi Ensino Médio muito diferente, ele já, tipo, tinha um dinâmicas para ter uma, que é, um laço, ali com os professores, para ti interagir com o que acontecia na escola, então era muito mais democrático realmente, liberal nesses sentido, também era, preparava, acredito, para a vida porque trabalhava muito a questão social e econômica, porque é localizado no centro, e acabava pegando um pouco de todo o bairro, então tinha as pessoas que iam lá para ter mais oportunidades, e acredito que é o Emancipa trabalhe dessa forma, ele acaba preparando a gente para a vida também, ensinando um pouco sobre os projetos sociais, como eles abordam ali questões econômicas, também como suporte que eles deram para quem não tinha condições de pagar a inscrição do Enem. E também

acredito que a dinâmica é muito interessante deles, porque os professores estão ali para dar suporte, não só sobre as aulas, mas qualquer problema que a gente vem a ter, só deixa eu complementar essas.

DOUGLAS: Tu pode dizer com essa essas escolas que tu estudou?

ANGÉLICA: É um tipo, um instituto federal o que quisesse, até as escolas está estaduais uma delas foi Couto de Magalhães localizada em Arroio dos Ratos e aonde eu fiz o técnico Ensino Médio é Gomes jardins localizado em Guaíba todas no Rio Grande do Sul.

DOUGLAS: Não sei se vocês são do mesmo estado, eu sou é, eu sou de Bagé, é, o bate-papo e a gente para ficar tranquilo pode interferir, não tem problema, eu acho que a Rose dos ratos é, eu acho que é perto de Torres, né tem praia, eu acho que eu já fui, não é, o oposto, mas é próximo, vamos dizer que seja possível, tem nada a ver, então, é, pode que não, é, acho que as meninas são da França, elas são de Porto Alegre, eu acho, é, mas eu sou de Bagé, é, no na Fronteira Oeste, perto do Uruguai, é, dos livramentos, tá bom, é, Fran, conta para nós aí quais as principais diferenças entre tua educação básica e o Emancipa.

FRANCIELE: Bom, eu não eu particularmente tive alguns professores que foram meus professores da Educação básica e que foram meus professores no Emancipa, né, foi assim, na verdade que eu conheci o Cursinho, então, mas eu acho que o método acaba sendo diferente, porque, a, eu acho que é muito mais regra, sabe? Assim, aula dentro da, na Educação Básica do que quando a gente já está no Cursinho, assim, não é, porque esse essa questão de preparar para a vida, falar como é que a universidade não só na forma na matéria em si, a escola, eu estudei numa escola em época muito precarizada, não é, vocês moram no Rio Grande do Sul, vocês pegaram a época que era o Sartori o governador daqui, então era um período bem difícil nas escolas, né, e eu tive uma dificuldade muito grande, tanto que eu me formei muito, não muito atrasada, mas eu me formei nas férias, não, me formei em fevereiro, porque teve aquela questão das greves de 3 meses, então o meu Ensino Médio ele foi muito precarizado. A Educação hã Fundamental, então, nem se diga, mas eu sempre fui uma aluna que eu era meio viciada, naquela época, agora eu não sou mais, não é, mas eu era meio viciada naquela época, em estudar muito, assim, tipo, na escola eu sempre tive muitas notas boas mesmo, com toda a dificuldade, porque eu queria muito, assim, tinha outra dinâmica, né, não trabalhava, não militava, então eu tinha uma condição diferente, assim, de me dedicar só aos estudos. E aí, depois, do Ensino Médio mudou, porque é óbvio que eu cresci, eu tive que trabalhar para ajudar em casa e tudo

mais, tinha problema do acesso na escola e no próprio município, porque o Emancipa que é na zona central em Porto Alegre, o Cursinho, e eu moro na região mais periférica, e chegar no Cursinho era sempre bom, assim, eu fui colega da tarde, não no último ano em 2017, né, amiga? E aí amiga, olha só, e aí eu peguei, e aí a gente tinha uma outra- não, porque engraçado, né que tá, a gente já nem chama mais pelo nome, mas tinha essa essa questão da preparação para a vida, assim como eu falei lá no início né, ideal que que seria essa preparação, caiu alguma coisa tá com mic, fechado.

DOUGLAS: é, sempre assim, desculpa eu achei estranho porque eu estou gravando numa, na outra conta e eu estou nessa aqui, não é e aí, disse que a outra caiu, só que teoricamente está gravando.

FRANCIELE: é porque é o mesmo e-mail **DOUGLAS:** não é não são e-mails diferentes. Sério agora quero ver isso acho que eu vou ali no computador ver, mas eu acho que segue gravando sempre. (pausa) (segue) Então, problemas técnicos, o meu computador travou, simplesmente aí, eu não sei se a gente pausa e retoma, eu também estou com medo de... da questão do tempo, mas estou com medo que não grave também, acho que eu estou por vocês eu posso esperar? **FRANCIELE:** Às 19:00 só eu tenho compromisso, mas ainda tenho um tempo, enfim.

DOUGLAS: eu acho que é um, eu acho que é melhor né, eu tentar reiniciar ali, mas vou voltar rápido aqui, desculpa, viu gente?

TAINARA: Capaz, não tem problema.

DOUGLAS: Tá a situação é o seguinte: eu estou esperando o computador reiniciar só. A gente passa, segue gravando, né, sei.

FRANCIELE: Não, eu ia explicar que também, se der algum problema eu posso outro dia, eu só não posso amanhã, e na sexta, mas eu posso na quinta.

DOUGLAS: Não, eu... Ah, a ideia é, até na... eu tinha comentado, ah gente, a ideia era fazer 3 encontros. Claro que se a gente não conseguir ou se não puderem, tudo bem, né... e... Aí eu acho que a gente pode até ver se... Se todo mundo puder, quinta a gente pode fazer um segundo encontro quinta, mas eu acho que a gente consegue concluir aqui. Só... só... só tentar lembrar, a gente parou...

FRANCIELE: Não, tranquilo. Não, eu estava explicando essa questão da gente chegar no Cursinho e ter um outro aporte por parte dos professores né? De... Tipo, não só aplicar a questão do... do conteúdo, mas também de preparar para a universidade com discursos... Que te preparam para a vida. Também eu acho essa questão da aula, essa questão do acolhimento, também, no próprio município, eu pelo menos percebo isso até

hoje, porque apesar de eu não ser mais aluna, demonstra hoje eu construo a Rede não é, então acaba que esse acolhimento a gente recebe até hoje, está passando por algum tipo de problemática. Em geral a gente encontra um suporte neste lugar. Então, eu acho que é isso também, essa questão da preparação para a vida não só ir lá dá aula, ir embora não é, um lugar que tu te sente confortável, uma rede de apoio, além de uma rede de Educação.

DOUGLAS: É, eu tenho eu tenho percebido cada vez mais a importância dos afetos na política e na Educação né, acho que é muito importante o processo. Eu vou ali agora, ligou meu computador.

TAINARA: Espero ele voltar para poder falar?

FRANCIELE: É, acredito que sim.

DOUGLAS: É, me espera me espera, já volto. Tá pronto é ficou tá tudo sendo gravado. **TAINARA:** E qual era a pergunta mesmo que agora esqueci?

DOUGLAS: Era em relação à diferenciação da didática que tu teve na Educação Básica em relação ao Ensino Médio.

TAINARA: Ah, sim, está então. Hã...Ensino Fundamental e Médio foram todas na rede pública, foi um ensino público e foi de uma forma totalmente precarizada, tá, então, tipo, era mais passar o conteúdo, estudar para poder passar em provas e ponto. E aí, quando me foi apresentado o Emancipa eu estava finalizando o Ensino Técnico, e ainda estava num estágio, e nesse estágio tinha uma enfim servidora que o filho dela... Hã...cursava Emancipa, e já tinha passado cursa cursou Emancipa, um em um momento e já tinha passado já estava na faculdade, enfim, estava se graduando e aí ela me apresentou ao Emancipa que não sei o quê e tal. E aí ela me levou até um lance para para a gente conseguir, enfim, se inscrever e aí quando eu entrei lá eu disse: Ah, naquela naquele primeiro momento não é, vai ser a mesma coisa que Ensino Médio, aquela coisa que a gente tem que estar ali estudando para passar em determinado- enfim- uma determinada seleção, que ali seria o vestibular, né, e o Enem. E foi logo de cara que eu enfim me encantei, porque era muito mais do que só passar em uma prova ou estudar para passar em uma prova. Parece que ali eu consegui, e daí eu falo pela minha experiência né, eu consegui me constituir enquanto pessoa, porque tipo, eu não tinha esse olhar assim, digamos político, mas não partidário- esse entendimento assim, de ... de mundo assim, sabe, de quem eu era o que que o que que eu queria ser , e o que eu queria construir, enfim, o prol da sociedade, em prol da minha comunidade. Quem eu era aqui na minha comunidade, quem eu era para além da minha comunidade, então, só consegui ter esse olhar assim, talvez mais crítico, a partir da construção ali, junto do Emancipa, porque é, enfim, era

além do que só estudar para passar no vestibular. Tinham questões abordavam questões políticas, questões de raça, que ações de gênero, enfim, eles te davam um arcabouço ali de entendimento para te dar instrumentos para ir sim, para conseguir enfim sobreviver a essa selva de pedra que é a nossa sociedade. Eu acho que é um pouco disso.

DOUGLAS: Quem sabe a gente faz essa segunda rodada ao inverso? Agora assim, Tainara, Fran e a Angélica. É, e... Aí eu... eu... é, assim, uma das eu já te encaminho, para vocês, as perguntas, né, a segunda pergunta é, foi enviada dessa forma aqui, né, se foram diferenciados, os métodos né [do Emancipa em relação as escolas], acredita que fez diferença na tua formação para o vestibular, primeira pergunta. E para a vida? Acho que são... são temas que tu acaba já tendo abordado assim né, no sentido da Educação antirracista por exemplo, e aí de que maneira, por exemplo, o emancipa te formou pro vestibular, na educação? A gente tem muitas formas de cursinho, aqueles que se aproximam de aulas show. Eu nunca tive oportunidade de participar do Emancipa, eu queria saber, como é essa aula, como é o método, ele forma pro vestibular também. E pra vida, né? Que tu já respondeu de certa forma, mas se quiser complementar, citar mais alguma coisa.

TAINARA: Sou eu agora, né, porque inverteu, tá, então para o vestibular eu acho que me deu assim, uma base muito grande, na questão de que é o de como fazer uma prova, e mais, antes de fazer uma prova, de estudar. Porque eu acho que no Ensino Médio, no Ensino Fundamental, essas coisas ficaram, ficavam um pouco nebulosos para mim, eu não conseguia me organizar, não tinha ninguém que me orientasse como fazer para me organizar para estudar ou como estudar. Enfim, não é porque era muito nessa lógica de, enfim, tentar decorar coisas para poder estar aplicando em provas, enfim, e aí, ali no Emancipa então agora tu falou, enfim, isso é uma pergunta, e me veio várias, são várias vários pensamentos aqui que, enfim, durante as aulas, assim, o método deles é algo que vai eu acho que além, assim do que é aquela coisa meio que engessada. É só a teoria, teoria, teoria, eles conseguem aplicar de uma maneira que... há... Tenha uma conexão com as coisas que a gente está vivendo, não sei se eu me faço entender, sabe, tipo, eles fazem links assim, tipo, para... para tu conseguir entender da melhor maneira possível. Então eles pegam um exemplo cotidiano, aplicam ali numa... naquela aula, digamos assim, e isso era muito incrível, porque a cada aula eu vim... chegava em casa e falava exatamente o que eles tinham me passado, tipo, para minha mãe e para minha tia, de uma maneira que elas conseguiam entender também sabe? Então para mim era uma descoberta, era muito mais do que uma aula, assim, tipo uma aula teórica, você está lá toda hora, só naquela

situação passiva, ouvindo, ouvindo, ouvindo e tipo, não vou aprender nada. Sério, era só para decorar, não, era, acho que, além disso, e além disso então, é isso, assim, tipo, pelas lembranças que eu tenho, é essa construção assim que eu tive, através do Emancipa. E na vida é isso, assim, tipo, eu só sou de uma Educadora Social hoje porque eu tive uma formação no Emancipa, e essa formação não foi assim: Ah, vamos formar Educadores Sociais não é? Foi uma formação através do Cursinho Popular, entendi.

DOUGLAS: E então eu acho que é um pouco disso. Esse processo eu comento. Ah, gente, eu não sou um entrevistadora muito neutro, é esse processo de chegar e chegar em casa e comentar é muito importante no processo pedagógico né? A gente ter com quem socializar né? Que a gente parece que a gente aprende muito mais quando a gente chega no final. Ah, tem muitos professores que eles reclamam né, que os alunos, até aquela coisa repetitiva não é, quem faz parte de grupo político também reclama né, que às vezes são 5 ou 6 falas já que estão iguais né, mas ah, às vezes é o é o processo, isso é um método, assim de de de aprendizagem mesmo não é? Quando tu replica aquilo, tu acaba aprendendo mais, às vezes tá escutando né?

ANGÉLICA: Para mim é um dos melhores métodos, porque eu acredito que, ao invés da gente decorar, quando a gente tenta entender para explicar para o outro, a pessoa fixa aquilo na mente. Então eu acho que as escolas devem, tipo, o Emancipa, ele propõe isso, um debate. Então às vezes tu lê, tipo, eles passam ali o conteúdo pra gente e revisam na aula, só que como eles propõem debate, eu acho que tu acaba tentando achar a melhor forma de explicar a tua resposta para os outros. Isso fixa muito aquele conteúdo assim para ti. Então eu acho que é o melhor método.

DOUGLAS: E tu acha que isso te ajudou para o vestibular? E para e para a vida?

ANGÉLICA: Parece que sim, porque decorar a pessoa acaba tendo que revisar muito aquilo, mas quando tu entende algo, tem tipo uma memória, algo associado já te vem a lembrança daquele conteúdo, não é porque tu realmente entendeu.

DOUGLAS: Sim, e Fran, que que tu tem a nos dizer a respeito desses... desse processo.

FRANCIELE: Pode repetir a pergunta porque estou, é, tem um falando, a gente está falando várias pontos, não é, e, aí eu fiquei meio perdida.

DOUGLAS: É desconexo mesmo, não tem problema, é entrevista. Eu perguntei que, se forem, se foram diferenciados, né o método em si eu queria, eu perguntei de que forma é isso, auxilia para o vestibular né, ou pro Enem, no caso vocês que entraram na UFRGS, eu acho que prestaram vestibular e o Enem né, e também para a vida? Além

dessa questão do vestibular, é, apesar de estar de certa forma já respondido, assim, né, mas se tu quiser complementar, acho que tem mais esse ponto que eu gostaria de falar a respeito disso, que eu acho que foi importante. Fica à vontade.

FRANCIELE: sim quando eu fui ir para o Emancipa tem uma coisa que eu acho que marcou, assim, não é, que é a questão da redação. Tanto o vestibular da UFRGS quanto o Enem, acho que diversas universidades, eu acho, que não tem nenhum vestibular que não tenha redação. Mas eu não sabia fazer redação não é, e eu lembro que tinha um professor,, como é que é o nome.... Não era Pablo, de português, Pedro... Pedro, e sabia que era com P, e aí ele, tipo, tinha um método de ensinar a gente a fazer a redação, enfim, de que inicialmente a redação tem uma Introdução, depois desenvolvimento 1, desenvolvimento 2, desenvolvimento 3, daí vem a conclusão. Tipo, eu não tinha noção dessas coisas né, e aí no próprio Cursinho eu aprendi tipo o básico do básico, assim, então eu acho que é um pouco disso assim também, dessa técnica que eles têm de fazer com que tu pegue a matéria. Teve outras matérias que por, óbvio, tipo Matemática, nada fez milagre aqui, porque eu não sei Matemática, e eu saí e entrei em vários lugares sem saber Matemática. Está tudo bem, é uma matéria que eu nem tinha muito interesse em aprender, nem na escola nem no Cursinho, assim, porque tinha muita dificuldade, né? Mas eu consegui fazer um mínimo na Matemática também, então essas são disciplinas que eu tinha dificuldade, que eu permaneci. Mas e os outros que eu tinha muito interesse em estudar, foi um... um método deles nos ensinarem, assim que eu consegui aprender não é? E para a vida, são as coisas que eu já... Ah, basicamente trouxe aqui não é, da questão do acolhimento, acho que foi o que mais marcou. Vi que a Tai falou de preparação, né, enquanto ser humano enquanto ser político. Eu não acho que um ser político é alguém que está organizado em partido, e eu tenho muito acordo com isso, e o Emancipa preparou a gente enquanto seres políticos para entender não a política no modo partidário, né? Que é às vezes a... as pessoas acham que, pra falar de político, de política,tem que estar no num partido. E não é isso, o significado das palavras são diferentes, e isso foi muito legal que até trouxe na fala dela, porque te prepara enquanto ser político na questão da... do ensino que passam para ti, dos debates que passam, os questionamentos... Tipo, eu não questionava nada social até entrar no Cursinho, nenhum problema social questionava, e a partir dali eu comecei a questionar, tipo, bah, por que que tem Cursinhos Populares? Foi dali que eu trouxe, é... Essa... comecei a abrir a mente para um leque de coisas, né.

DOUGLAS: Fran eu acho que isso, inclusive já responde a terceira questão que é quanto às questões pedagógicas. . .

FRANCIELE: Me perdoa. . .

DOUGLAS: Não, é diálogo, não tem problema.

FRANCIELE: é que eu nem li a mensagem, eu não... não consegui ver tá? me perdoa.

DOUGLAS: Capaz, não tem problema é diálogo, mas é a terceira questão, é quanto as questões pedagógicas que vão além do conteúdo curricular, não é para o vestibular Enem, não é como o político, ético, estético né como como é tratado no Emancipa? Então, acho que... acho que tu meio que já respondeu essa, não é? era a última, então se tu quiser concluir com mais alguma coisa.

FRANCIELE: já completei, mas assim, eu avisei o Douglas. Douglas, eu não consegui olhar a tarde, não consegui responder e tal, porque se eu tivesse... Gente, que vergonha é... Perdoa pra atropelar as coisas.

DOUGLAS: Não, não tem problema, não tem problema nenhum, capaz, tô até satisfeito, o tempo tá corrido já para as meninas. Tainara, quer começar? É, acho que isso, se quiser talvez se pode trazer algum...algum... algum exemplo, assim, né, tipo é... Olha, eu... eu lembro de... eu e a gente trabalhou essa questão, e aí nessa questão a gente também abordou a de forma política de forma é.

TAINARA: Tem sim. há um ser haver esse exemplo mas enfim, há quem me apresentou o feminismo, foi a Nina, que é uma professora alemã. Então ela sempre falava em forma de debate, enfim, né, em sala de aula, sobre algumas questões. E enfim teve uma ocasião que ela falou dos... dos concursos de miss que eram ... enfim, totalmente errôneos por conta da... da questão ali, de só promover a questão da... da beleza da... da mulher. Enfim, não olhar ...não olhar outras coisas, então... Ah, tinha essa questão, e daí eu peguei isso para mim. Não sei, enfim, deve ser, uma hora eu... Isso vai voltar de novo, eu vou conseguir dialogar da melhor maneira possível, e aí quando, como educador, assim, teve uma questão. Ali... há...na situação quando estava atuando como educador- que eu disse : Ah,vou pegar isso aqui que eu construí junto da Nina, isso que- Ó minha esposa em aula, como um debate, eu vou aplicar, mas em forma de oficina. Então teve uma questão, acho que estava em um artigo no novembro negro. Assim que eu peguei essa... esse discurso da Anima, assim, para mim, pois, se vou aplicar aqui, então, no dia, assim, no evento na oficina em si era para... para promover beleza negra, mas de uma outra forma. Então todas as meninas elas ganharam então era A mais Bela negra, Enfim, então é isso, assim, eu acho que é a forma como ela foi construída. As questões... há... sociais, né, também, para a gente ser, pensar, eu acho que eu consegui colocar, de

alguma maneira. Consegui transformar de uma maneira que foi aplicado, assim, e que enfim conseguir dar possibilidades de... de... de... eu pensar nas pessoas que estavam no redor. Também que se repensar e pensar, se construir, se reconstruir, e enfim, eu acho que transformou não só a mim, mas o meu espaço.

DOUGLAS: Assim, como um todo, é... Eu acho que é importante tu... Tu levantar é... Acho que esse exemplo é muito bom porque é... Isso não... não é um componente curricular não é... Isso não... não... não... não cai na prova do Enem, não cai no vestibular. É... mas é... até talvez até mais importante não é, aqui, porque o conteúdo do vestibular... Mas enfim. Quero te ouvir um pouco também, Angélica se tu tiver alguma coisa para falar a respeito disso não é? Quantas coisas pedagogo.. . **ANGÉLICA:** Caiu, eu espero ele voltar. [...] Até aqui. Estou aqui, estou aqui, estou aqui ,só desliguei para seguir a mesma linha da Tainara. Eu vou seguir algo que eu acho bem interessante que eu citei em uma das perguntas, eu não lembro qual que eu respondi, mas a questão socioeconômica que foi a questão que eles fizeram ali do Enem. Criaram um link, eu acho que é pelo Google mesmo, que tu colocava teus dados para quem não tinha condições de pagar e pela inscrição do Enem. Só que eles fizeram de uma forma que a pessoa não fosse exposta, para não se sentir mal ou até ficar com vergonha de falar que não tinham dinheiro nem acabar deixando de fazer. Eu achei isso muito interessante, porque apesar de ser um Cursinho público que já está economizando com isso, tem gente que não tem condições de pagar inscrições né, e tá tentando mais de uma... uma vez, no caso, fazer o Enem, então acaba perdendo o direito da inscrição. Teu áudio está desligado.

DOUGLAS: É, eu falando com o áudio, com o microfone desligado... Desculpa eu fui interrompido aqui o processo que me... me chamaram aqui, é por isso que eu desliguei a Câmera rapidinho, mas enfim. É... eu a princípio acho que eram essas questões. Eu não sei se você quer a vontade se quiser falar mais alguma coisa mais uma vez eu quero agradecer vocês não é pela disponibilidade é e quero já a perguntar que se existe a possibilidade de a gente se encontrar na terça. É na terça não na terça hoje na quinta é não sei se esse mesmo horário fica bom para você se você quiserem tipo mudar para um pouco mais cedo ou tipo 5 e 6 horas para ficar um pouco mais longe das aulas.

FRANCIELE: para mim pode ser também eu não sei como é que fosse mas eu tenho só uma coisa para colocar eu vou agora eu errei eu estou viajei um pouco porque como eu tô na Câmara essa semana acaba que eu tô fazendo uns trabalhos também enfim a faculdade tudo junto e eu não vou te confirmar o horário ainda tá eu vou ter que falar contigo sobre ela depois eu não sei se tem que ser em grupos e pode ser separadamente

também não sei.

DOUGLAS: é a ideia é fazer os encontros em grupos não é nada eu te aviso Hã... O horário que vai ser melhor é na sexta.

FRANCIELE: Eu não posso mesmo porque eu tenho uma formatura para ir, daí na noite eu não posso ir. Amanhã eu não posso, porque eu tenho um plenário na Câmara e de noite eu tenho uma atividade, e aí seria na quinta, só que esse horário eu acho que não vai, dar porque eu vou estar na Câmara neste horário que a gente está agora, né? Eu sei que as gurias tem aula, então você teria que ver com contigo um meio de fazer. Mas também se não tem problema de fazer só com as 2, beleza, eu me coloquei a ideia, agora eu tava olhando as agendas e elas não vão bater muito essa semana tá? A gente tenta, então eu te falo.

DOUGLAS: o tu vê o teu horário na quinta, e a gente vê se a gente consegue equacionar. Se a gente não conseguir equacionar, tudo bem, a gente faz em quantas meninas podem na quinta tá? Por mim ótimo então, mas que puderam para ótimo está a sua contribuição muito importante, mas se não, se não puder, a gente tenta marcar na... para a próxima o próximo encontro, na próxima semana, para estar todo mundo presente tá? E aí acho que é isso, então. Agradecer a vocês, muito obrigado. Foi uma ótima conversa, vai me ajudar muito no meu TCC. Depois eu envio para vocês, quando tiver pronto, se vocês quiserem. Tchau, gurias, obrigado.

TAINARA: Obrigada viu gente, eu vou desligar aqui, tchau.

ANGÉLICA: Obrigada pessoal, tchau.

FRANCIELE: Até mais, tchau.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA III

DOUGLAS: Boa tarde, pra fazer uma média pra gravação. Então hoje, é... a gente vai discutir aquelas 2 perguntas né. É interessante, porque acho que tu pode falar tanto na posição de coordenador quanto na de professor e a gente pode ver como elas vão aparecer nas 2 áreas de atuação, ou mais de uma. A ideia hoje é ver de que forma a teoria da ação dialógica do Paulo Freire se aplica no Emancipa, então é vou retomar aqui alguns conceitos da ação dialógica: A colaboração muito fundada na ideia dialógica de que o Eu existe em função do Tu, já na antidialógica ele vai dizer que o “eu” entende o outro como “isto”, né, e não como um tu. De alguma forma o diálogo e a união que tem a ver um pouco com o que entende-se enquanto classe de oprimido, né, se tu discordar da minha da minha concepção fica à vontade para corrigir. A organização, né, porque eu acho que tem a haver com o sujeito, ele se Emancipa e ele consegue se organizar então ele organiza outras pessoas e há uma libertação, como um todo, n? E por último a síntese cultural que vem desde aquela ideia da Educação como prática de Liberdade dos ciclos de cultura, em que eram feitas entrevistas para compor o léxico, não é, eles buscavam fazer entrevistas antes com os alunos para saber quais palavras iam usar. E na síntese cultural- aqui eu acho que ela também vai se colocar não somente no léxico, mas trazendo a cultura do povo, porque vai sair da rua para dentro da aula, vão ter culturas diferentes, n? A necessidade disso dentro da sala de aula, que o Paulo Freire daí conceitua. A minha a minha pergunta não é, é- não sei se vais responder um a um, enfim como quiser falar, mas como isso se aplica no Emancipa, não só em sala de aula, mas estão presentes também na questão de organização.

MARCUS: Pois é né, Douglas, eu acho que tem q ver com o seguinte: a gente monta um todo, uma estratégia assim de constituir o Emancipa. Ele vai ter camadas assim de percepção, pra quem vê de fora, a gente está montando muitas vezes o que parece ser apenas um curso. Do ponto de vista dos educadores, a gente vai montando também um grupo de trabalho, né, de debate, discussão em torno dessas ideias de colocar a Educação como mecanismo de transformação social. De prática crítica para um outro tipo de sociedade. Então o que que eu acho que é importante, é sobretudo como a gente consegue, a partir de diferentes estratégias - e sobretudo da busca do diálogo, da busca de ouvir, conhecer os estudantes, a gente construir essa ideia da participação. Ou seja, construir essa ideia de que de fato o projeto só existe, um movimento só existe se tem essas pessoas participando, se essas pessoas colocam suas demandas, se elas têm condições de

chegar, tu falou do eu, né, que dialoga com tu, você acha que não conhece, que não coisifica, que não está ali só interessado no que vai falar, mas também estava interessado em quem está ouvindo. Que é quando a gente consegue construir o nós, que é quando a gente consegue construir um coletivo, que talvez seja a síntese mais interessante, assim. E o que que é interessante, é que a gente critica e tal, é muito crítico, e muitas vezes os alunos chegam a uma ideia de síntese, assim, que eu vejo assim no final de ano, que eu vejo nas lembranças, no Facebook, que a Internet coloca. Em Porto Alegre é assim, não sei se acontece nas outras cidades, em outros lugares que tem Emancipa, mas em Porto Alegre todos os nossos alunos chegam a uma noção de família, a tal da família Emancipa no final de ano, que eu acho que tem algo aí que a gente possa pensar, até que ponto aí nessa trajetória que o aluno fica uma ano, no máximo 2 ele consegue criticar a entidade família, mas pega assim a vertente positiva da família como espaço de acolhimento, como espaço de participação, como um espaço também que ele pode ser ele, pode se desenvolver, e...eu, num primeiro momento eu ficava muito... intrigado assim com essa noção, né, porque pra mim uma atividade como essa era se libertar da família, ou seja, se libertar de um coletivo, fazer parte de um outro tipo de proposta, mais transformadora, política e tal, mas daí a gente vê como também o senso comum faz parte, e de vez em quando não nos cabe brigar com essas percepções, mas construir isso. O mais desafiante é vendo assim, eu, estou no Emancipa a algum tempo, estou no Emancipa há mais de 10 anos sendo professor, e eu fiz questão de participar como professor, como educador nessa interação também na coordenação aulas, pra ter esse olhar dessas experiências que ajudam a gente a ter uma análise mais completa, ali do que acontece. Daí, por exemplo eu estou na escola pública, a gente... tá, é obvio que tem diferença de idade, Ensino Fundamental, mas tá ali só como professor. Mas ali é uma instituição que, apesar da participação da dos colegas, apesar da cobrança por uma gestão democrática, tem ali uma ordem, uma ordem ali estabelecida e tudo. E a gente tem uma relação ali de conhecimento e de desconhecimento dos alunos que é muito maior, ou seja, o processo esse dialógico ele demora bem mais tempo para acontecer. Então tem “n” possibilidades aí de análise não é mas acho que é fundamental essa busca do... (interrompo)...oi?

DOUGLAS: Não, é que eu pensei algumas coisas assim, né, desde o ambiente que se propicia, a Educação se não me engano Foucault fala disso, é impossível a gente chegar a Educação num local que parece um presídio, é um cara fechado coisa e tal, é, impossível não é, mais é difícil...

MARCUS: É, impossível não é. Mas é mais demorado, eu diria, eu acho que a

dificuldade está aqui tem que atravessar uma fase de estranhamento com outra proposta. Ou de mostrar por exemplo que determinadas regras ou imposição que faz parte da... de qualquer projeto seja alguém que participa de um grupo, ou de uma sala de aula, de uma turma, a gente... de certa forma se despoja de uma parte de nossa liberdade individual. Eu não posso fazer o que eu bem entendo quando eu faço parte de um coletivo, a minha liberdade tá condicionada por reconhecer a liberdade dos outros. Só que na escola pública, numa pública tradicional, e numa particular mais ainda, tu tem uma série de regras ou imposições que fazem parte de qualquer vem nesse sentido de manutenção da ordem social, inclusive. Isso pode ter várias leituras, mas provavelmente a manutenção da ordem social, inclusive institucional, seja lá. No Emancipa, a gente vai trabalhando a ideia de organização de participação como fosse algo que promove o coletivo, não é, e assim promove o indivíduo. Ou seja, há até o entendimento do porquê de determinadas questões, do entendimento do porque de determinadas organizações só fazerem isso, vamos fazer assim porque ... Aí a explicação lógica do porquê que a gente tem que fazer assim né, e aí óbvio, podemos gostar não gostar - mas também a gente mas não é algo utópico, não é, tem um conteúdo prático. Mas o fundamental que eu vejo é uma é uma atividade voluntária, outra, é uma atividade que tem um fim libertador- e para isso a pessoa tem que estar ali - e tem que se... e tem que fazer, tem que querer fazer parte disso, por ...por... por um ou mais diferentes motivos – então, a gente está bem esperançoso agora com a volta ao ensino presencial e tal, essa condição de possível queda da pandemia, não é, dos índices e tal. Que a gente possa reconstruir isso. Nessa realidade online foi muito difícil tudo isso. DOUGLAS Eu fico interessado uma coisa estou falando sobre sendo crítico é que em alguns momentos os alunos eles se tornam essas pessoas críticas né e aí o comentário que eu te falei que quando a gente ensina a ser crítico não é que deve ser discutir as coisas, é, enquanto organizadores, assim, várias coisas, assim, é, o quanto a arma da crítica ela acaba se voltando contra ti. E ela é não é uma crítica para... para si, de certa forma não é isso somente positivo, não é, ao mesmo tempo que é muito cansativo, não é? Estar ficando às vezes a gente quer achar que as coisas vão passar sem... sem... ter MARCOS: Mas aí a diferença, por exemplo, aí eu me permito. Assim, eu acho que é o Maurício de São Paulo, não sei se a frase é dele, do Emancipa de São Paulo, mas ele coloca uma das tarefas do Emancipa de Pedagogia. Usar a política também é algo uma prática, já foi chamada de arte, a arte da política, de ciência política, mas existe também um aprendizado em torno da política, ou seja, a gente tem que formar para possibilidades- sobretudo dentro da classe ou dentro do bloco de classes, assim, oprimido, para fazer unidade de transformação da

revolução. E isso também propõe uma formação eu acho que muitas vezes na Educação, por exemplo, sobretudo com jovens e adultos a gente já tem uma noção - assim e isso é o Paulo Freire, isso é sei lá, desde a historiografia e a teoria marxista, que uma das grandes questões é... poder sem poder, o trabalho manual, trabalho intelectual, ou seja, desse poder de decisão quem executa e muitas vezes as pessoas vão estar nessas diferentes... tu podes estar nessas diferentes... em 5 minutos está no trabalho manual...e vai tomar uma decisão trabalho.... É importante que as pessoas entendam isso porque a ideologia, ou seja, como a nossa sociedade, agora cada vez mais tecnocrática, cada vez mais com o poder das finanças e tal, meio que teria uma racionalidade, que as coisas são decididas a partir de um de um grande conselho invisível que tem uma racionalidade. As coisas são assim, e para manter, para jovens adultos, trabalhadores cansados, críticos, ou seja, a ideia da crítica é o porque as coisas são assim, não é, que perguntas eu nem coloco um padrão de crítica do crítica porque fizemos assim, porque vamos continuar, ou porque vamos mudar, e acho que isso é para tudo, não é? Porque se não porque essas perguntas estão implícitas nos cargos de comando de qualquer instituição, como fazer quando é bem básico é colocar essas perguntas de maneira explícita para as pessoas. Porque está fazendo isso? Por que tu acha, quais são as razões? Como que vai fazer? Ou seja a criticidade não é um segredo, também, não é uma arte, é um mistério que está contido depois da uma leitura de uma vasta biblioteca. Se transformar numa pessoa crítica não é, criticidade vem da desse paradigma básico da pergunta sobre a realidade...

DOUGLAS: E da Liberdade de fazer essa pergunta que é muito, que é uma coisa chave, né, porque.

MARCUS: E de vez em quando quem está comandando dizer: Não sei, vamos elaborar, tem que pensar, não tem uma resposta agora, ou seja também existe isso aí.

DOUGLAS: E as pessoas, elas se perguntam, elas não perguntam para que, elas se perguntam, é acho que essa esse patamar....acho que tu tocou noutra assunto.... eu estou cuidando o tempo aqui... não vou.... eu estou fazendo outra coisa que não é essa questão da parte do trabalho manual do trabalho intelectual não existe essa separação. Eu lembro de ouvir comentaristas, gente se desse canais comentam política mesmo, no Youtube, falando de forma debochada da Carla Zambelli com a qual eu não tenho nenhuma afeição não é, mas é depois do fato de que ela estava em alguma dessas manifestações aí para impeachment ela estava organizando os banheiros. E aí filmaram, eu sou responsável pela organização de banheiro.E aí eu disse, ela não é essa da flor...

MARCUS: do ponto de vista da ideologia dominante uma pessoa organizar ba-

nheiro deve ser é algo que é o supra sumo da inutilidade né pra quem nunca limpou o banheiro.

DOUGLAS: Para que não venham também não tinha 1/01/1 facção qualquer coisa tinha que para botar o cara que fez essa brincadeira a usar o banheiro sujo assim por 1 ano.

MARCUS: e aí o que eu penso nessa semana nenhuma das vezes também AA enfim na crítica é vazia, né.

DOUGLAS: Aí eu vou partir então mais para a segunda pergunta é que é aquela frase famosa do Paulo Freire, que é Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender, não é, e a pergunta é... do enquanto coordenador enquanto professor seja da principalmente uma não é... é eu queria saber o que que tu que tu aprendeu assim não é para que muitas coisas mas é principais não é uma questão que talvez uma coisa que que seja história que considere levante assim que eu te tocou é uma coisa que foi um start é uma coisa importante é.

MARCUS: O que eu aprendi assim basicamente eu aprendi que muitas vezes as pessoas não acreditam no seu próprio conhecimento não acredito no seu potencial e isso normalmente tem a ver com também com a origem de classe com uma sociabilidade é dominada digamos assim que um dos grandes os grandes desafios assim a gente faz do campo e não cita também é passar a cotidianamente mostrar que as pessoas têm poder ele tem esse poder intelectual o poder da... da sua própria inteligência do seu próprio conhecimento e que isso não faz ninguém melhor do que ninguém muito menos pior ou seja que existe isso e deveria ser devolvido a em prol da do da própria sociedade da libertação ou seja lá o nome que vai chegar como de vez em quando a sociedade a ideologia determinados pressupostos se interiorizam dentro da das pessoas da sobretudo é de das partes sociais porque é essa questão do Youtube na mente do poder da imaginação e a possibilidade de imaginar estudando imaginar fazendo, o que está fazendo, uma pesquisa, tendo contato com a ciência e tal, é algo que para muitos esse paradigma não existe. Meu pai faz tal coisa minha mãe faz uma coisa meus irmãos, tão logo eu nasci para fazer isso. Não é socialmente estou e aí eu todo o poder que a gente tem que ter de ir construindo essas essa... essas possibilidades. E aí eu aprendi que muitas vezes ... hã.... Que ensinar o mais básico, e as pessoas compreenderem o básico, e irem atrás do próprio conhecimento e se sentirem assim, agentes disso, é mais importante do que uma bela aula, bem planejada, cheia de pacotes, slides, e tal, que a professora está bem segura, e tal, é tudo lindo maravilhoso, muitas vezes esse tipo de preocupação, a médio prazo é mais importante.

DOUGLAS: Bom, Marcus eu quero te agradecer veementemente, não é porque a é não só por ter dedicado teu tempo, mas por ter aberto as portas do Emancipa, não é eu acho que a Educação, ela... ela.... se faz assim mesmo, isso mostra o quanto é democrático, não é, forma geral então eu quero agradecer conversar com camarada foi sobretudo prazeroso.

MARCUS: A tá legal ,vamos continuar, cara, vamos continuar,a realidade quando nos impede (incompreensível) mas vamos fazer essa colaboração.

DOUGLAS: Vamos sim, em breve um Emancipa, em Bagé isso é um caminhamento daqui também.

MARCUS: Então depois me manda o trabalho.

DOUGLAS: pode deixar.

MARCUS: Valeu.

DOUGLAS: tchau.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA IV

DOUGLAS: Boa tarde, esse é nosso segundo e último encontro, né, acerca do Emancipa queria que tu contasse, como foi a tua experiência enquanto aluna no Emancipa? Claro que as outras tuas experiências que teve como educadora social podem se somar, óbvio, né, no decorrer das coisas que tu vai falar é e hoje eu a pergunta que para a gente conversar aqui é tem a ver com com a questão da teoria da ação dialógica do Paulo Freire não é, é eu queria entender como esses termos como essas concepções dele se aplicam o no na tua experiência na encontrá-lo. Mas para conseguir ou não perceber essas ações é, a gente vai escolher para analisar são é a colaboração que tem a ver com diálogo com o educador vai ser um é entender como tu não é que funcionou, no sala de massiva. É que tem muito a ver com a questão seguinte, enquanto classe classe de oprimidos, é a organização tem a ver com aqueles que que se que se libertasse massiva não é ele conseguir é organizar a classe e as colaborar na libertação de outros de outras pessoas que surge da educação como prática de Liberdade. Quando ele fazia aquelas entrevistas é para entender o léxico das pessoas e aplicaram é aquelas aquelas coisas de geradoras de tal, é, aquilo era importante não é saber qual era qual era o léxico dos alunos para ver quais palavras usar mais cultural como a gente está pensando no cursinho é universitário não é de que forma a cultura dos alunos permeou aula não é a cultura dos alunos ela vai mudar de acordo com a geração de acordo com a localização mais ela vai ser assim uma aula no Pará vão ter diferentes em Porto Alegre tem questões são importantes de formas distintas também né é e de que forma se aplica.

TAINARA: mas então é a minha pergunta alguns exemplos assim foi encaminhado de música educando quando preciso e ele sentado acho que não mas a última eu tinha falado um pouco disso assim quanto eu fui transformado e de qual o caminho impactou e me transformou mesmo e eu consegui levar um pouco que eu aprendi para minha comunidade mas enquanto tá falando isso conceitos eu lembrei de alguns momentos bem pesados assim depois que eu saí da cidade que eu fiquei 2015 esses 2 não é a gente conseguiu eu conseguia aprender e ter uma dimensão de uma outra proposta de educação que eu não tinha nem o Ensino fundamental e no ensino médio então era uma a gente sentia mesmo da nossa vida e a gente sentir alguém ali como se a gente passasse a ser a ser porque antes a gente não era bem assim a gente era a gente tipo a gente pode perguntar a gente pode questionar porque parece que A Vida da Gente foi travado e foi impedido é impedido não é entre parentes assim tipo de de falar de questionar de procurar saber

parece que a vida toda fazer sol eu nunca chamada e a gente conseguiu o que me deixava feliz. Não foi totalmente diferente do que eu tinha durante 2010 porque eu fiquei totalmente perdida no sentido de tipo eu estou na federal mas era total óbvio né que vai ser diferente que tem seus sentimentos não tinha mais e mesmo tipo tendo outros colegas que já tinham passado pelo cursinho ali naquela mesma federal e a gente se via às vezes. Mesmo assim enfim eu posso ser colhida em qualquer momento não tinha mais parece que tinha perdido e o choque foi aí e em 2018 eu postei uma mulher negra eu passei pelo de fogos porque é um direito não é desde 2008 enfim e aí o que aconteceu na época eu entrei eu em mais de 100 estudantes foram indeferidos por conta da das questões de entrada por conta de mascotas daí disseram tá faltando documentações quando na verdade não está aparecendo é então entendimento que eles denominavam essas matrículas como vai ficar as precárias se ele sabe para colocar a gente naquele lugar Zinho de nada a gente tinha passado então mas será e aí foi outro choque porque daí eu eu fui na avenida e aí com a ajuda do cursinho com os advogados do cursinho a gente conseguiu entrar com 2 processos mas enquanto isso ali 2018 aquela coisa de pegar a documentação de falar com advogado do cursinho e tal eu voltei para você eu poderia em 2018 na metade de 2008 porque eu tenho 2 no primeiro semestre de 2018 universidade aí na metade indeferido e aí com isso eu voltei para municipal daí o pessoal senadores pode voltar a hora que quiser eu poderia ter ficado até o final de 2018 ali naquela incerteza mas eu não queria Parece que é um outro um outro eu vou esperar as definições não tivesse essa vaga eu vou não quero ficar aqui e aí então foram é óbvio da universidade eu ia buscar que parece dentro desse universo todo que é universidade te jogam as leões.

DOUGLAS: Essa questão da das matrículas é acho que acho que tem uma coisa de que se tu perde perde as cadeiras que cursou né uma coisa nesse sentido.

TAINARA: Exatamente daí tipo eu fiz exato eu não sabia disso não queria saber nada não sabia nada de nada mas eu tava incomodada queria voltar não queria saber de mais nada e a Carla Zanella que é uma das coordenadoras estava organizando isso de de processo em causa com os advogados ali e agora e aí naquele momento em 2008 eu disse amiga sim vai vai para o vai para as aulas estação só mudava não não tinha não tinha como voltar eu tinha que voltar pra você pelo que ficar ali e aí óbvio é no segundo semestre de 2018 eu acabei que em 2009 quando eu tomei quando matrícula organizarem ver as comissões de novo não é e aí só foram indeferir em fevereiro de 2021 o ano passado mas enfim daí tipo quando eu voltei em 2009 um pouco mais seguro porque eles me deixaram mais segura não fica também aí eu tive que eu as cadeiras que eu não consigo fazer 2008

mas enfim foi preciso foi preciso.

DOUGLAS: Eu acho que tu levantou uma coisa é muito importante até que não está no roteiro de perguntas a gente vai né assim que a questão do acolhimento do afeto não é que o Paulo Freire vai falar do amor ele fala que não é o amor piegas assim né mas o amor, o amor no sentido de reconhecer o outro que vai se relacionar com essa questão aí. Ele fala que o ele é precisa amar os homens para que você conheça eles como outras pessoas que dialogam né e não alguém que tu chega lá e despejo o conteúdo que está aqui na tua cabeça e tu vai despejar pras pessoas simplesmente engolir aquilo não é isso sim é e o afeto ele é nesse nessa conta é muito importante eu até no processo de aprendizagem mesmo não é não acho que o eu estava comentando é eu estava falando com o Marcus, falando de quanto que é uma coisa de família né movimento movimento social é uma ideia até de romper com a família dessa bem da família nuclear não é mas assim mas o quando se transmite uma questão de acolhimento quando a lá as pessoas entendem uma família tradicional é enfim é assim é muito importante o relato muito obrigado por compartilhar comigo aqui é e eu eu eu eu sou assim eu eu faço eu faço parte desde de eu faço parte do PSOL de grupos que estão próximos de pessoas que atuam no Emancipa em outras áreas mas eu mas eu sempre via pessoas que trabalham lá. Estou eu de certa forma é uma cidade que é marginalizada forma eu estou aqui na Fronteira com Uruguai então ficou muito mais essa página aqui então é saber como é o trabalho aí só me fazem dar mais vontade de querer também assim é passar por coisas parecidas assim né, mas enfim. Outra pergunta né que eu quero te fazer te fazer é relacionado àquela frase do Paulo Freire né, de que quem ensina aprende ao ensinar de que quem aprende, ensina ao aprender e nessa tua experiência de 2 anos para eu acho que talvez fechado 3 anos mas e é quanto aluna de que forma tu te sentiu contribuindo pra aquele espaço da sala de aula no sentido assim ensinou naquele espaço, tipo, eu queria saber se consegue identificar de que forma. Tenho certeza que foi muito importante, no processo, mas eu queria saber de que forma tu enxergou isso.

TAINARA: Eu acho que na sala de aula em si eu não consigo enxergar mas o que eu não se dá para falar o que eu que me passou ali que eu aprendi coloquei fora pra mim foi um choque porque daí tá 2018 daí eu faço uma universidade mas é ao mesmo tempo um convite para trabalhar dentro da minha comunidade como educadora social e eu disse que é isso eu nem sei o que é isso, eu tenho, fiquei nervosa porque as pessoas acham que só pelo fato de eu passar em um curso de serviço social que eu poderia saber aí fui lá em casa eu fiquei pensando assim eu disse agora que eu vou fazer daí aceitei o

convite. E aí eu vou pegar e eu tipo não fui nem pensado, mas é um negócio, assim que quando eu estava fazendo foi tudo que eu aprendi no Emancipa, tudo exatamente tudo, de uma maneira assim. Claro trabalhar na assistência, eu trabalhava na parte da assistência social. Então trabalhar na política de assistência social é algo muito precário e ainda mais dentro de uma comunidade porque falta um RH falta de material falta tudo, então era um ambiente onde não tinha uma coordenação pedagógica e aí ao mesmo tempo desse aprender assim né e aí eu só tinha uma formação que estava começando e aí eu pude ver essa questão assim muito de dessa pedagogia do Freire que eles falavam muito nocivas muito pela grande que é o medo que eu trouxe de lá mas também pelas educadoras: as mulheres da comunidade mesmo, mães da comunidade que me acolheram de alguma forma e também me transformaram comunicadores social porque ela dali no dia a dia nas práticas delas cotidianas, elas conseguiam me proporcionar aquilo daí depois disso quando caiu a ficha disse: “meu Deus, meu Deus, eu estou eu estou conseguindo passar para as crianças aqui tudo e absolutamente tudo”. Isso é muito legal, muito legal. E aí eu vejo assim, tanto dentro quanto fora porque daí ali eu estava com uma aluna e pude trazer um pouquinho desse saber da comunidade, dentro da comunidade também, eu não me via como educador social e as mulheres negras da comunidade me formaram, então, e isso é o que eles falavam também nessa coisa que o Paulo Freire falava, isso eu vi um documentário, um tempo atrás, não lembro o título que qualquer um pode ser um educador desde a tia da cozinha, do lanche, todo mundo, todo mundo pode ser educador, todo mundo tem o dom de ensinar e de aprender enfim eu fiquei muito com isso na cabeça e daí eu vi que tudo aquilo que eles falavam se foi muito nessa lógica estava conseguindo aprender também com os educandos olha como eu tava com uma doce porque ele era enfim então eu consegui ver exatamente as coisas assim acontecendo e aí eu tive um pouquinho de medo, mas foi ao mesmo tempo transformador de ver assim as coisas acontecendo tomando forma porque antes eu conseguia enxergar aquilo em mim eu conseguia me enxergar transformada, mas aí transformar o ambiente onde eu tô, mas não é um sentido de tu vai ir lá como a heroína salvadora, não era nada disso, tipo eles me transformaram ali eu levei um pouco para eles e eles também conseguiram colocar um pouco deles em mim, então esse processo assim há de não ser mais uma educadora hoje eu não atuo mais como educadora social mas essa coisa de saber que eu era educadora popular vai estar sempre, até mesmo enquanto sem social futuramente.

DOUGLAS: Eu já eu já conclui o roteiro das coisas, mas eu quero comentar outra coisa porque uma das coisas eu fico com muita vontade de comentar é que eu tinha isso,

esse, é um tema que acabei acabou falando mais cedo pelo desenrolar da conversa e tal, é que tem a ver com a educação crítica né a educação o Marcus falou que ensinar a criticar não tem nada de genial, e que essa coisa de questionar, de perguntar não tem nada novo e eu comentei duas coisas né, primeiro que quando a gente que também organiza as coisas, dá aula etc eu já tive essas experiências né, eu já dei aula já, faço parte do grupo, e eu acho que é importante, vital, ter esse mecanismo que permita que todos possam perguntar, acho que eu já vi nesse papel de organização de alguma coisa e acho que também, assim como a arma da crítica quanto tu incentiva perguntem a se votam pra própria organização. porque é que tu ensina a criticar né isso às vezes volta contra o próprio educador. É importante né, às vezes tu tem que estar diversificando tantas coisas e tal não é fazer uma certa disputa mas que é a parte do processo.

TAINARA: É, eu acho que é isso que tu comentou sobre eu nem sabia que eu podia perguntar então acho que o processo se reconhecer enquanto tu né faz parte de também entender a essa esse processo da crítica, né, enfim eu acho que eu não sei tem uma pessoa mais um comentário mesmo porque assim fazendo essa conexão assim não é entre entre o que tu falou não é enquanto você aplica na prática.

DOUGLAS: Quero agradecer o quanto conversar com vocês foi bom, identificar quão transformador pode ser o cursinho, não é?

TAINARA: Uma família não tinha pretensão nenhuma sabe as coisas aconteceram de uma maneira assim fora do normal.

DOUGLAS: Fico pensando o quanto o quanto esses processos poderiam existir. Na UFRGS né, federal, também apesar de um pouco diferente assim no tratamento também existe esse certo distanciamento entre professor e aluno não é? Quanto a gente precisa refundar a educação não é quanto a gente precisa reformular o quanto e que pode-se ter grupos de apoio, de assistência jurídica, por exemplo, na própria universidade, mas enfim está não quero tomar muito seu tempo não sei se quer fazer uma consideração final, concluir, queria te agradecer mais uma vez por estar aqui para compartilhar também.

TAINARA: Eu amei os encontros fiz aqui até mais então não é a gente a gente no fim teve que recalculer a rota né porque não ia conseguir passar os sentidos nos processos fiquei bem feliz de compartilhar contigo eu acho que ir mapeando assim meu processo acho que faz todo sentido assim, de sabe de ver assim, os passos que fui dando pra chegar até aqui.

DOUGLAS: é bem... bem bacana assim acima de qualquer coisa é muito prazeroso conversar com vocês foi foi... foi... foi legal assim eu achei que eu ia ficar meio

assim meio quieto não vou falar muito mas pra mim foi muito foi muito legal, a gente se fala. Um beijo, até mais.

TAINARA: Um beijo, até mais.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O termo foi coletado antes do trabalho ter o nome modificado e por isso consta assim.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS BAGÉ
COMPONENTE CURRICULAR TCC II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você é convidado(a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa investigativa proposta e orientada pela professora MIRELA RIBEIRO MEIRA, da Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé. Ela está sendo realizada na Rede Emancipa, a fim de verificar as relações entre modelos hegemônicos e contra-hegemônicos em instituições de Educação Popular e algumas concepções de Paulo Freire. A partir de observações e diálogos com pessoas da instituição supramencionada, essas informações serão utilizadas no Trabalho de Conclusão do Curso de Letras Português e suas respectivas Literaturas, que pretende contribuir com reflexões no campo da Educação, da Sociedade e da Cultura, com foco na Educação Popular e Cursinho Pré-Universitários, a partir de reflexões teóricas, éticas, estéticas e políticas nesse campo. Para isso, contamos com e agradecemos tua participação!

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

TÍTULO DO PROJETO: A TEORIA FREIREANA NA PRÁXIS EDUCATIVA DE UMA INSTITUIÇÃO POPULAR : O "CURSINHO" EMANCIPA

LICENCIANDO RESPONSÁVEL: DOUGLAS FERREIRA SOARES

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL

Eu, MARCUS VINÍCIUS MARTINS VIANNA
abaixo assinado, concordo em participar desse estudo. Declaro que, de maneira clara e detalhada, fui informado dos objetivos da pesquisa. Esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste Termo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo a publicação de entrevista, informações e/ou imagens para serem utilizadas na pesquisa e apresentadas em instituições de ensino e eventos científicos.
Bagé, 09 de fevereiro de 2022.

Nome: MARCUS VINÍCIUS MARTINS VIANNA

Documento: 7077903267 RG Nº:

Assinatura: [Assinatura]

Assinatura do pesquisador: [Assinatura]

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O termo foi coletado antes do trabalho ter o nome modificado e por isso consta assim.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS BAGÉ
COMPONENTE CURRICULAR TCC II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você é convidado(a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa investigativa proposta e orientada pela professora MIRELA RIBEIRO MEIRA, da Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé. Ela está sendo realizada na Rede Emancipa, a fim de verificar as relações entre modelos hegemônicos e contra-hegemônicos em instituições de Educação Popular e algumas concepções de Paulo Freire. A partir de observações e diálogos com pessoas da instituição supramencionada, essas informações serão utilizadas no Trabalho de Conclusão do Curso de Letras Português e suas respectivas Literaturas, que pretende contribuir com reflexões no campo da Educação, da Sociedade e da Cultura, com foco na Educação Popular e Cursinho Pré-Universitários, a partir de reflexões teóricas, éticas, estéticas e políticas nesse campo. Para isso, contamos com e agradecemos tua participação!

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

TÍTULO DO PROJETO: A TEORIA FREIREANA NA PRÁXIS EDUCATIVA DE UMA INSTITUIÇÃO POPULAR : O "CURSINHO" EMANCIPA

LICENCIANDO RESPONSÁVEL: DOUGLAS FERREIRA SOARES

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL

Eu, Franciele Rodrigues da Silva
abaixo assinado, concordo em participar dessa estudo. Declaro que, de maneira clara e detalhada, fui informado dos objetivos da pesquisa. Esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste Termo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo a publicação de entrevista, informações e/ou imagens para serem utilizadas na pesquisa e apresentadas em instituições de ensino e eventos científicos.
Bagé, 09 de fevereiro de 2022.

Nome: Franciele Rodrigues da Silva

Documento: 812 491 9104 RG Nº:

Assinatura: Franciele Rodrigues da Silva

Assinatura do pesquisador: [Assinatura]

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O termo foi coletado antes do trabalho ter o nome modificado e por isso consta assim.

A participante não se sentiu confortável em compartilhar seus documentos.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS BAGÉ
COMPONENTE CURRICULAR: TCC II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você é convidado(a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa investigativa proposta e orientada pela professora MIRELA RIBEIRO MEIRA, da Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé. Ela está sendo realizada na Rede Emancipa, a fim de verificar as relações entre modelos hegemônicos e contra-hegemônicos em instituições de Educação Popular e algumas concepções de Paulo Freire. A partir de observações e diálogos com pessoas da instituição supramencionada, essas informações serão utilizadas no Trabalho de Conclusão do Curso de Letras Português e suas respectivas Literaturas, que pretende contribuir com reflexões no campo da Educação, da Sociedade e da Cultura, com foco na Educação Popular e Cursinho Pré-Universitários, a partir de reflexões teóricas, éticas, estéticas e políticas nesse campo. Para isso, contamos com e agradecemos tua participação!

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

TÍTULO DO PROJETO: A TEORIA FREIREANA NA PRÁXIS EDUCATIVA DE UMA INSTITUIÇÃO POPULAR : O "CURSINHO" EMANCIPA

LICENCIANDO RESPONSÁVEL: DOUGLAS FERREIRA SOARES

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL

Eu, Angélica Lima dos Santos

abaixo assinado, concordo em participar desse estudo. Declaro que, de maneira clara e detalhada fui informado dos objetivos da pesquisa. Esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste Termo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo a publicação de entrevista, informações e/ou imagens para serem utilizadas na pesquisa e apresentadas em instituições de ensino e eventos científicos.

Bagé, 09 de fevereiro de 2022.

Nome:.....

Documento:..... Nº:.....

Assinatura: Angélica Lima dos Santos

Assinatura do pesquisador: D.....

ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O termo foi coletado antes do trabalho ter o nome modificado e por isso consta assim.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS BAGÉ
COMPONENTE CURRICULAR: TCC II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você é convidado(a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa investigativa proposta e orientada pela professora MIRELA RIBEIRO MEIRA, da Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé. Ela está sendo realizada na Rede Emancipa, a fim de verificar as relações entre modelos hegemônicos e contra-hegemônicos em instituições de Educação Popular e algumas concepções de Paulo Freire. A partir de observações e diálogos com pessoas da instituição supramencionada, essas informações serão utilizadas no Trabalho de Trabalho de Conclusão do Curso de Letras Português e suas respectivas Literaturas, que pretende contribuir com reflexões no campo da Educação, da Sociedade e da Cultura, com foco na Educação Popular e Cursinho Pré-Universitários, a partir de reflexões teóricas, éticas, estéticas e políticas nesse campo. Para isso, contamos com e agradecemos tua participação!

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

TÍTULO DO PROJETO: A TEORIA FREIREANA NA PRÁXIS EDUCATIVA DE UMA INSTITUIÇÃO POPULAR : O “CURSINHO” EMANCIPA

LICENCIANDO RESPONSÁVEL: DOUGLAS FERREIRA SOARES

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL

Eu, Tainara Machado Costa

abaixo assinado, concordo em participar desse estudo. Declaro que, de maneira clara e detalhada, fui informado dos objetivos da pesquisa. Esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste Termo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo a publicação de entrevista, informações e/ou imagens para serem utilizadas na pesquisa e apresentadas em instituições de ensino e eventos científicos.

Bagé, 09 de fevereiro de 2022.

Nome: Tainara Machado Costa

Documento: CPF Nº: 8.57.569.540-15

Assinatura: Tainara Machado Costa

Assinatura do pesquisador: [Assinatura]